U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A Escarpa dos Guindais e das Fontaínhas

Apontamentos sobre desenho, projeto e transformação da cidade

Adriana Leal Pacheco

M

2019



Universidade do Porto

Faculdade de Arquitectura

A Escarpa dos Guindais e das Fontaínhas

Apontamentos sobre desenho, projecto e transformação da cidade

Adriana Leal Pacheco

Dissertação de Mestrado apresentada à

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

sob a orientação da

Professora Doutora Marta Oliveira

Porto, 2019

Notas à presente edição

A presente prova não foi escrita ao abrigo do novo Acordo Ortográfico. Todas as citações presentes no corpo de texto foram transcritas com a mesma grafia do documento original, quando em português, ou traduzidas livremente pelo autor, quando em língua estrangeira, com referência à citação e documento originais nas notas de rodapé.

Algumas imagens apresentadas foram editadas, dimensionadas ou cortadas pelo autor, com a respectiva referência nas referências iconográficas.

Agradecimentos

Aos meus pais, por tudo;

à professora Marta Oliveira, pela inesgotável paciência e disponibilidade, e pelos sábios e acertados conselhos;

a todos os colegas por me ensinarem a pensar a arquitectura por diversos modos;

a todos os amigos que me ensinam a dar sentido ao *mundo*.

Abstract

The present study is developed around the debate upon the place's identification in the contemporary city, known from the recognition of spatial and temporal variety of Oporto hillside, enabling the complexity of thought between the city's architecture and the inhabited place, particularly the Guindais and Fointaínhas's scarp for its singular location.

We consider important to hightlight, through an architectural view of the city, the recognition of the space and shape in its urban materiality through the place's memory, from where is possible to extract fundamental information for the city's draw, project and tranformation. Therefore, we propose to research about the process of construction of the place wich, despite its actual state of degradation, abandonment and apparent stagnation, still allows us to make a reading around its identity that, little by little, deteoriorates giving place to an existential emptiness in the shadow of a barely known dynamic we intend to uncover.

We undertake our study from the recognition of the urban core's implantation and growth towards the east in an image of unambiguous relation btween the inside and the outside defined by its walled limit, keeping the permanent contact with the Douro River, embodied in the axis between Batalha Square and the old Guindais Pier. This high level-low level axis, still implicit in the rban tissue, ties up definition principles between the public and private sphere which shape lays in the public accessibility — Codeçal and Guindais's stairs and the Corticeira ramp — and the subtlety of the contact with the overlooking terraces over the Douro River.

An incursion throught the Oporto's hillside terraces does not exonerate but rather compels to recover the place's idea, as a unique dwell-build space. Here resides, in our view, the complexity enunciated in the place's own uniqueness: the originality and intelligence regarding the organization of the space appealed by its own morphology.

Resumo

O presente estudo desenvolve-se em torno do debate acerca da identidade do lugar na cidade contemporânea através do reconhecimento da variedade espacial e temporal da encosta portuense. Variedade que proporciona a complexidade do pensamento entre a arquitectura da cidade e o lugar habitar, interpretado, particularmente, no caso da escarpa dos Guindais e das Fontaínhas pela sua localização singular no território.

Como tal, consideramos importante destacar o conhecimento do espaço e da forma na sua materialidade urbana a partir da memória do lugar, de onde é possível extrair informações fundamentais para um sentido de desenho, projecto e transformação da cidade. Propomos, portanto, indagar sobre o processo de construção desse lugar que, embora se apresente em estado de degradação, abandono e aparente estagnação, ainda nos permite fazer uma leitura em torno da sua identidade, que, pouco a pouco, se deteriora, dando lugar a um vazio existencial, na sombra das sucessivas dinâmicas da sua formação, as quais procuramos desencobrir.

Empreende-se a partir de uma abordagem aos princípios de implantação do núcleo urbano e do seu crescimento para oriente, num quadro de nítida relação entre o interior e o exterior definido pelo limite amuralhado; ainda com o sentido permanente de contacto com o rio Douro traduzido nos eixos entre a cota alta e a cota baixa, sendo que pensamos, precisamente o eixo entre a Praça da Batalha e o antigo cais dos Guindais. Este eixo, ainda implícito no tecido urbano, amarra princípios de definição da esfera pública e esfera privada, cuja forma assenta na integração entre os acessos públicos — escadas do Codeçal, escadas dos Guindais e rampa da Corticeira — e a subtileza do prolongamento do edificado nos terraços sobranceiros ao Douro.

Uma incursão pelos terraços da encosta portuense não dispensa, mas antes obriga, a recuperar a ideia de lugar enquanto espaço único de habitar-construir. Aqui reside, no nosso entender, a complexidade enunciada na própria especificidade do lugar: a originalidade e a inteligência na organização do espaço que a própria morfologia apela.

Sumário

Agradecimentos, *i.*
Resumo | *Abstract*, *ii.*
Sumário, *v.*
Introdução, *vii.*

1. Arquitectura, Cidade, Habitar (princípios)
1.1. Arquitectura da Cidade, 03
1.2. Lugar de Habitar, 06
1.3. Elaboração de duas linhas de pensamento, 10

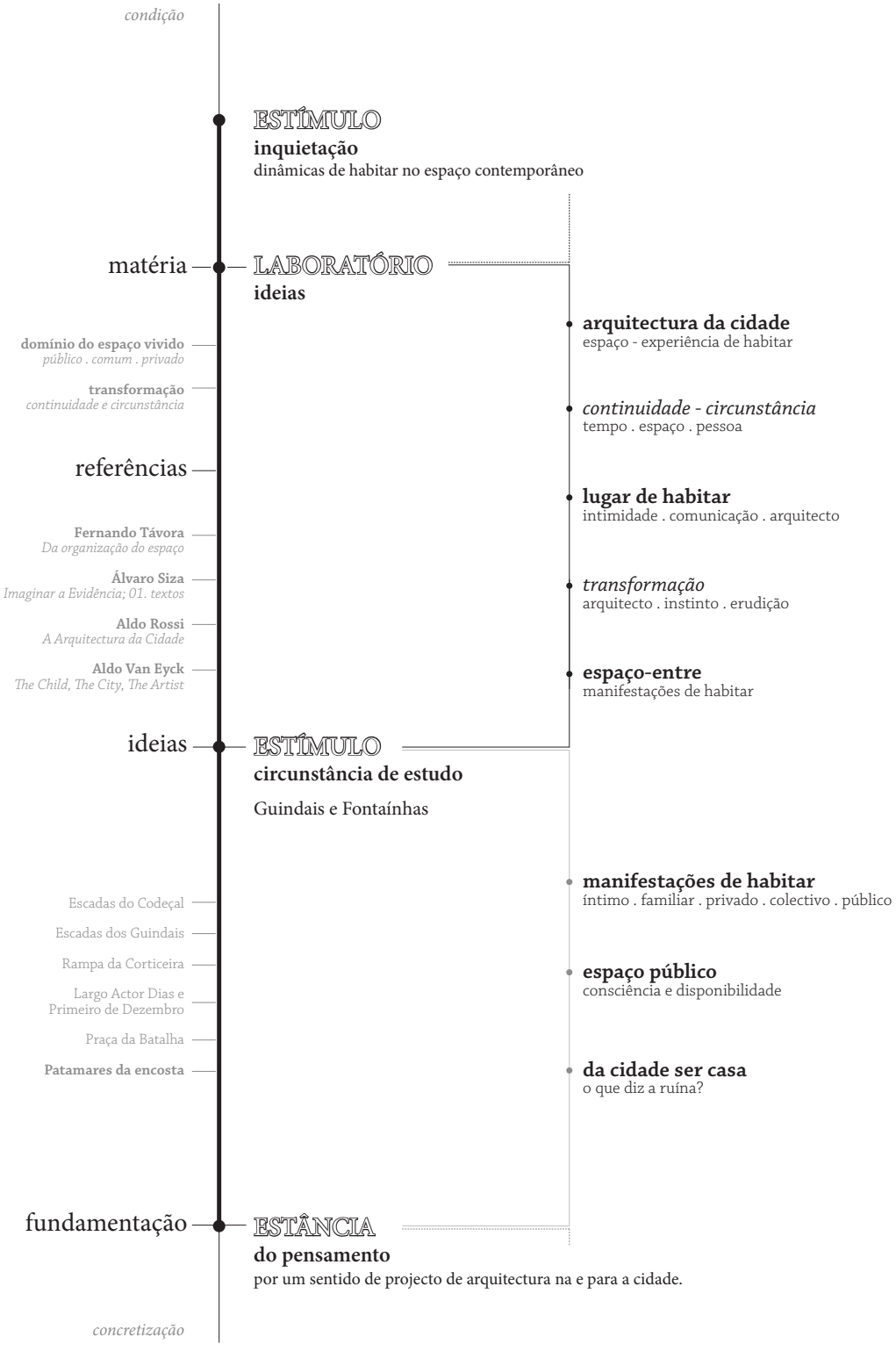
2. Estado Silvestre do Território
2.1. Da escolha ao desenho do lugar, 17
2.2. Consolidação do espaço-público: entre o espaço de lazer e o espaço doméstico, 32
2.3. Transformações Urbanas, 37

3. (Codeçal), Guindais e Fontaínhas
3.1. Problematização e demarcação de uma atitude, 66
3.2. Continuidade e Circunstância, 72
3.3. O espaço-entre, 77

4. Cartografias de Habitar
4.1. Percorrer a continuidade, avaliar a circunstância, 82
4.2. O que diz a ruína?, 95
4.3. Construção da disponibilidade: entre o possível e o necessário, 100

5. Desenho, projecto e transformação da cidade (uma nota final), 105

Bibliografia, 111
Créditos de Imagens, 116


condição
ESTÍMULO
inquietação
dinâmicas de habitar no espaço contemporâneo
matéria
LABORATÓRIO
ideias
arquitectura da cidade
espaço - experiência de habitar
domínio do espaço vivido
público . comum . privado
transformação
continuidade e circunstância
continuidade - circunstância
tempo . espaço . pessoa
referências
lugar de habitar
intimidade . comunicação . arquitecto
Fernando Távora
Da organização do espaço
Álvaro Siza
Imaginar a Evidência; 01. textos
transformação
arquitecto . instinto . erudição
Aldo Rossi
A Arquitectura da Cidade
Aldo Van Eyck
The Child, The City, The Artist
espaço-entre
manifestações de habitar
ideias
ESTÍMULO
circunstância de estudo
Guindais e Fontaínhas
manifestações de habitar
íntimo . familiar . privado . colectivo . público
Escadas do Codeçal
Escadas dos Guindais
Rampa da Corticeira
Largo Actor Dias e
Primeiro de Dezembro
Praça da Batalha
Patamares da encosta
espaço público
consciência e disponibilidade
da cidade ser casa
o que diz a ruína?
fundamentação
ESTÂNCIA
do pensamento
por um sentido de projecto de arquitectura na e para a cidade.
concretização

Introdução

A composição gráfica da página precedente corresponde a um tentativa, realizada há uns meses, de organizar pedaços de trabalho numa articulação com sentido.

O centro da composição gráfica ilustra um método, contínuo e estável, que ancora algumas ideias que dão conta de um território pelo qual nos parecia possível caminhar.

Tínhamos dois estímulos de estudo: por um lado, uma inquietação, quais as dinâmicas de habitar o espaço contemporâneo; e, por outro lado, uma circunstância de estudo, que pretendia ser o suporte ao primeiro estímulo, a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas. Desses dois estímulos partiam ideias, como títulos, mais ou menos estáveis cujo objectivo seria o de fundamentar um sentido de projecto de arquitectura para a cidade. As ideias, por sua vez, estavam agarradas a algumas referências que acompanharam estes sete anos de descoberta académica pela arquitectura.

A precoce e ingénua composição gráfica, em que tudo parece linear, não dá conta da curiosidade por novas ideias que resultam de outras já experimentadas. Portanto, não dá conta do que o trabalho é no seu resultado, mas ilustra bem o seu percurso. A sua batalha sempre foi a organização e articulação das diferentes frentes do trabalho, em que a relação sempre nos pareceu inevitável, mas também sempre foi pouco evidente. A procura de um fio condutor, que colocasse em ordem o pensamento e a circunstância de estudo, fez-se a par da construção dos vários elementos que compõe a dissertação, a ritmos, tempos e densidades, infelizmente, diferentes. Propomos, agora, uma possível leitura da dissertação, conscientes de que poderia ser mais, ser outra, ou até mesmo, ser mais completa.

A vontade do trabalho sempre foi pensar o papel da arquitectura no contexto complexo da cidade, partindo do reconhecimento preciso das dinâmicas e transformações do lugar de habitar - a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas. Abordar as dinâmicas e transformações do espaço de habitar indica dois modos de pensamento distintos, mas complementares. Por um lado, questiona as características evidentes na transformação do espaço, o que foi e o que é; e, por outro lado, inquire sobre as implicações da produção do lugar no habitante, a condição de pertencer ao *mundo.* Neste sentido, procuramos ser um *arquitecto-habitante*, com vontade de consolidar ferramentas de estudo em relação à arquitectura da cidade a ao lugar de habitar. Após uma pesquisa intensa em torno da cartografia antiga da cidade do Porto com o objectivo de descobrir como é que o espaço se transformou no tempo,

percorremos o lugar, cartografando-o.

Neste sentido, o trabalho tem como objectivo tornar inteligíveis as características capazes de criar elos de ligação e de continuidade dos vários tempos de transformação do lugar de habitar. Condição que apela à urgência de pensar o domínio do espaço vivido, a legitimidade de construir para viver bem, habitar completamente. A escarpa dos Guindais e das Fontaínhas é a circunstância de estudo, contempla um conjunto de espaços representativos de uma obra inacabada, de uma realidade fragmentária.

*

Para uma trama plural de pensamentos é necessário, efectivamente, um método que realize o seu propósito. Enredamos ideias, avançamos na exploração de sentidos, apontamentos que pretendem alcançar o fio condutor e uma abertura à interpretação do próprio pensamento. Com algumas incertezas os apontamentos procuravam traçar um caminho que realizasse, simultaneamente, os factos e as ideias. Perante estas premissas orientamos o trabalho em cinco apontamentos.

Um primeiro, *Arquitectura, Cidade, Habitar (princípios)*, visa clarificar as referências pela interacção livre de pensamentos e considerações sobre a prática da arquitectura na cidade que valida a importância de uma arquitectura contextual ao abrigo das necessidades e afectos do homem; um conjunto de textos descontínuos de forma a recolher diferentes suportes que são úteis para a construção da ideia.

Um segundo, *Estado Silvestre do Território*, pretende fazer uma análise sobre a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas sendo incisivo na transformação do lugar no tempo, de forma a identificar os valores do lugar habitado. Empreende-se a partir de uma análise da escarpa dos Guindais e das Fontaínhas na encosta portuense e na relação com o centro histórico do Porto que se desenvolveu num quadro de nítida relação entre o interior e o exterior definido pelo limite amuralhado. Realidade que se prolonga até sensivelmente ao século XVIII, quando as intervenções promovidas pela Junta de Obras Públicas visaram colocar

ordem ao crescimento urbano que se fazia sem regra fora de muros, prevalecendo, ainda, preocupações com o espaço-público — a praça, a rua, o passeio, o miradouro —regido por princípios de regularidade das formas.

Um terceiro, *(Codeçal), Guindais e Fontaínhas*, à semelhança do primeiro apontamento, visa, agora, aprofundar a reflexão e acolher as novas ideias que são úteis para compreender as manifestações de habitar, interessa-nos particularmente a hipótese da cidade ser casa e vice-versa.

Um quarto, *Cartografias de Habitar*, surge como complemento ao segundo apontamento, agora colocamo-nos no papel de *arquitecto-habitante*, através disso seleccionamos um conjunto de desenhos na tentativa de dar nota da relação que se estabelece com a circunstância do lugar, exprimindo a experiência de habitar.

Por fim, o quinto apontamento, *Desenho, projecto e transformação da cidade (uma nota final)*, pretende fazer um balanço final sobre um sentido de projecto (de arquitectura) na e para a cidade.

Ao longo do trabalho procuramos, sempre que possível, incluir uma visão ampla e simultaneamente selectiva do lugar da escarpa dos Guindais e das Fontaínhas. Tentamos expor os fundamentos de forma sintética por forma a esclarecer uma ideia em torno destes lugares na cidade e por uma arquitectura eloquente sobre a arte de viver.

1. Arquitectura, Cidade, Habitar

(princípios)

1.1. Arquitectura da Cidade

A realização de um ensaio empreende, tendencialmente, a procura pela essência da questão que se propõe ser estudada, seja de forma conceptual na convocatória da origem epistemológica dos termos, seja através de factos que se utilizam para desencobrir as provas das diferentes ideias que se experimentam. A nossa proposta de estudo sobre a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas enquanto desenho, projecto e transformação da cidade prolonga-se na proveniência de tal manifestação.

Saber da impossibilidade de instruir uma proposta de inquérito à cidade de forma inequívoca e absoluta não nos impede de especular sobre algumas possibilidades de reflexão. Uma das vias possíveis para discorrermos honestamente sobre a cidade está implícita na expressão *arquitectura da cidade*. Sugerimos interpretar a arquitectura, de um modo geral, enquanto espaço e forma e, de modo simétrico, pensar a cidade como um conjunto de espaços e de formas que se relacionam entre si.

Em *"Da Organização do Espaço"*, Fernando Távora propõe como *"noção fundamental"*[1] a de que *"o espaço que separa - e liga - as formas é também forma"*[2] e, como tal, resulta na inexistência de formas isoladas e na existência sempre de uma relação mútua entre forma e espaço[3]. Além disso, acrescenta que o espaço adquire valor quando lhe atribuímos um sentido, uma organização, ou seja, quando no espaço ocupado pelo homem são desenvolvidas intenções, manifestações de vontade que tendem para a *"criação harmoniosa do espaço"*[4]. Assim, ao considerarmos a cidade como arquitectura consideramos também que nela existe uma organização por parte do homem que se movimenta, cria hábitos e, assim, vive o espaço. Trata-se, segundo Távora, de uma quarta dimensão dada pelo movimento, o tempo[5].

---

1 TÁVORA, Fernando. *Da organização do Espaço.* Porto: FAUP publicações, 2008, p. 12.

2 *Ibidem.*

3 "entre as formas que vemos ocuparem o espaço, (...) entre elas e o espaço que, embora não vejamos, sabemos constituir forma, negativo ou molde, das formas aparentes".
Ibidem.

4 "(...) considerando que harmonia é a palavra que traduz exactamente equilíbrio, jogo exacto de consciência e de sensibilidade, integração hierarquizada e correcta dos factores."
Ibidem.

5 "Ao referimos acima a organização do espaço a duas e três dimensões utilizamos o termo "convencionalmente", visto se sabido que a quarta dimensão, tempo, não pode por-se à margem em qualquer dos casos, verdade hoje correntes mercê da teoria da relatividade como a sua noção de "espaço-tempo". *Ibidem*

Podemos, então, sustentar um pensamento sobre a cidade como espaço vivido, ou, dito de um outro modo, como a forma espácio-temporal segundo o qual o habitar humano se desenvolve no mundo. Neste sentido, interessa-nos colocar a hipótese do entendimento da arquitectura da cidade como a construção do espaço de habitar. E, estando essa construção vinculada ao habitar, achamos pertinente partir da questão de Heidegger: *Em que medida pertence um habitar ao construir?*[6]

Pensar a cidade como arquitectura, como espaço organizado, implica também pensá-la como construção. A resposta à questão de Heidegger procura esclarecer o que é propriamente construir a partir de essência de habitar. A partir das palavras alemãs *buan* e *bauen*, o autor procura justificar que habitar é o fim a que se impõe a todo o construir. *Buan,* habitar, significa a maneira do homem, enquanto ser, permanecer sobre a terra. Por sua vez, em *bauen*, construir, está implícito que o homem é na medida em que habita com o sentido de crescimento pela protecção e o cultivo da terra. Ao modo de construir como cultivar a terra, em latim *colere*, acrescenta um outro, o construir como edificar construções, *aedificare*, ambos contidos no sentido próprio do *bu*an, isto é, no habitar. Assim, no sentido de habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, construir torna-se a condição necessária para a produção dos espaços capazes de integrar a condição do ser no mundo[7]. Se, por um lado, o ser da *hab*ita*ção é* permanecer protegido na quadratura - a totalidade que une terra e céu, deuses e mor*tais*, dia e noite -, por outro lado, exige o entendimento da terra, o conhecimento dos meios com que *o ter*ritório é realizado.

Mas, de que se trata este habitar que transcende o conhecimento do meio? Parece-nos ajustado esclarecê-lo através de uma breve nota acerca do conceito de habitar s*egundo* o exemplo da casa vivida explorado por Gaston Bachelard: A ca*sa vivida* não é uma caixa inerte, o espaço habit*ado t*ranscende o espaço geométrico.8 Numa casa habitada existe uma qualidade emocional, uma substância afectiva, é mais do que estar alojado entre meras paredes, do mesmo modo que um lugar é mais do que uma sim*ples localiz*ação no espaço. Bachelard procura demonstrar, através de diferentes casas, que o habitante, antes de uma

6 HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar*. p.1 Tradução de Maria Sá Calcancante Shuback. Disponível em: <URL: http://www-prourb.fau.ufrj.br/jko/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>.

7 A expressão "ser-no-mundo" é utilizada por Christian Norberg-Schulz para explicar, através de Heidegger, o acto de habitar o lugar. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Habitar, vers une architecture figurative*. Milão: Electa, 1985.

8 BACHELARD, Gaston. *La poétique de l'éspace*. 3.ª ed. São Paulo: Martim Fontes, 1998, p. 44.

consciência do mundo exterior, antes sequer de uma consciência do próprio ser, é envolvido de materiais que o acolhem, que o medeiam e preparam para habitar o mundo. A verdadeira experiência de habitar tem início nesse acolhimento, nesse conforto que é a casa, dando lugar à construção da identidade do território interior, da pessoa. Se a intimidade da casa é uma necessida*de incontornável para a construção de identidade, também o é a comunicação, as contamin*ª̧ões a que essa identidade se presta. É no confronto com o exterior que se dá a descoberta do mundo, paralela à formação do próprio ser. Existe uma proximidade muito forte entre casa e cidade, o interior e o exterior, que nos parece interessante desenvol*ver n*o decorrer do estudo.

Habitar na cidade implica uma comunicação intensa com o exterior, uma sucessão de acontecimentos que denotam uma certa afectividade que a casa transporta. Lembramos, como exemplo, os almoços familiares de Domingo que percebemos acontecerem nas Fontaínhas e nos Guindais, os encontros para ver o jogo de futebol no café Guindalense, ou, ainda, a festa popular de São João. Não podemos arredar do lugar a figura da lembrança, um universo afectivo que vem viver, pelo sonho, segundo Bachelard, cada novidade do lugar. Como tal, o espaço construído deve constituir-se como albergue da presença da lembrança. Ao reconhecermos no lugar uma capacidade de reter, pela lembrança, o tempo, ao reconhecermos que o lugar é parte da formação da pessoa, o edificado (forma e espaço) deverá incluir alguma dessa propensão para albergar o passado. Tarefa essa que, mais do que uma aproximação às formas desses lugares de permanência, deve ser procurada na consistência do edifício, uma identidade diante da qual o ser possa realizar e recuperar no presente a herança de um passado. O valor do passado a que nos referimos não se encontra no acontecimento cronológico, ele surge, antes, da capacidade de acolher, de reencontrar em cada novo projecto o conforto das casas de Bachelard.

A necessidade de habitar é fundamental para o construir, precisamente pela relação entre a pessoa e o lugar. Só podemos construir se formos capazes de habitar. Sabendo que o espaço só acontece na sua experiência e abre para o manuseio de matérias e afectos permanentes, de que forma podemos tornar inteligível a espacialidade e as permanências nos Guindais e nas Fontaínhas? Assim sendo, reflectir sobre a experimentação do habitar o lugar e saber ler o lugar de habitar constitui a primeira premissa para reconhecermos na escarpa dos Guindais e das Fontaínhas temas subjacentes ao desenho e ao projecto da cidade contemporânea.

1.2. Lugar de Habitar

Anteriormente relacionamos a arquitectura da cidade com o habitar. Concluímos que habitar é organizar o espaço e também ser marcado por ele, o que significa que não habitamos no abstracto, mas *no* e *com* o espaço. Habitar, além de ser uma expressão de vida e de afectos, é, ainda, uma questão de tempo: a ciclicidade dos dias, noção de ritmo e de orientação no espaço.

Ao evocar a organização do espaço e do tempo no sentido lato de habitar visita-nos um desejo incontrolável de regressar à origem da arquitectura. Não no sentido de ilustrar uma nostalgia de um passado autêntico, mas enquanto exercício que pretende repensar a validade da nossa profissão e de compreender as raízes daquilo que será projecto. Ao nos inquirimos sobre os pressupostos dissimulados na origem da arquitectura, sobre o seu sentido, fazêmo-lo no intuito de delinear guias para questionar o projecto enquanto método para a construção de um sentido de cidade presente. Surge a vontade de descobrir, por um lado, a relação entre a necessidade de um espaço físico de abrigo e a construção simbólica do território, primeiro da pessoa, depois da família, seguindo-se da cidade, e, por outro lado, questionar o refinamento da construção, um saber que vai além do instinto pela procura do abrigo, e representa um despertar do intelecto.

Bernard Rudofsky sugere que o acto de construir é um acto transversal a boa parte da biosfera: um impulso do corpo para se proteger de um exterior desfavorável. O instinto de construir dos primatas, as plataformas que constroem nas árvores para dormir, pode facilmente passar a um acto voluntário e consciente que reconhecemos em dispositivos edificados bem mais complexos de outros animais, as colmeias e os formigueiros denotam um ampla ordem de organização social e produtiva. Estes manifestos são os primeiros passos das artes mais simples, entre as quais a *"rude architecture"*.[9] Se a este ponto não nos espanta uma ideia de construção anterior ao próprio homem, Rudofsky desafia-nos a atender a uma origem da arquitectura também remota:

> *"Ainda antes dos homens e das bestas andarem pela terra, já existia algum tipo de arquitectura, grosseiramente modelada pelas primeiras forças da criação, ocasionalmente polido pelo vento e pela água em elegantes estruturas. (...) as cavernas estão entre os primeiros abrigos dos homens, e talvez se tornem os últimos."*[10]

---

9 RUDOFSKY, J. Bernard. *Architecture without architects. A short introduction of a non-pedigreed architecture.* 3.ª ed. Albuquerque: University of New Mexico, 1995, prefácio, p.8.

10 "Yet even before men and beasts walked the earth, there existed some kind of architecture, coarsely modeled

Para o homem, o simples acomodar-se ao sulco da rocha, nas estruturas herdadas das forças de criação, moldadas pela água e pelo vento, pode ter respondido a essa necessidade primitiva de protecção. Um modo de construir adaptado ao meio que subsiste operativo até aos nossos dias em casos de grande sofisticação.

Além desta necessidade de provisão de abrigo, Rudofsky desafia-nos a adquirir consciência para uma arquitectura comum[11], não produzida por especialistas, mas sim pela sabedoria acumulada de experiência de gerações. Já não se trata de uma reacção directa à ameaça exterior, de uma dependência à morfologia do meio, trata-se, agora, de fabricar o abrigo, inventar o interior e reconhecê-lo enquanto construção própria, enquanto habitar. Tarefa árdua que implica avaliar, medir, montar, organizar o espaço com uma certa autonomia perante o meio físico.

Apresentamos o espaço de habitar como resultado de uma capacidade construtiva comum a outros animais, resultado de um refinamento de um instinto associado ao desenvolvimento de uma apetência para a leitura das possibilidades do meio, realizada em continuidade com a natureza próxima que acolhe o homem como um dos seus seres. Interessa-nos também abordar uma outra interpretação, comum a vários autores, da origem da arquitectura enquanto tarefa estrita a mestres capazes de operar uma linguagem superior.

Joseph Rykwert propõe uma atribuição divina à capacidade humana para construir, um arquitecto maior anterior a todos os outros.[12] Pode parecer frágil este argumento, no entanto, levanta alguns modos de compreender o acto de projectar na organização do espaço que nos parecem úteis para o seguimento do nosso estudo.

Rykwert, através de três obras bíblicas, infere a Deus uma condição profissional de arquitecto

---

by the primeval forces of creation and occasionally polished by wind and water into elegant structures. (...) caves, having been among the man's earliest shelters, may turn out to be his last ones".
Ibidem.

11 A propósito da arquitectura comum Bernard Rudofsky cita Pietro Belluschi para a definir: "a communal art, not produced by a few intellectuals or specialists but by the spontaneous and continuing activity os a whole poeple with a common heritage, acting under community of experience."
Ibidem.

12 "[V.scamozi] Habla de Dios, el gran arquitecto que trás crear el maravilloso mecanismo del mundo, hizo hombre su duño." RYKWERT, Joseph. *La casa de Adán el el Pa*raiso. pp, p.145.

que não confunde as competências de projecto com a execução da obra: a arca de Noé, o Tabernáculo do Deserto de Moisés e o Templo de Jerusalém de Salomão.

Tanto o Tabernáculo do Deserto quanto o Templo de Jerusalém surgem com uma descrição meticulosa da sua forma e dos processos da sua construção. Podemos encontrar aí explícito um modo de operar em tudo semelhante aquele que conhecemos na arquitectura erudita: Deus, arquitecto, cede a Moisés e a David, encarregados da obra, um conjunto extenso de indicações, um projecto de arquitectura em discurso directo. Apresenta uma rigorosa descrição dos materiais, dimensões, quantidades e processos pelos quais a obra deverá ser erguida. A clara definição das competências deste arquitecto Superior sustenta as posições da arquitectura formal, das grandes obras, de uma arquitectura produto do intelecto, distante de qualquer instinto. No entanto, a associação entre a entidade divina e a tarefa humana da construção de abrigo conhece um estado mais térreo na Casa de Adão.

Filarete fala-nos do primeiro abrigo de Adão como o simples gesto de elevar as mãos sobre a cabeça para se proteger da chuva.[13] Face a essa evidência da necessidade de protecção Adão teria de encontrar a habilidade para fabricar a sua habitação, ordenar o espaço e fazer o jardim provido dos meios para satisfazer todas as necessidades do casal primogénito. Filarete não hesita em aplicar uma dedução pragmática para a habitabilidade do paraíso sem comprometer o mito da criação.

No seu escrito *"Arquitectura"* Aldof Loos ensaia uma aparente compatibilidade entre a obra divina e o instinto animal:

> *"as montanhas e as nuvens reflectem-se no lago, e assim as casas e casarios. Não parecem criadas por mão humana. Estão como saídas do atelier de Deus, como as montanhas e as árvores, as nuvens e o céu azul. (...)* [o camponês] *quis levantar uma casa para si e para os seus e para o seu gado, e assim o fez. Assim como fez o seu vizinho ou o seu bisavô. Como fez qualquer animal que se deixa levar pelos seus instintos."*[14]

13 RYKWERT, Joseph. op. cit. p.144.

14 Aldof Loos, Architektur (1910), pp.73-74.

Adolf Loos aproxima a obra divina às construções dos camponeses ao largo da montanha, esclarece depois que a sua proveniência nada tem de transcendente: uma continuidade com o passado (bisavô) e uma proximidade ao entorno (vizinho) são os agentes do seu estado de graça.

Ensaiar uma descrição próxima ao projecto de arquitectura que reúna os princípios de habitar na escarpa dos Guindais e das Fontaínhas é a segunda premissa desta Dissertação: desenhar uma continuidade com o passado e com o seu entorno, aproximando-nos das verdadeiras necessidades do lugar.

1.3. Elaboração de duas linhas de pensamento

Das leituras anteriores concluímos que o fenómeno de habitar o espaço construído é recíproco. O espaço arquitectónico revela variações na sua experiência e modela o habitar. A relação entre habitar e construir indica um modo complexo de estudo adequado ao campo disciplinar da arquitectura. No entanto, mais do que questionar a proximidade entre estes dois fenómenos, interessa aproximar-mo-nos da cidade enquanto campo privilegiado da arquitectura.

A cidade contemporânea tem suscitado um diversificado e complexo debate que questiona a razão da sua forma difusa e do seu crescimento disperso, a reavaliação do significado das suas arquitecturas e do seu espaço-público, enunciando fundamentos que a definem como uma nova entidade urbana. A tarefa do nosso estudo complica-se quando nos propomos elencar as componentes estruturais, num novo contexto urbano, com as quais a arquitectura deve reencontrar-se: a espacialidade, a permanência e a continuidade.

Através de Adolf Loos instruímos que no lugar habitado está implícita uma ideia de continuidade com o passado e com o entorno.[1] Esta ideia de continuidade em arquitectura, rica em dissonâncias[2], deve ser transversal a épocas, correntes ou movimentos. Com ela o projecto ambiciona tornar-se harmonioso, em direcção ao encontro do equilíbrio das formas, evitando a arbitrariedade, a forma gratuita; uma articulação entre a vontade de inovação e a consciência da sensatez racional, consolidando os verdadeiros valores do lugar em arquitectura. Estes valores podem significar a herança do passado e a circunstância do presente tornando-se símbolos do seu próprio tempo, representando-o. Para que seja possível desenvolver esta ideia de forma coerente será necessário atender às características do lugar. Questionamos, no entanto, qual seria a melhor forma de o fazer.

Na escarpa dos Guindais e das Fontaínhas está presente um conjunto de indícios sobre um modo de habitar autêntico que persiste, apesar das transformações ocorridas ao longo do tempo, como uma das características peculiares do lugar.

Duas linhas nos parecem reservar especial potencialidade de estudo. Uma primeira refere-

---

1 LOOS, Adolf. Op. Cit, p.10.

2 A propósito da continuidade consultar o apontamento 3. (Codeçal), Guindais e Fontaínhas.

se ao espaço expectante, ou seja, ao espaço capaz de abrigar a construção da disponibilidade para o habitar - dar o lugar à cidade através da vivência. Por isso, exige a consciência da matéria sensível de que se compõe o lugar, mas sobretudo a consciência da sua variabilidade no tempo. Nem todos os espaços se transformam ao mesmo ritmo. É possível encontrar não só na escarpa, mas em toda a cidade, espaços disponíveis, por vezes degradados, desconexos da realidade, que aguardam uma intervenção para que se integrem no todo que é a cidade. A habitação humana na cidade continua a ser um dos temas que mais compete à arquitectura e ao arquitecto, especialmente nas suas extensões fragmentárias, carentes de consistência e de precisão. A lógica do mercado que produz grande parte do parque habitacional rege-se mais pelos imperativos do lucro e da especulação do que qualquer corrente do pensamento. Tais princípios são satisfeitos pela banalização acrítica de modelos e de modos de construir anacrónicos e alienantes. Estas arquitecturas, que constroem boa parte do nosso entorno, revelam uma indiferença face à complexidade do fenómeno de habitar; as intervenções nos lugares de encosta portuense apontam a urgência de pensar o domínio do espaço vivido, e de se (re)visitar formas *criativas* e *eficientes* de fazer o projecto, respeitando o contexto onde se inserem.

Uma segunda linha potencial de estudo será a que se refere à transformação do lugar na cidade. A indefinição espacial com que nos deparamos quando visitamos hoje a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas deixa-nos com dúvidas inquietantes sobre a relação entre os seus espaços públicos. O que acontece na cidade, na encosta portuense, tendo em conta o habitar? A leitura das relações entre as diferentes categorias dos espaços da cidade (espaço público e espaço doméstico) aproximar-nos-à da compreensão dos diferentes tempos de transformação da cidade?

É certo que se trata de um lugar que cresceu através de sucessivas transformações e, por isso, não podemos deixar de considerar a sua história. Desde logo pelo enquadramento da escarpa em relação ao centro histórico da cidade do Porto, adjacente ao troço da muralha trecentista que ainda se preserva. *"O trabalho de um arquitecto torna-se, portanto, um trabalho de detective, que procura estabelecer correspondências antigas e vitais, traumáticamente cortadas e mal perceptíveis."*[3]

---

3 SIZA VIEIRA, Álvaro. *Imaginar a Evidência*. 1.ª ed.. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 103.

Uma incursão sobre as questões em torno da transformação do lugar tendo em conta estas duas linhas de estudo não impede, mas antes obriga, a atender ao significado da arquitectura pelos princípios de ordenação do espaço, o conveniente equilíbrio das partes, na relação entre elas e com o todo que é aparentemente complexo. Será necessário, portanto, equacionar os pressupostos que nos aproxime desta aparente complexidade própria à diversidade do espaço contemporâneo, por entre a arquitectura da cidade que se forma no tempo, em constante processo de transformação.

Não se trata de uma referência directa à forma da arquitectura da memória com que se confronta Peter Zumthor nos seus textos. Trata-se, antes, da vontade de atingir a presença da atmosfera vibrante, a busca da densidade do espaço vivido que nos conta a Cartografia de Teles Ferreira de 1892, que visitamos nos postais do século XX e nos filmes de Manoel de Oliveira. A simples presença de vida, a atmosfera vibrante das humildes habitações que se acomodaram nos patamares da vertente granítica alinha-se com a condição que Zumthor aclara:

> *"Quando desenho um edifício, frequentemente encontro-me a mim mesmo mergulhado em memórias antigas, meio apagadas, e tento recuperar o que a situação arquitectónica era realmente, o que ela significava para mim na altura, e tento pensar como isso me pode ajudar agora a reviver essa vibrante atmosfera absorvida pela simples presença das coisas, em que tudo tinha o seu lugar e forma específicos."*[4]

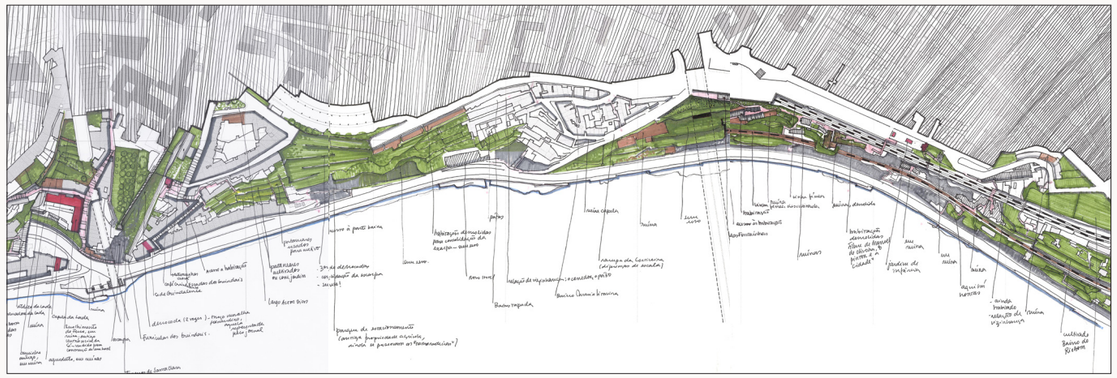
4 "When I design a building, I frequently find myself sinking into old, half-forgotten memories, and then I try to recollect what the remembered architectural situation was really like, what it had meant to me at the time, ant I try to recollect what the remembered architectural situation was really likem what it had meant to me at the time, and I try to think how it could help me now to revive that vibrant atmosphere pervaded by the simple presence of things, in wich everything had its own specific place and form." ZUMTHOR, Peter. A+B Feb. 1998, p.6.

2. Estado Silvestre do Território





i01.
Desenho de estudo elaborado a partir da *"Planta Topographica da Cidade do Porto. Aonde se veem exactamente marcados todos os Edifícios, Praças publicas, e ruas novas abertas, bem como alguns projectos approvados pelas Authoridades Municipaes, para maior comodidade de seus habitantes, e beleza da mesma Cidade"*, Joaquim da Costa Lima, **1839**.

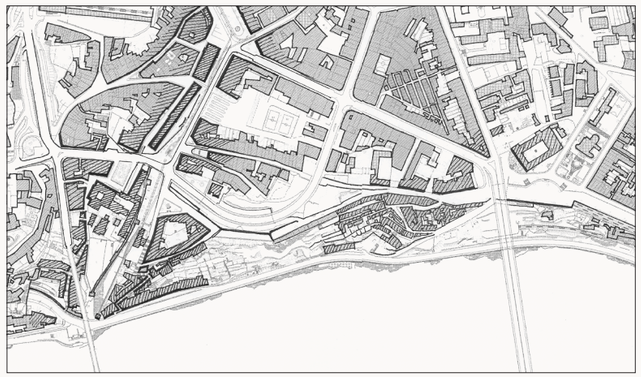


i03. *Questionar o lugar de habitar. Apreensão sensível sobre o meio.*
Desenho de estudo elaborado a partir da Cartografia do ano **2001**. Este desenho resulta de um conjunto de visitas ao lugar. Através das quais fomos capazes de compreender as características particulares da escarpa e de levantar uma série de questões relacionadas com o modo de habitar que teremos a oportunidade de expor no apontamento 4.



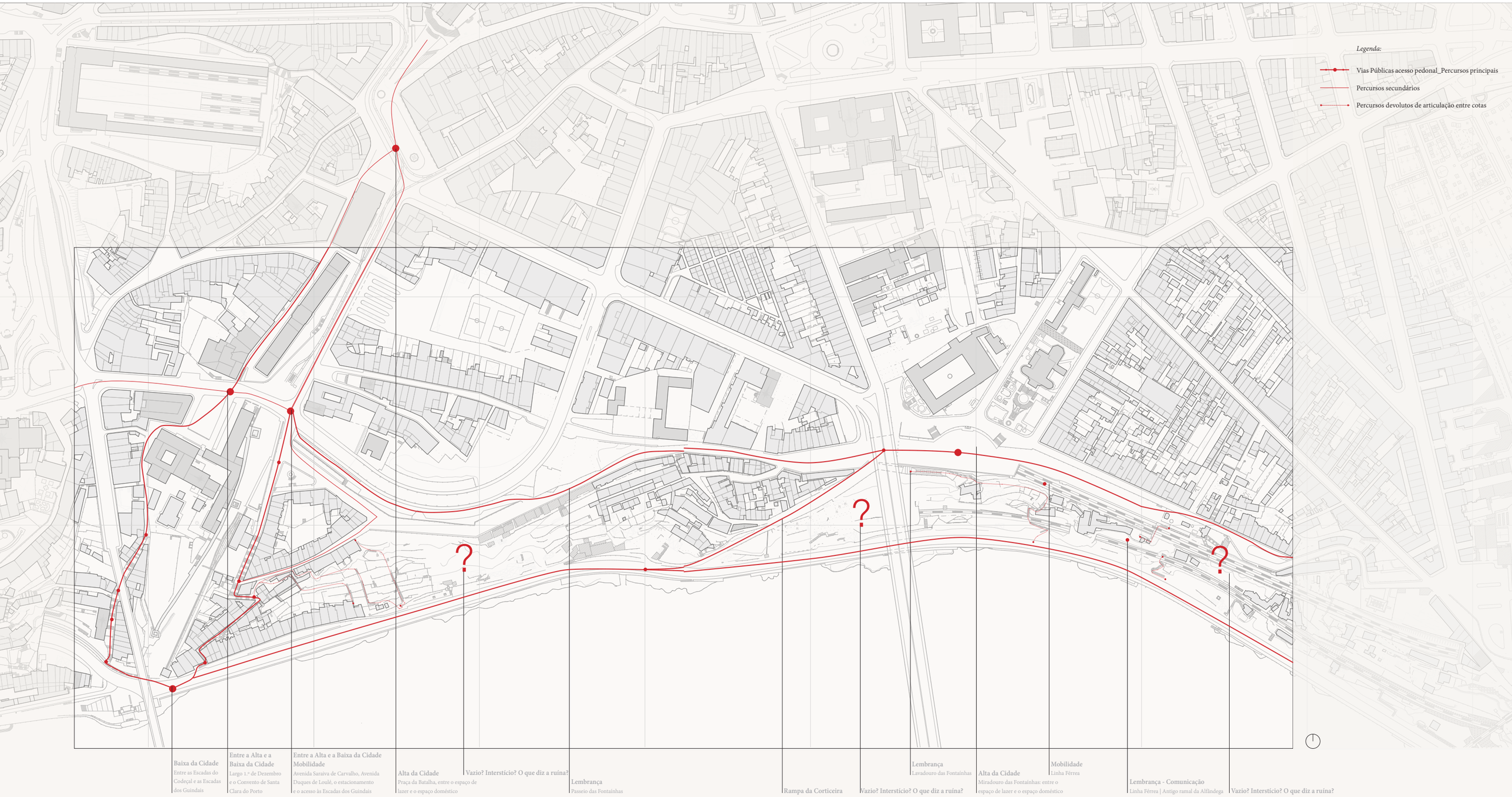


i02.
Desenho de estudo elaborado a partir da *"Planta da Cidade do Porto levantada sob direcção de Augusto Gerardo Teles Ferreira"*, **1892**, Folha n.º5.





i06.
Desenho de estudo elaborado a partir da Cartografia do ano de **2001**.



i04.
Percursos pelo Codeçal, pelos Guindais e pela Corticeira.
Esquema elaborado a partir da Cartografia do ano **2001**.

2. Estado Silvestre do Território

2.1. Da escolha ao desenho do lugar

No apontamento anterior traçamos um quadro de estudo que analisa a cidade como arquitectura cuja fundamentação assenta na arte de habitar: a apetência para a organização do espaço de vida. Neste sentido, este apontamento debruça-se sobre a escolha e o desenho do lugar com a intenção de tornar inteligíveis as formas que, hoje, caracterizam a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas. Nesse sentido, realizamos um percurso não linear pela transformação da encosta portuense, absorvendo os temas mais relevantes para consolidar um instrumento de pensar a tarefa do arquitecto na construção do lugar de habitar.

*

Para enquadrar a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas no território consideramos necessário, antes de mais, reflectir sobre o contacto do rio Douro com as suas margens através da topografia da encosta portuense de forma a identificar as características que constituem a singularidade do lugar. Para essa reflexão tomamos como referência as impressões que surgiram de dois percursos realizados nas margens do Douro.

No primeiro percurso seguimos da ponte do Freixo em direcção à ponte Luís I onde reconhecemos, desde logo, uma das características mais relevantes da encosta portuense: a morfologia do curso do rio que, depois de uma curva onde se mostra largo, estreita e segue por entre margens alcantiladas para de novo alargar e seguir caminho até à Foz. Pereira de Oliveira justifica esta característica particular através da composição litológica do solo. Enquanto que a jusante da ponte da Arrábida, no vale do Ouro, e a montante da ponte D. Maria Pia, no vale da Campanhã, os terrenos pertencem ao *Complexo Xisto-Grauváquico*, em que as rochas, pelas suas propriedades, são de mais fácil erosão do que as de formação granítica, os terrenos compreendidos entre estas duas pontes, o vale da ribeira de Massarelos, o vale do rio Frio, o morro da Vitória, o morro da Penaventosa e a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas, pertencem aos *Granitos do Porto*.

De facto, quando nos deparamos com as margens alcantiladas é notável o maciço rochoso de vertente acentuada, correspondente a cerca de 70 metros acima da cota do rio, entrecortado por plataformas a diferentes cotas todas elas articuladas por escadarias sinuosas e cobertas por uma aparente silvestre vegetação. É inegável que a construção da linha férrea e das pontes alterou o perfil natural da escarpa, retocando subtilmente a morfologia da encosta,

tal como o casario com as suas hortas e jardins realizou ao longo do tempo, não deixando *"descortinar os rasgos que os pequenos afluentes esculpiram na margem direita e o casario recobriu e adoçou como lento depósito de humanidade."*[1]

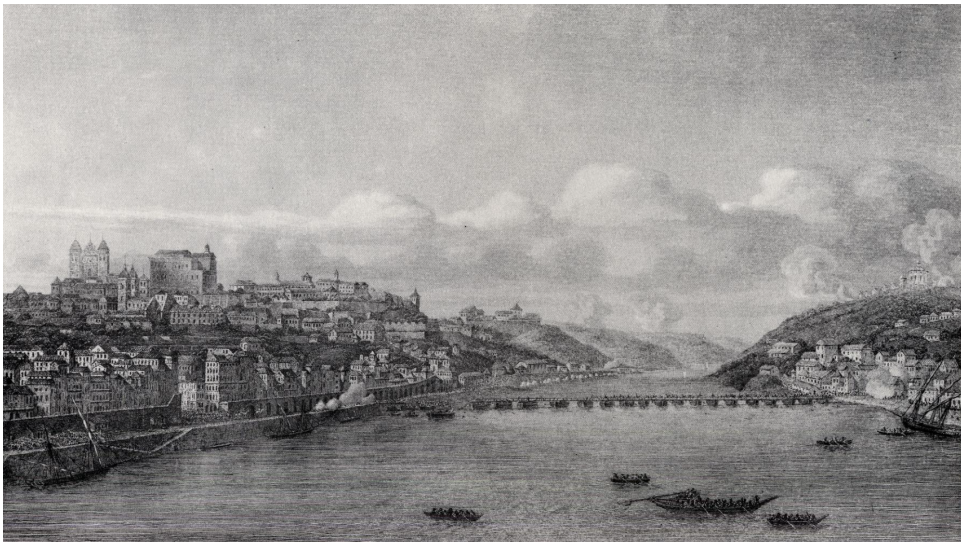
No seguimento do percurso, pela margem direita, destacam-se duas obras arquitectónicas que se cruzam visualmente a uma cota alta: o Mosteiro da Serra do Pilar, na margem esquerda, e parte da muralha trecentista, comummente designada de *fernandina*, na margem direita. A Sé, quer pela vertente dos Guindais quer pela sua própria orientação, não tem do lado nascente uma presença significativa para quem percorre a marginal. Porém, como trataremos no decorrer desta Dissertação, coloca-se numa posição determinante para a organização da malha urbana e de domínio sobre a envolvente.

Quando realizamos o percurso contrário, da ponte da Arrábida caminhamos em direcção à ponte Luís I, a primeira obra de referência é o Mosteiro da Serra do Pilar, seguindo-se a Sé que se destaca entre o denso casario, mas decerto sem a mesma imponência que a iconografia antiga deixa transparecer. Basta observar a gravura de Siméon Fort e William Skeltorn, datada de 1809, para verificar a importância da colocação da Catedral, do Mosteiro da Serra do Pilar e ainda da Capela da Quinta do Prado do Bispo no território. Verificamos, assim, que a organização das obras arquitectónicas de maior relevo para a cidade está assente no aproveitamento dos pontos singulares da orografia.

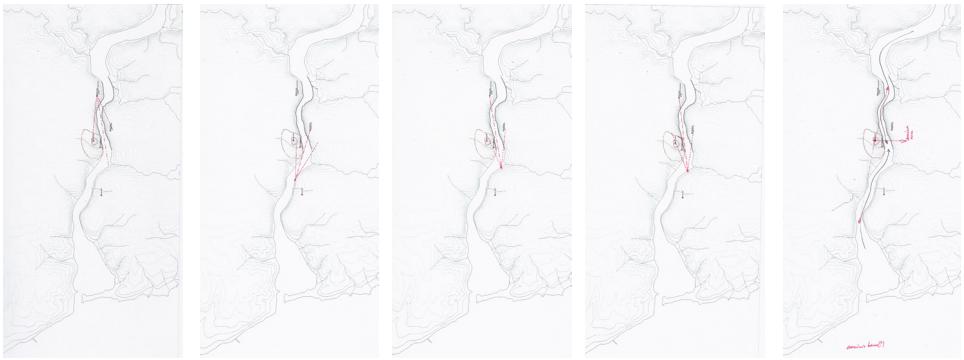
Embora não o possamos afirmar categoricamente, subentende-se, na organização destes edifícios, a intenção prévia de um pensamento em torno da demarcação de uma posição de domínio sobre o território através de uma série de enfiamentos visuais, numa atitude de ver e de ser visto, e, como tal, com uma forte presença no quotidiano da cidade. Portanto, consideramos ser necessário e pertinente pensar o papel do desenho, enquanto *desígnio*, na caracterização das formas de habitar o lugar. Para isso adoptamos como método de estudo a análise de cartografias antigas de forma a compreender o que é relevante na transformação da cidade. Sem a noção da transformação da cidade no tempo, da espessura e profundidade dos seus lugares, não é possível descortinar, na actualidade do espaço

1 OLIVEIRA, J. M. Pereira de. *O espaço urbano do Porto: condições naturais e de desenvolvimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1984, p. 18.

i05.
Fin de la Bataille d'Oporto.
Reprodução de Gravura, Siméon Fort (pint.) e William Skeltorn (grav.)
1809.



i06.
Estudos elaborados quando percorremos as margens do Douro, com a intenção de compreender as relações entre a Sé, o Mosteiro da Serra do Pilar e o Monte do Seminário, onde se localizou a quinta do Prado do Bispo.



a. b. c. d. e.

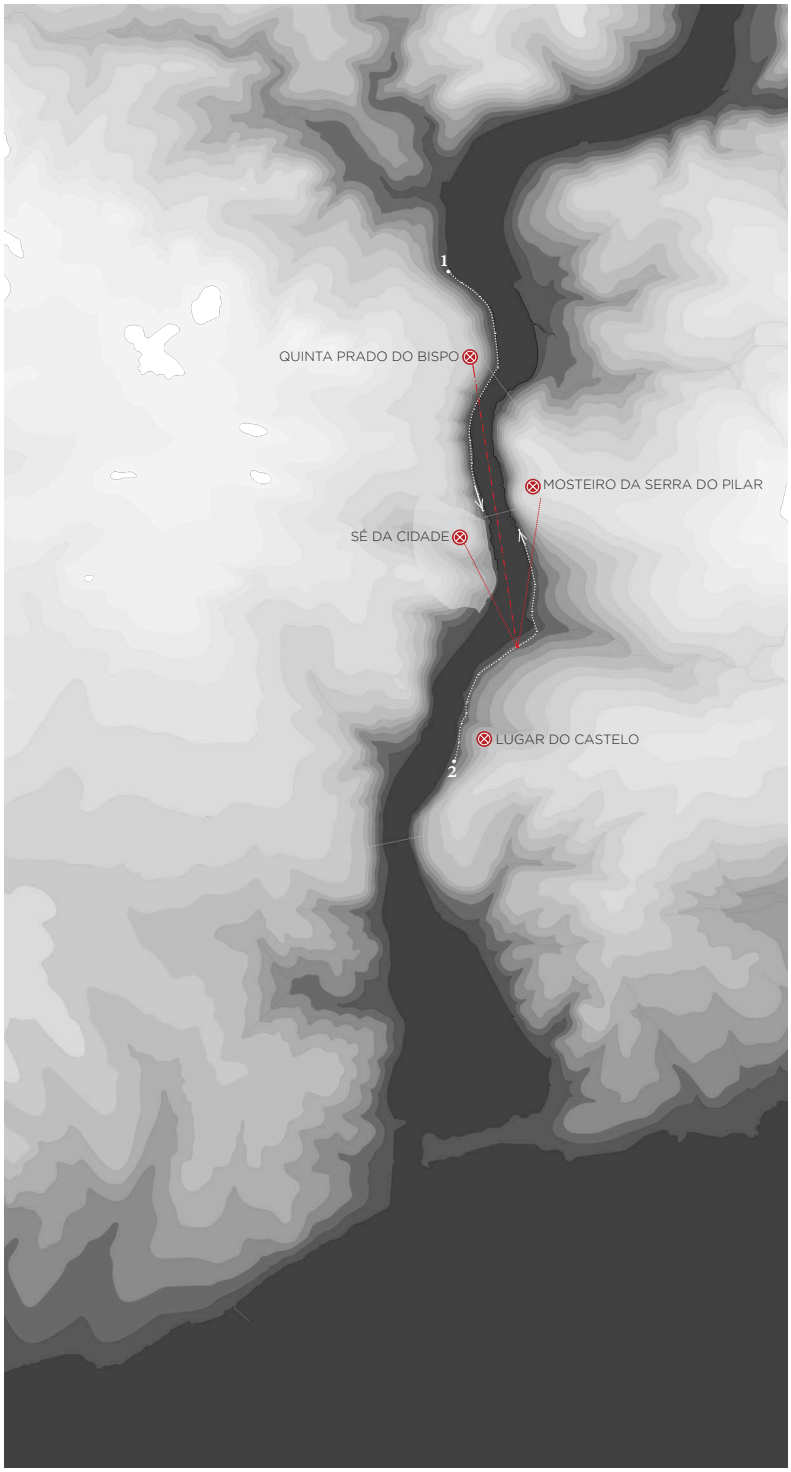
a. Enquadramento a partir da Capela do Cemitério do Prado do Repouso. Antiga Capela da Quinta do Prado do Bispo;

b. **Percurso 02**: Eixo visual com o Mosteiro da Serra do Pilar e relação com a Sé;

c. **Percurso 02**: Relação entre a Sé e o Mosteiro da Serra do Pilar;

d. **Percurso 02**: Eixo visual com o antigo Lugar da Capela da Quinta do Prado do Bispo e relação com a Sé e o Mosteiro da Serra do Pilar;

e. Eixos visuais sobre o mar, a terra e a cidade a partir da Sé.



i07.

Carta topográfica da Cidade do Porto

Legenda:

- Curvas de Nível 10 em 10 metros
- Linha de água
- Eixo visual obtido a partir da Gravura de Fort e Skeltorn
- Percurso 01
- Percurso 02
- Lugares antigos
- Área definida pela muralha *trecentista*

0 500

habitado, os factores envolvidos na dinâmica de desenvolvimento da encosta portuense. Não pretendemos, no entanto, fazer uma síntese cronológica do tempo de transformação da cidade, até porque exigiria, em rigor, um envolvimento com a arqueologia e com uma extensa bibliografia cujo conteúdo abarca distintas e divergentes hipóteses acerca da formação e da origem da *Cidade do Porto*. A transformação da cidade no tempo associada à experiência do lugar serve-nos, antes, como um elemento activo para a leitura da encosta portuense e a sua apreensão.

Propomos iniciar o pensamento assenta na transformação da encosta portuense através de temas enunciados a partir da escolha do lugar, o valor da posição do edifício singular na vida da cidade e, por fim, desenvolvimento urbano - o caso da escarpa dos Guindais e das Fontaínhas. Um dos estudos que influenciou no nosso pensamento acerca destas questões doi o desenvolvido pelo geógrafo Pereira de Oliveira em *"O espaço urbano do Porto: condições naturais e de desenvolvimento"*[2], justamente por sintetizar o interesse despertado por inúmeros investigadores[3] em torno das características morfológicas que, ao longo da história, constituíram os fenómenos basilares da ocupação das margens do Douro.

A escolha do lugar

Tendo em consideração que a lenta e permanente humanização do território pouco deixa intuir sobre a estruturação do povoamento antigo, equacionar a escolha do lugar onde se fixou o núcleo urbano do Porto permite, sobretudo, enfatizar as qualidades geográficas das margens do Douro. Neste contexto, sublinha-se a importância do contributo dos estudos realizados por investigadores reconhecidos tais como Mendes Correia, António Cruz, Pedro Vitorino e D. Domingos de Pinho Brandão, que, associados aos estudos

2 OLIVEIRA, J. M. Pereira de. *O espaço urbano do Porto: condições naturais e de desenvolvimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1984, p. 18.

3 Além das preocupações científicas e da sucessão dos topónimos Cale, Portucale e Portugal que, segundo o autor, se esforçaram mais numa óptica de estudo etimológico e semântico dos topónimos e, essencialmente, relacionados com estudos de documentos escassos e pouco claros, trazendo pouco ao inequívoco sítio original da cidade do Porto. *Ibidem*, p. 180.

recentes, permitem sustentar um pensamento sobre a existência de um antigo e considerável povoamento na área, desde Campanhã à Foz do Douro e ainda em Gaia. Seria de todo o interesse, num estudo mais aprofundado sobre as questões da repercussão do ordenamento do território na estrutura urbana do Porto[4], interpretar a articulação entre os núcleos castrejos (romanizados), por forma a compreender os pontos estratégicos de assentamento que, à semelhança da implantação dos núcleos que actualmente se conhecem no Noroeste Peninsular, far-se-íam em posição de esporão, a uma cota intermédia, com o domínio visual sobre as bacias hidrográficas e as zonas de aptidão agrícola. Posição também favorável à defesa e à subsistência das comunidades, tal como na delimitação e distribuição de outros núcleos pelo traçado de vias comerciais e de comunicação, tomando nota de um sistema económico que se adequa à excelência das condições geográficas.

É justamente pela localização geográfica e pela persistência do topónimo cividade em alguns documentos, que o Professor Mendes Correia lança como hipótese a existência de uma primitiva povoação pré-romana nas imediações do antigo lugar do Corpo da Guarda. Porém, pela insuficiência de estudos arqueológicos e, como já enunciamos, pela longa humanização desta área, não é permitido sair do campo hipotético. Sobre o povoamento nas margens do Douro é de notar a referência ao documento do século VI, *Parochiale Suevorum*, que cita a existência de quatro estações: duas na margem esquerda, *Portucale Castrum Antiquum*, localizado na área do velho Castelo de Gaia, e *Portucale*, junto ao areal do rio, que viria a chamar-se, no reinado de D. Dinis, de *burgos vetus*; outros dois localizar-se-iam na margem direita, o *Portucale Locus*, um local de desembarque, e, mais tarde, erigido sobre o domínio dos Suevos, no alto da Penaventosa, o *castrum novum* ou o *castrum novum suevorum*.[5] O ponto crucial da escolha do lugar para habitar manter-se-á relacionado com o local junto ao rio, denominado de *Cale*, onde recomeçava a via romana mencionada no Itinerário de Antonino, no século III d. C., sob a forma de *Calem*.

A romanização da estrutura castreja entendida como um longo processo de aculturação é fundamental para a compreensão do ordenamento do território em particular nas margens

4 Não o faremos por exigir um grau de investigação e maturidade inalcançavel no tema e no tempo a que nos propomos resolver o trabalho.

5 OLIVEIRA, J. M. Pereira de. *Op. cit.,* p. 183.

do Douro, não só pela alteração dos princípios administrativos, mas, principalmente, por nos permitir inferir as condicionantes físicas do meio natural enquanto argumento de situação do espaço urbano.

Podemos enquadrar a romanização no Noroeste Peninsular, de um modo geral, num panorama conturbado de guerras, ponto de partida para um intenso e vagaroso processo de transformação, do qual se reconhece a adaptação das características de um modelo de princípios administrativos e políticos comuns cuja base teria sido a unidade do lugar. As alterações político-admisitrativas exigiram a introdução no território de um traçado viário de dimensões globais que ligava os grandes centros administrativos, trazendo, sem dúvida, repercussões favoráveis na economia dos núcleos antigos e, consequentemente, na dinâmica de organização do espaço público. A figuração da Via *Bracara Calem* no Itinerário de Antonino, cujo ponto de paragem seria *Cale*[6], sugere, precisamente, a importância que o núcleo antigo teria. Assim sendo, a hipótese lançada por Mendes Correia da existência de uma povoação pré-romana na margem direita do Douro, poderia corresponder a uma *"cividade-povoação"*[7], ou seja, a uma pequena comunidade indígena, romanizada, de suporte ao tráfego de passagem à beira rio e fornecedora de mão-de-obra para os meios de transporte que seguiam para Norte. Pereira de Oliveira afirma, sem sair do plano hipotético, que *"se assim fosse, teria sido, sem dúvida, o núcleo original do Porto"*[8]. A validação desta hipótese contribuiria para reconhecer uma notável antiguidade do lugar e no traçado dos seus espaços-públicos.

O lugar na eminência da Penaventosa e o lugar junto ao rio, umbilicalmente unidos por parte da via romana mantiveram, como veremos mais à frente, uma forte relação de complementaridade urbana não apenas durante a Idade Média, quando o reino de Portugal, após o período da Reconquista Cristã, *"produziu as condições de reabertura do comércio marítimo internacional na Europa, de que o Porto foi pioneiro na base de expansão para*

---

6 A propósito de Cale corresponder a uma povoação romana que "surge com importância económica, produto das obras de fomento — a abertura da estrada de Lisboa a Braga" consultar MACHADO, António de Sousa. *As origens da Cidade do Porto: o problema de Portucale*. 2.ª ed. [s.l.]: Edição de Autor, 1980, pp.135-155.

7 OLIVEIRA, J. M. Pereira de. *Op. Cit.*, p. 183.

8 *Idem*, p. 210.

sul durante o século XII"[9], como também nas épocas posteriores.

Já na Idade Média, mas na emergência da Idade Moderna, é evidente uma nova identidade urbana surgida pela cristianização dos lugares altos, de visibilidade, onde o objecto religioso, seja a igreja, o mosteiro ou a ermida, conformam a estrutura central do lugar.[10]

O valor da posição do edifício singular na vida da cidade

O burgo[11] fortificado do alto da Penaventosa manifestou uma importância capital face à envolvente promovendo, naturalmente, o estabelecimento de novas relações com a povoação referida no *Parochiale Suevorum*. Muitas dessas relações subentendem-se, ainda hoje, nos caminhos antigos e por um conjunto de enfiamentos visuais enunciadores de coordenadas no território. Referimo-nos, além do traçado viário, ao modo de implantação do conjunto de edifícios relevantes para o quotidiano da cidade, nomeadamente a implantação da Sé, a pequena igreja, *"humilde templo"*[12], que, como se sabe, precedeu a construção de uma *"majestosa catedral"*[13], em notável posição central, resguardada pela cerca velha, controlando e afirmando-se visivelmente perante a terra, o rio e o mar na vida dos seus súbditos.[14] A afirmação perante o território permite-nos tomar nota de uma outra leitura que nos parece

9 TAVARES, Domingos, in REAL, Manuel Luís, História da Cidade do Porto, pp. 13.

10 É o que nos explica Enrico Guidoni quando escreve sobre a concentração dos recursos económicos na cidade e a exaltação do monumento único numa posição de domínio sobre o território. No caso do Porto o monumento que durante a Idade Média dominou o território foi a Sé Catedral. Devemos considaderar também que, para além da Sé se construir para o domínio a uma escala territorial, ela foi também construída a uma escala urbana, onde lhe é permitido dominar outros edifícios, sejam os conventos, sejam as propriedades: *"In generale si può dire che la concentrazione nella città risores economiche e la funzione direttiva sul territorio favoriscono l'esaltazione di un solo monumento, in posizione centrale o comunque dominante, che di questo accentramento sia insieme il simbolo tangibile e lo strumento. La moschea-cattedrale, come più tardi la cattedrale romanica o gotica del mondo cristiano, è costruita non soltanto a scala urbana ma a scala territoriale, e domina nettamente sulle altre costruzioni il palazzo publico comunale, che si svilupperà pienamente solo nel tredecimo secolo, deve dominare anche nella mole le abitazioni private dei sigoli mercanti e artigiani, dalla cui associazione è stato promesso."* GUIDONI, Enrico. *La citá europea: formazione e significato dal IV all'Xi secolo*. Milão: Electa. [Cop. 1978].

11 Segundo Torquato de Sousa Soares, o burgo diz respeito "ao lugar ou povoação pequena, que está fora da grande ou da principal", correspondendo, neste caso, ao aglomerado urbano que se foi construíndo à volta da Sé. SOARES, Torquato de Sousa, in BASTO, Artur de Magalhães, História da Cidade do Porto, pp. 313-314.

12 *Idem*, pp. 56.

13 *Idem*, pp. 56.

14 *Idem*, pp. 56.

conveniente para explicar o que fomos intuindo ao longo dos percursos. Quando percorremos as margens do Douro, e como nos sugere a gravura de Fort e Skeltorn, notamos a colocação do edifício religioso em lugares altos, de visibilidade, tornando evidente a valorização do edifício singular numa lógica de organização que compreende o espaço como um todo, certamente indissociável de um modo de vida ligado à devoção e ao labor mariano e mercantil.[15] Neste sentido, não podemos deixar de mencionar a importância para os portuenses da Imagem de Cristo Crucificado, o *Senhor d'Além*, acolhida numa antiga ermida localizada no alto do monte de S. Nicolau[16].

No alto de S. Nicolau a ermida centrava os espaços de enseada junto à cidade, e acolhia, a oriente, a claridade da matina, e, a poente, os últimos raios de luz ao cair da noite. A centralidade desta pequena ermida no território permitia o remate pela unidade, colocada na Imagem do Senhor d'Além, dos lugares de devoção ao longo das margens do rio até ao mar. É, de facto, considerável ao longo das margens do Douro o número de igrejas e capelas de invocação e orago centrada, maioritariamente, à viagem e ao mar. A unidade entre os espaços de culto encontrava uma forte expressão de intensidade quando, em procissão, do alto de S. Nicolau, a Imagem do Senhor d' Além,*"em tempos de necessidade pública e de crise, descia até ao alto da barra, acompanhada de muitas embarcações ricamente adereçadas, em que vão as principais Confrarias da cidade, o clero secular e regular, os nobres e plebeus"*[17], interligando os espaços da cidade com as margens do rio.

Não será por acaso que, em meados do século XVI, no lugar desta pequena ermida seja construído o Mosteiro dedicado a S. Salvador[18], justamente pela colocação da esperança de *salvação* dos perigos associados à navegação no culto religioso, sacralizando o quotidiano da vida da cidade. Desta forma, o projecto do Mosteiro do Salvador tem subjacente um pensamento dedicado, desde a escolha do lugar ao desenho da obra à Salvação, *"o centro*

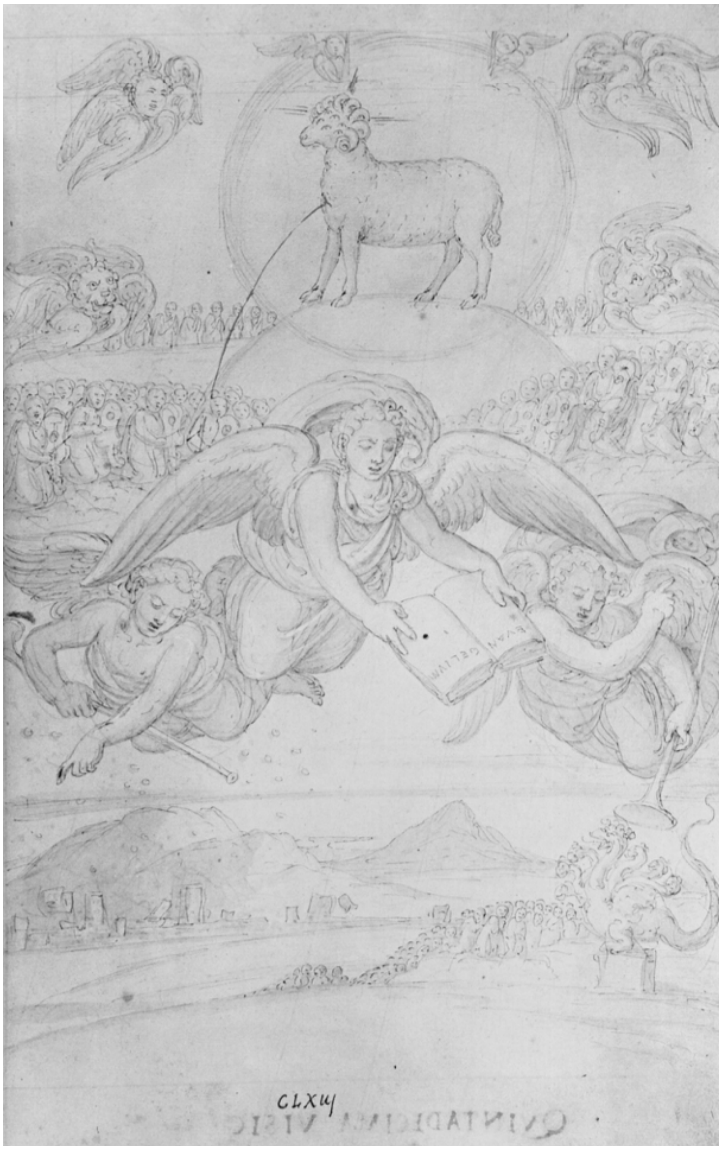
---

15 O modo de vida ligado à devoção, ao labor mariano e mercantil persistiu até meados do século XX. Os filmes de Manoel de Oliveira que bem retratam o quotidiano portuense do século XX demonstram que a população portuense tinha uma forte ligação à cultura mariana e mercantil, herança de um passado que se perdeu no tempo.

16 Hoje designado de morro da Serra do Pilar.

17 COSTA, Agostinho Rebelo da; 1945, p. 92.

18 O Mosteiro de S. Salvador era sucessivo do Mosteiro dos Cruzios, em Grijó; Mosteiro da Serra do Pilar da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.



i08.

Décima quarta visão: Os Cordeiros e os Eleitos. Francisco de Holanda, As Imagens do Mundo.

para que convergiam, no território, uma multiplicidade de devoções de prevalência mariana, associadas à abundância, à prosperidade e à segurança na vida das pessoas"[19], remetendo-nos para um programa de significação do território. Por sua vez, os lugares de religiosidade funcionariam também como coordenadas de apoio à navegação como nos sugere, a título de exemplo, a carta geográfica da autoria de Pedro Teixeira de Albernaz do ano de 1634 ou, ainda, a carta de navegação de Willem Blaeu do ano de 1639. A descrição da situação de devoção ao longo das margens do Douro torna-se representativa de como a religiosidade consolidava a vida dos núcleos de habitar ribeirinhos.

O desenvolvimento de um programa arquitectónico assente na Salvação, entre o terreno e o divino, surge com destaque e intensidade na paisagem portuense reflectindo, segundo Marta Oliveira, as ideias desenvolvidas por Frei Heitor Pinto nos diálogos da *"Imagem da Vida Cristã"* e as imagens das *"Idades do Mundo"* de Francisco de Holanda, nomeadamente pela tradução de um pensamento do imaginário em obra construída. Tanto os diálogos da *"Imagem da Vida Cristã"* quanto as imagens das *"Idades do Mundo"* conferem sentido à adequação e à perfeição da forma no território através do significado presente nas relações geométricas, nomeadamente na esfera, na circunferência e no centro, de onde partem as linhas que relacionam um contexto especialmente associado à ciclicidade da vida: a criação e a encarnação, o dia e a noite.

Na Imagem da *Décima quarta visão, os Cordeiros e os Eleitos* de Francisco de Holanda, a figuração do monte isolado e o rio sob a protecção do Cordeiro envolvido pela circunferência e sobre a esfera divina, assemelha-se ao sentido da obra centrada da Igreja do Mosteiro do Salvador, sobre o alto do *sacro monte*. Interpretação que, de certa forma, justifica a presença do corpo centrado da Igreja, saliente, reforçando a axialidade vertical sempre presente ao longo do percurso do rio em direcção à cidade do Porto. De forma semelhante, nos diálogos da *"Imagem da Vida Cristã"* de Frei Heitor Pinto é possível subentender a orientação da *"luz no mundo"* no mosteiro, *"enquanto deserto, arrabalde do céu"*, ao que se acrescenta a adequação da forma pela *"bondade* [que] *está no ponto do meio da esfera, precisamente* (...) *porque o princípio uniu-se com o fim, Deus foi feito homem, foi a humanidade unida*

19 OLIVEIRA, Marta M. Peters Arriscado de Oliveira, *Op. Cit.*, p.16.

com a divindade em unidade de pessoa (...). *Esta é a perfeita figura, este é o circulo divino: este é o Salvador do Mundo* (...)"[20].

A obra do Mosteiro do Salvador, associada às passagens de Frei Heitor Pinto e às Imagens de Francisco de Holanda, representa, no nosso entender, a formalização de uma ideia de unidade do espaço, dando corpo a uma notável relação entre pensamento e obra construída. Aponta e abre o caminho para a necessidade de compreender a complexidade de princípios, na sua erudição e na sua forma popular, que o desenho é capaz de transportar para o projecto e assim ocorrer a transformação do espaço, especialmente nos de carácter público.

*

A escolha do lugar para fomentar a vida associa-se, então, à composição hierarquizada das obras arquitectónicas que se colocam, como vimos, numa posição de domínio da envolvente sobre a cidade. Este método de desenho firma-se na dinâmica entre a arquitectura doméstica que se articula com o edifício singular planeado não apenas à escala territorial mas também à escala urbana. Trata-se, sobretudo, de um sistema coeso de organização em que cada parte se posiciona em função de um contexto, pelo que se torna numa estrutura relacional formada por aproximações e distanciamentos tendo em conta factores de disposição do lugar. Ao sustentarmos um pensamento sobre a cidade como espaço vivido, como a organização dos lugares de habitar que se cruzam, em múltiplas sobreposições, no espaço e no tempo, sustentamos também que este se modifica conforme as mudanças que o tempo produz nas condições de vida.

Com o decorrer do estudo, a nossa intenção tornou-se clara; pretendemos redescobrir, ao invés de aspectos novos em estruturas aparentemente conhecidas, *"a mágica estranheza, a singularidade das coisas evidentes"*.[21] O processo de formação do núcleo urbano, os valores que a história lhe dá, pouco contribui para a intensidade da experiência do espaço vivido, no entanto, a consciência da transformação do espaço no tempo fornece dicas importantíssimas para informar o projecto contemporâneo.

---

20 Pinto, Frei Heitor; 1984, Tomo II, p.181; in Marta M. Peters Arriscado de Oliveira, 1998, p.16.

21 SIZA VIEIRA, Álvaro. *Imaginar a Evidência*. Porto: Civilização ed., 2009, p. 201.

Desenvolvimento urbano portuense - o caso dos Guindais e das Fontaínhas

O enquadramento da cidade no território permite estabelecer uma abordagem consciente aos espaços que confinam e são abrangidos pelo nosso caso de estudo - a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas. De facto, não é possível seguir o nosso estudo sem equacionar a prosperidade do burgo e a sua construção espacial manifestamente representada pela integração - ou desintegração - na memória dos seus habitantes, particularmente no seguimento dos percursos - a rua, a viela, as escadas - que articulavam os espaços de troca, de permanência e de passagem - o miradouro, o largo, o rossio, a praça. Consideramos, portanto, que a expansão da cidade ocorreu a parir da organização do espaço público na relação com o edificado e com o sistema defensivo, promovendo, de certa forma, uma significação, hierarquia e continuidade da estrutura da cidade.

Antes de avançarmos numa análise mais aprofundada em torno dos Guindais e das Fontaínhas, é necessário sintetizar o conjunto de temas acerca da dinamização da cidade: desde a importância do limite amuralhado, das suas portas e postigos, até à consolidação dos espaços contíguos à muralha. Veremos, essencialmente, dois aspectos: a relação entre o interior e o exterior, e a relação entre a parte baixa e a parte alta da cidade.

O decorrer do desenvolvimento urbano do Porto merece especial destaque a forma como as ruas se encontram estruturadas. Os diversos arruamentos surgem claramente em função do rio Douro, formando uma malha de artérias paralelas e perpendiculares. Além disso, estas artérias estão relacionadas com as portas das duas *cercas* que o núcleo urbano do Porto conheceu. Uma alto medieval, a *cerca velha*, de origem romana, e uma outra, construída ao longo do século XIV, que consistiu numa *cerca* totalmente nova, de perímetro mais alargado que incorporou grande parte dos arrabaldes, incluindo áreas rurais.

A muralha impunha uma diferenciação entre o dentro e o fora pela qualidade da organização do espaço. Enquanto que, no inerior, era fomentado o sentimento de unidade, identidade e de sergurança, no exterior, os contrantes seriam acentuados. Como efeito, a muralha surge como um elemento definidor de duas realidades, mas estabelece, sobretudo, um limite entre essas duas realidades. A questão do limite surge como Heidegger expõe, não como o fim de alguma coisa, mas o início da sua essência. Ao pensarmos a muralha como um limite, como um meio intermediário de duas realidades distintas, vemos nos

atravessamentos - nos espaços contíguos às portas e aos postigos - a permeabilidade espacial. Tendo em conta que permeabilidade é a palavra que traduz a propriedade que o espaço tem em se deixar ser penetrado por uma outra realidade, consideramos os espaços contíguos à muralha como aqueles que nos oferecem as características mais complexas do lugar perante a partilha e o contacto inerente ao limite. Temos, por um lado, o interior densamente edificado como é possível verificar na iconografia antiga, e citadino como descreve o Padre Agostinho Rebelo da Costa, e, por outro lado, o exterior rústico caracterizado tanto pela organização de propriedades agrícolas, como espaços de recreio que gozavam das frescas brisas que escasseavam no interior. Daqui podemos inferir também a diversidade social da população que se misturava entre os humildes espaços de cultivo e as quintas pertencentes a nobres e a cónegos.

Anexos a estes espaços de permeabilidade, por razões de diversa ordem, como o crescimento demográfico, os restritos horários de fecho e abertura dos acessos à cidade, as edificações cresciam em número fora de muros, organizando-se de forma casuística, em lugares marginalizados relativamente ao interior. Ao falarmos destes lugares marginalizados do ponto de vista da sua produção e identificação implica olhar para o seu significado em termos de representação, ou seja, esclarecer o que estes lugares, na sua proximidade ao centro da cidade, em estrita dependência deste, porém sem as suas vantagens, nos permite aludir. Há uma certa ambiguidade nesta questão, não designa propriamente a cidade, nem o campo, mas sim uma nova condição, reconciliando e negando as diferenças entre a vida urbana e rural. Retratam uma condição peculiar de habitar, um interstício onde a cidade e o campo se cruzam. Com o decorrer do tempo, no interior da muralha as edificações cresciam em altura colmatando espaços de cortinha e logradouros, e extramuros as edificações organizavam-se segundo as direcções dos caminhos antigos, tanto nos de longo como nos de pequeno curso. Ao crescimento casuístico da habitação que ocorreu fora de muros, acrescentam-se os equipamentos transferidos do interior murado por prejudicarem a salubridade da cidade, nomeadamente o matadouro, os aloques e pelames que se instalaram nas Fontaínhas.

Apesar da exiguidade da área abrangida pela primeira muralha, foi possível a criação da diocese e a constituição da Sé, resultado manifesto da crescente importância da cidade do Porto. A primeira cerca formou apenas um núcleo interior composto pelo bispo portucalense

e o seu cabido, porém, apesar da muralha não oferecer protecção à população que habitava fora de muros, a sua construção foi vista de bom grado, uma vez que permitiria, em caso de necessidade, um refúgio. A expansão da cidade, apesar de não seguir princípios reguladores da forma urbana definidos, seguia, já no século XIII, uma legislação que toma nota da organização funcional e valorização do espaço público em relação ao espaço privado. Interpretação que, de certa forma, nos transporta para a leitura que anteriormente foi realizada em relação à unidade das margens do Douro. O projecto de cada edifício é indissociável de uma unidade que também se transporta para a cidade. Portanto quando se pensa no desenho do edifício existe uma necessidade de o pensar no conjunto. Esse conjunto é sempre dado pelo espaço público na cidade, como foi, na Idade Média, o adro do convento de São Domingos para onde convergiam os importantes eixos da cidade. Facto que também pode ser apreendido no significativo conteúdo da carta-sentença endereçada por D. Dinis ao Concelho da cidade, nela se fornecem indicações normativas relativas à urbanização do aglomerado e se reconhece a necessidade do domínio público prevalecer sobre o privado, responsabilizando-se aquele Concelho pela preservação dos espaço tidos como públicos, o que pressupõe a consciência da sua função e significado, determinando-se também que o traçado de novos arruamentos seja objecto da sua prévia deliberação, o que faz entender uma prática, ainda que empírica, de ordenamento urbano.

O aumento das edificações ocorrido ao longo do século XI, tanto fora de muros - junto a Cima de Vila na cota alta, na Lada e Ribeira na cota baixa[22] - como dentro de muros representava a prosperidade da cidade. Neste século, a primeira cerca foi preservada confinando um perímetro interior relativamente reduzido. Doutor Bernardo Xavier Coutinho lança o testemunho do Padre Pereira de Novais atento na forma e no limite da *cerca velha*[23] da qual destacamos duas passagens importantes para o enquadramento dos Guindais e das Fontaínhas, na medida em que abarcam uma primeira relação com o acesso entre o núcleo dentro e fora de muros. Primeiramente na parte Alta, o espaço adjacente ao acesso pela Porta da Nossa Senhora da Vandoma que se projecta na construção da

22 Lançamos estes três espaços por serem os que representam, de acordo com Pereira de Oliveira e Damião Peres, uma evolução significativa, contudo, não significa que não se construísse noutras partes do território anexo ao burgo.

23 *Anacrisis Historial,* vol. II, p.8. in COUTINHO, Bernardo Xavier, *Arquitectura militar e religiosa*, in BASTO, A. de Magalhães [et. al.]. *História da Cidade do Porto*. Porto: Portucalense, 1962-65, pp.441-443.

segunda cerca na Porta de Cimo da Vila, possivelmente um dos acessos de maior importância, uma vez que a Porta da Vandoma seria a mais nobre e a única com dimensão suficiente para a entrada de carros e carroças. Seguindo-se a Porta da Nossa Senhora das Verdades de onde partia um caminho que cruza transversalmente as Escadas do Codeçal, lugar onde se construiu, no século XVII, num terreno anexo, o Recolhimento da Nossa Senhora do Patrocínio e Santa Maria Madalena. Para além destas existiam outras duas portas sem influência directa na organização dos espaços da escarpa: a Porta de Sant'Ana e a Porta de São Sebastião.

Além das portas e dos caminhos, podemos ainda apresentar da descrição de Pereira de Novais dois aspectos característicos da arquitectura portuense: a apetência para as construções com boas vistas sobre o Douro, e a importância da arquitectura da água através de aquedutos, fontes e chafarizes.[24]

A exiguidade a cerca velha para a importância que burgo vinha a manifestar justificou a intenção da construção de uma nova cerca. Construída essencialmente para fins militares, a nova muralha procurou adaptar-se não só às exigências que as guerras impunham, mas também aos requisitos do quotidiano, exigindo esforços extraordinários de forma a conciliar coerentemente imperativos estratégicos e civis. Além disso, é fundamental para a organização do espaço o simbolismo associado à muralha. A cerca trecentista quando construída confinou um "vasto território de pura expressão rural"[25]. A complementaridade entre o urbano e o rural, os espaços de permeabilidade, definiram os valores da paisagem, tornando-se mais complexa após as demolições da muralha e com a urbanização do espaço fora de muros com a intervenção da Junta de Obras Públicas. O perímetro irregular da cerca trecentista acolhia, além de campos e hortas, as estradas delimitadas pelas edificações que se somavam, umas ao lado das outras, interligando o núcleo urbano do Porto com outros núcleos urbanos, como Matosinhos, Braga, Guimarães ou Amarante. Estas estradas projectavam na muralha portas e postigos cuja importância foi sendo determinada. Segundo Damião Peres existiam sete portas e sete postigos. Da sua extensa descrição ressalvamos um excerto que caracteriza o limite nascente junto à escarpa dos Guindais:

---

24 *Idem.*

25 OLIVEIRA, J. M. Pereira de. *Op. cit.*, p. 226.



i09.
Cercas, Estradas e Caminhos.
Desenho elaborado a partir da cartografia antiga do Porto. Os percursos, a vermelho, seguem o traçado que intuímos na análise dessas Cartografias.

> *"Começando no Postigo do Carvalho, depois chamado de Santo António do Penedo (onde João de Almada em 1768, abriu a Porta do Sol), seguia até junto da capela de Nossa Senhora da Batalha. Logo adiante dela abria-se a Porta do Cimo da Vila, ou da Batalha, apeada em 1792* (...). *Continuava para Nascente, até ao Postigo do Peixe, e daí à Porta da Ribeira, mandada demolir em 1774 por João de Almada e Melo, e era a porta principal da cidade. Seguindo pela margem do Rio (Cimo do Muro ou Lada ou Cimo do Muro da Ribeira) e pelas Escadas do Codeçal e dos Guindais, ia fechar no já referido Postigo do Carvalho* (...)"[26]

Ao limite imposto pela muralha entre o interior e o exterior acrescentamos uma outra leitura importante para o caso de estudo, nomeadamente a parte alta e a parte baixa da cidade enquanto resultado das características do terreno. Como referido anteriormente, a topografia do terreno entre o Codeçal e a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas apresenta características particulares. O testemunho do Padre Pereira de Novais toma nota desta característica quando descreve o contacto da segunda cerca com o terreno:

> *"*(...) *vá subindo esta muralla desde la Puerta de los Guindaes, por medio de aquella montañuella, que hace aquel precipicio de peñas bien aspero y alpestre, hasta la Puerta de San António de la Peña, haziendo cerca a la huerta del monasterio de Santa Clara, que com la Calle del Codezal, y ese monte donde esta ese noble e religioso monasterio queda dentro del circuito de la ciudad, y por parte de fuera vá escrutinando el muro, de suerte que es dificultosa la subida a el, haziendo frente al oriente, al rio Douro, que tiene de la parte de solano y se opone a la fachada del dormitorio del Monasterio de Sierra, que le queda al opuesto tan alto como el de la otra parte del rio Duero; y, prosiguiendo la muralla desde la Puerta de San António por aquella coma del monte, que es una de las principales de su circunvalacion;* (...)"[27]

Podemos, portanto, identificar o espaço compreendido entre Cimo da Vila, na cota alta, a Lada, nas imediações da Porta dos Guindais, cujo espaço extramuros foi mais tarde referido como o Largo da Ponte d'Arca[28], na cota baixa, como um espaço particular entre a *cerca*

---

26 PERES, Damião. *Op. cit.*, in BASTO, A. de Magalhães [et. al.]. *Op. Cit.*, p. 273.

27 *Anacrisis Historial,* vol. II, p.8. in COUTINHO, Bernardo Xavier, *Op. cit.*, in BASTO, A. de Magalhães [et. al.]. *Op. Cit*, pp.445-446.

28 O logo da Ponte d'Ara localizava-se no remate entre o Cais dos Guindais e o Cais da Ribeira. Este topónimo é referido na legenda da Planta da Cidade do Porto da autoria de George Balck no ano de 1813, n.º 63.

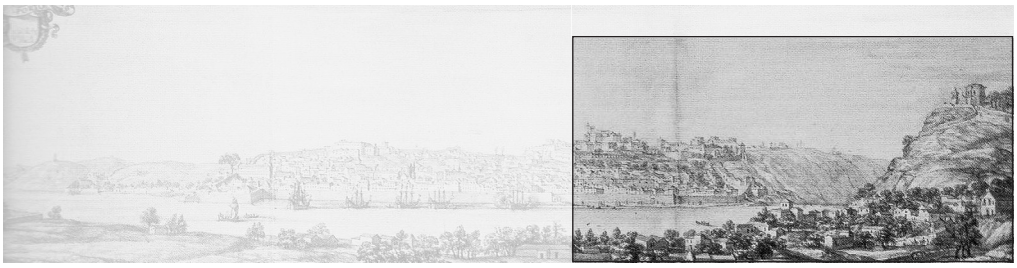
velha e a *cerca trecentista*. Podemos verificar esta característica na gravura de Pier Maria Baldi. Contrariamente à densidade de edificações no Cimo da Vila e a parte poente da cidade, no espaço compreendido entre as duas cercas predominariam os espaços arborizados e cultivados que a muralha encerrou sobre um afloramento rochoso, separando o Codeçal dos Guindais.

Neste lugar, durante os séculos XV e XVI, foi construído o Mosteiro de Santa Clara, no alto do Codeçal, no então lugar chamado dos Carvalhos do Monte, junto a um reduzido número de propriedades com os seus terrenos de cultivo, por onde passava um pequeno ribeiro que reforçava a índole do lugar. Também os topónimos - Lugar dos Carvalhos do Monte, Codeçal e Fontaínhas - remetem-nos para a circunstância pouco edificada do lugar e para um ambiente particular dentro de muros. Se o ambiente construído não determina por si só a condição social de quem o vive, também não lhe é completamente alheio. Sendo este lugar privilegiado na paisagem por oferecer, simultaneamente, resguardo, proximidade ao centro da cidade (tanto à Sé quanto à Ribeira) e numa posição sobranceira ao Douro, tornou-se propício para a sua identificação e singularização dentro da cidade, sendo por isso procurado por proprietários que procuravam construir habitações de boas vistas sobre o Douro qualificadas com jardins.

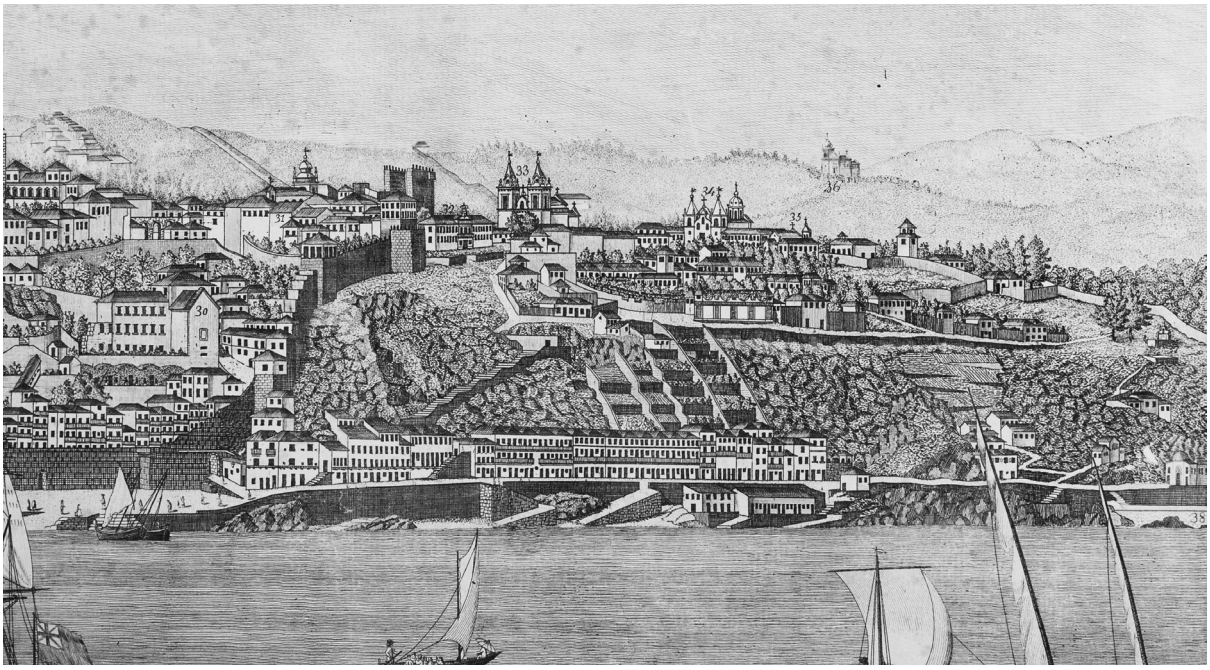
A escarpa dos Guindais e das Fontaínhas apresenta-se como uma fachada do vale alcantilado, numa relação de proximidade com o morro da Penaventosa. Através da gravura de Pier Maria Baldi, 1669, e de Manuel Marques de Aguilar, 1791, é possível compreender o domínio do solo granítico com a construção de muros e plataformas. A gravura de Aguilar permite-nos sugerir a notabilidade a antiguidade deste sistema construtivo. Esta gravura tem uma extensão até às Fontaínhas. Parece ser rigorosa e detalhada em relação à representação do espaço edificado e de cultivo. É a primeira iconografia que representa a panorâmica da cidade e evidência a construção na escarpa, designadamente os patamares. Nela é evidente a relação entre a cota baixa e a cota alta, o dentro e o fora, o artificial e o construído. Apenas com o levantamento de Teles Ferreira em 1892 é possível compreender esse registo.

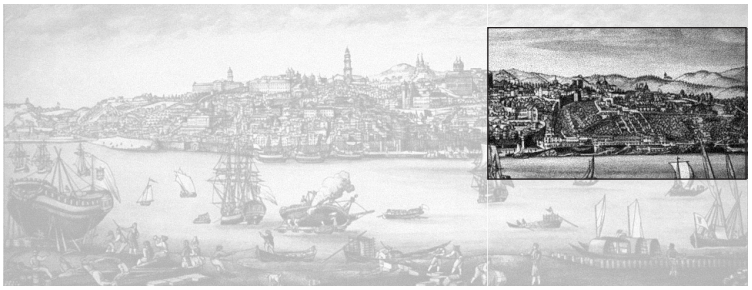
Como veremos em *Transformações Urbanas*, este lugar procurou estabilizar-se dentro dos limites, tendo o Mosteiro de Santa Clara do Porto (século XV) e o Recolhimento da Nossa Senhora do Patrocínio (século XVII), bem como o conjunto de propriedades com o seu quintal e jardim, um importante papel na definição espacial do lugar.





i10.
"*Vista panorâmica da Cidade do Porto", Viagem de Cosme de Médicis por Espanha e Portugal.*
Reprodução de Gravura (excerto), Pier Maria Baldi, 1669.





i11.
Vista da Cidade do Porto, desde a Torre da Marca até às Fontaínhas.
Reprodução de Gravura (excerto), Manuel Marques de Aguilar, 1791.

2.2. Consolidação do espaço público
Entre o espaço de lazer e o espaço doméstico

Anteriormente verificamos que a ruralidade e a urbanidade só podem ser completamente compreendidas na relação de mútua dependência e complementaridade que lhes dá o significado mais geral: o da presença do homem no território e dos procedimentos com que organizou a sua ocupação. São as próprias forma da arquitectura que, medindo-se com esta complementaridade, revelam a proximidade entre a cidade e o campo através de um objectivo comum, a transformação artificial da paisagem.

O Porto no século XVII, ainda encerrado na quase totalidade das suas muralhas, ainda tem presente o urbano e o rural. A partir dos anos de 1750, assiste-se a um crescimento demográfico devido, maioritariamente, à política económica do Marquês de Pombal, aos arranjos da cidade intramuros, e à expansão da cidade para o exterior da muralha trecentista. Além disso, a situação privilegiada e a prosperidade económica do Porto atraem os habitantes vindos do interior e negociantes estrangeiros. A Companhia da Agricultura das Vinhas do Alto Douro fundada pelo Marquês de Pombal "vai dominar o Porto nos planos tecnológicos, económicos e administrativos."[1] Os descontentamentos que se geraram em torno dos comerciantes no Porto, em 1757, levou o Marquês de Pombal a enviar para o Porto como governador militar, João de Almada, que conservará o cargo até à sua morte em 1786, quando lhe sucederá o seu filho Francisco de Almada e Mendonça, até 1806. Na segunda metade do século XVIII, mais precisamente em 1763, João de Almada cria a Junta de Obras Públicas do Porto, com o objectivo de criar políticas de desenvolvimento no campo da morfologia urbana: procura criar intramuros uma melhor articulação entre o rio e a zona alta da cidade e, extramuros, procurou regularizar os bairros que se iam formando sem princípios de ordenação. Surge, neste contexto, uma importante produção arquitectónica.[2]

Uma das preocupações da Junta de Obras Públicas era a inexistência de Praças, sendo que dentro de muros a única que merecia tal categorização era a Praça da Ribeira, as restantes, formas irregulares, eram o resultado de cruzamento de ruas. Realidade que exigiu uma intervenção na tentativa de regularizar as praças existentes, criar novas praças, e um sistema de ruas que comunique entre elas.

---

1 ALVES, Joaquim Jaime Ferreira. *O Porto na época dos Almadas: Arquitectura, Obras Públicas.* Porto: edição de autor, 1990, p. 173.

2 *idem*, p. 175.

A consciência para as necessidades da requalificação e ordenamento dos espaços públicos coincide com as preocupações que nos chegam através de Francisco Ribeiro da Silva em *O Porto e o seu termo (1580-1640): os Homens, as instituições e o Poder*: a renovação das calçadas, o abastecimento público de água, a melhoria dos cais, a organização dos Rossios do Olival, das Hortas e da Batalha. Para além das necessidades da cidade, indica um gosto dos portuenses pelos espaços lúdicos, arborizados:

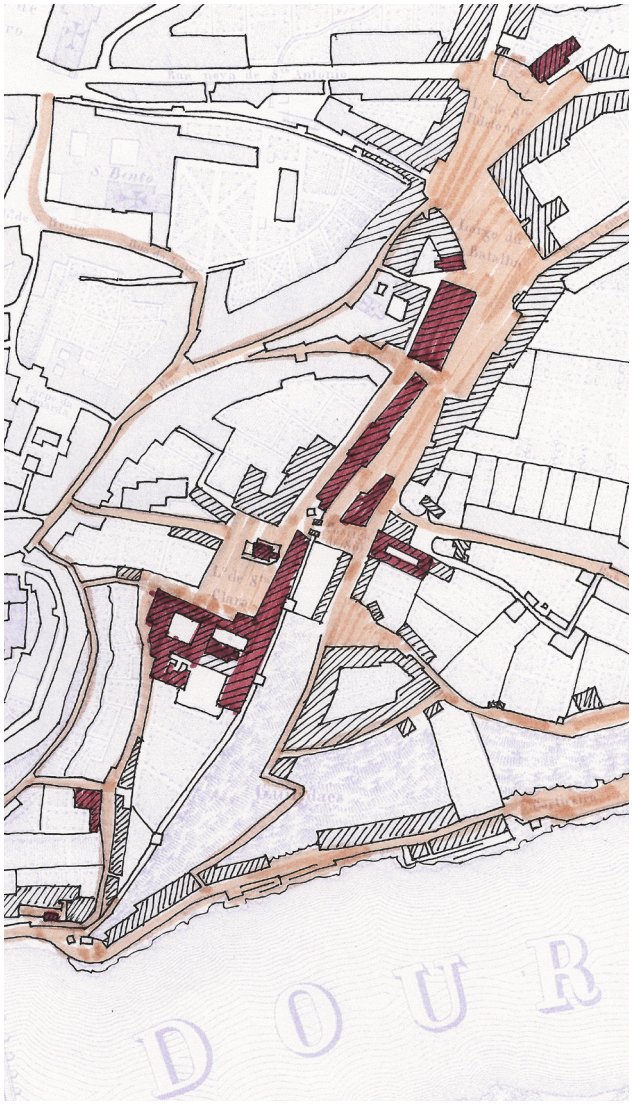
> *"A partir daqui*[Alameda da Cordoaria] *multiplicaram-se os sinais de que os portuenses do século XVII cultivaram o gosto pelos espaços verdes, associando-os à presença da água. Não deixa de ser curioso assinalar que das fontes existentes fora de muros, à volta de três delas foram plantadas árvores que proporcionavam sombra e brisa agradável no verão: assim no Chafariz de Nossa Senhora da Batalha, o procurador da cidade fez plantar, em 1626, vários Carvalhos.* [...] *A frequência com que na documentação se nos deparam notícias de vegetação fez-nos admitir que a nossa cidade, como muitas outras da época, conservou a feição rural em muitos dos seus recantos. Fala-se da existência de laranjeiras e figueiras na Rua de Redemoinhos bem como abaixo de Santa Clara* [...] *O quintal das casas de Jerónimo Lopes, na Rua de Cimo da Vila, além do poço exibia uma parreira, duas laranjeiras, duas figueiras. Na mesma rua, o enxido do cidadão Inácio Ferraz de Figueiroa alimentava igual vegetação.* [...] *Mas também árvores de grande porte se dessimanaram na cidade: pinheiros erguiam-se no Codeçal, nas imediações de Santa Clara."*[3]

As notas de Francisco da Silva confirmam, ainda, a impressão de ruralidade e a ligação ao cultivo que a cidade manteve durante séculos. A descrição de Francisco da Silva e os objectivos da Junta de Obras Públicas interessam, sobretudo, para consolidar as ideias que se experimentaram no primeiro apontamento. Defendemos sempre que na arquitectura da cidade existe uma relação entre a pessoa e o lugar. O gosto pelos espaços arborizados com as fontes de água, como seria o lugar das Fontaínhas, "retirado das habitações é recreio do povo da cidade, onde vai tomar o Sol no Inverno e de Verão beber da excelente água, e recrear-se com a que vê correr do rio"[4], associado às necessidades quotidianos dos habitantes, "servindo também de lavagem das roupas para a cidade havendo nela a presença

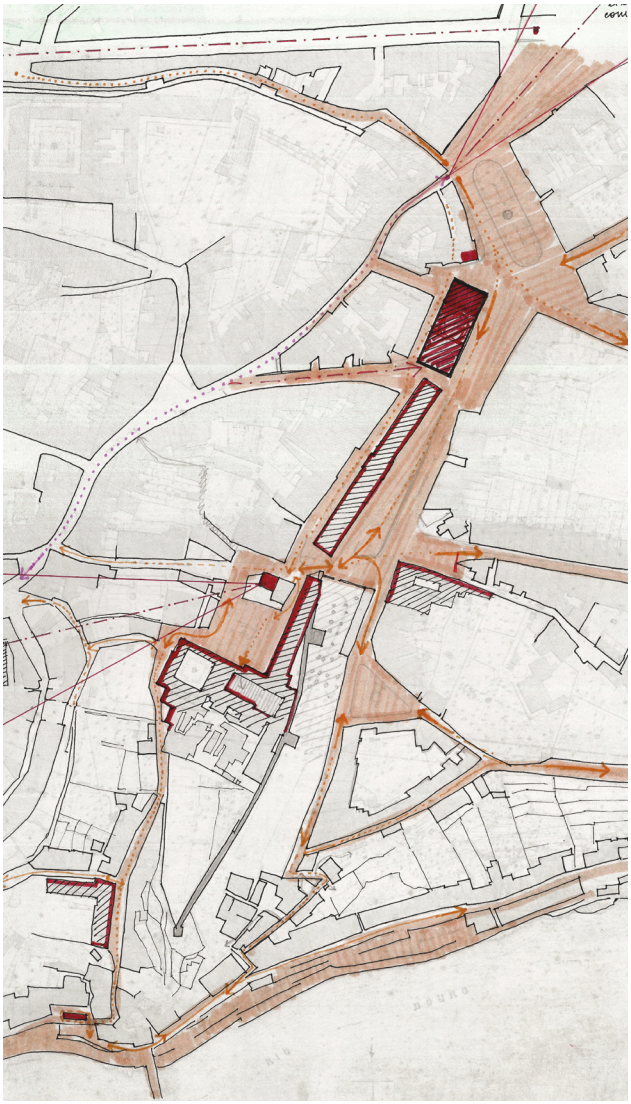
---

3 SILVA, Francisco Ribeiro da.*O Porto e o seu termo: 1580-164: os homens, as instituições e o poder.* Porto: CMPorto, 1988, p. 93.

4 *Idem.*



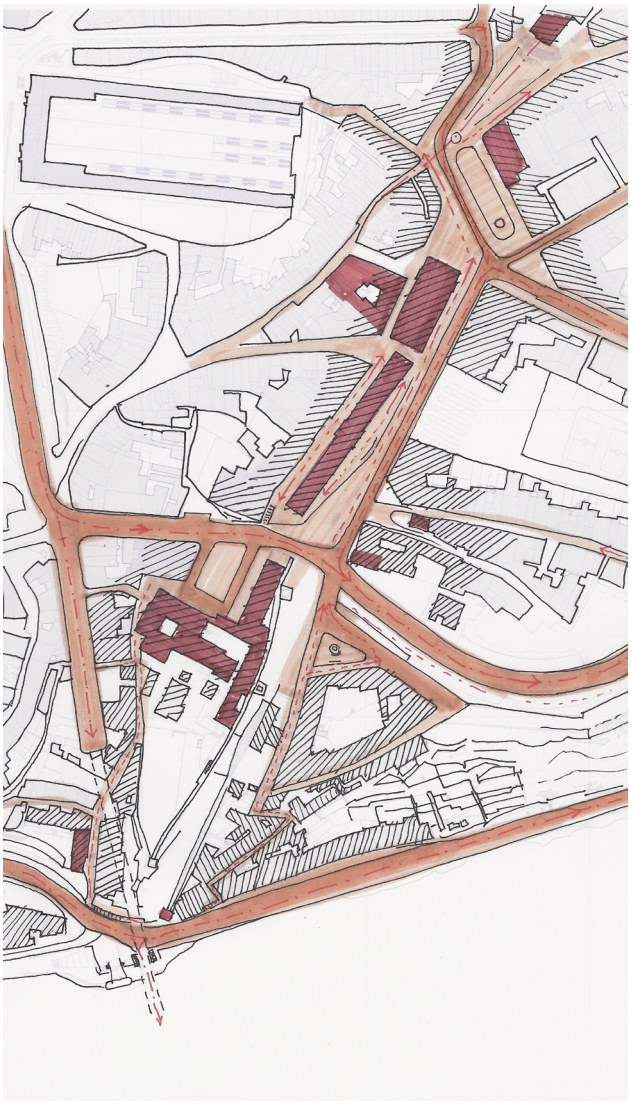
i12.
Desenho elaborado a partir da *"Planta Topographica da Cidade do Porto. Aonde se veem exactamente marcados todos os Edifícios, Praças publicas, e ruas novas abertas, bem como alguns projectos approvados pelas Authoridades Municipaes, para maior comodidade de seus habitantes, e beleza da mesma Cidade"*, Joaquim da Costa Lima, **1839**.



i13.
Desenho elaborado a partir do *"Projecto de arruamentos do Bairro da Sé." Planta de alinhamento da Rua de Santo António do Penedo, Rua Chã e Rua da Batalha, aprovada pela Comissão Executiva em 1893 e plantas de projecto de abertura de rua junto ao Convento de Santa Clara, entre o Largo Actor Dias e a Avenida Saraiva de Carvalho, com indicação de não estar aprovado,* **1883-1893**.



i14.
Desenho elaborado a partir da *"Planta da Cidade do Porto levantada sob direcção de Augusto Gerardo Teles Ferreira"*, **1892**, Folha n.º5.



i15.
Desenho elaborado a partir da Cartografia Digital do ano **2001**. Os eixos viários assumem um novo protagonismo.

de bons tanques para este ministério"[5], indicam uma dinâmica urbana entre o lazer e o doméstico. A Junta de Obras Pública indica a importância do desenho, o pensamento e o estudo prévio (com antevisão) sobre a organização do espaço doméstico; exige um equilíbrio entre a antevisão do projecto com a realidade observada, a sobreposição dos diferentes tempos do lugar habitado na sua transformação. Por isso, compreender a transformação do lugar de habitar interessa ao projecto. Com essa consciência será permitido pensar a cidade como um todo. É neste sentido que surge a ideia de continuidade que teremos a oportunidade de aprofundar no apontamento seguinte.

Os quatro esquemas de estudo que apresentamos representam, de forma sistemática, a forma como procedemos o nosso estudo: seleccionamos um conjunto de cartografias antigas da cidade do Porto e tentamos compreender a transformação dos espaço-público, a relação do edificado com o sistema viário, assim como a sua utilização. São uma tentativa de compreender a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas no conjunto. Para fazermos uma leitura sobre os Guindais e as Fontaínhas no conjunto, é pertinente e necessário, fazê-la também em relação ao Codeçal. Destes desenhos ressalvamos a relação entre o actual Largo de 1.º de Dezembro (antigo Largo de Santa Clara) e Largo Actor Dias (antigo Largo da Polícia); o acesso à marginal pelas Escadas do Codeçal e pelas Escadas dos Guindais, e ainda a construção de patamares na encosta.

5 *Idem.*

2.3. Transformações Urbanas

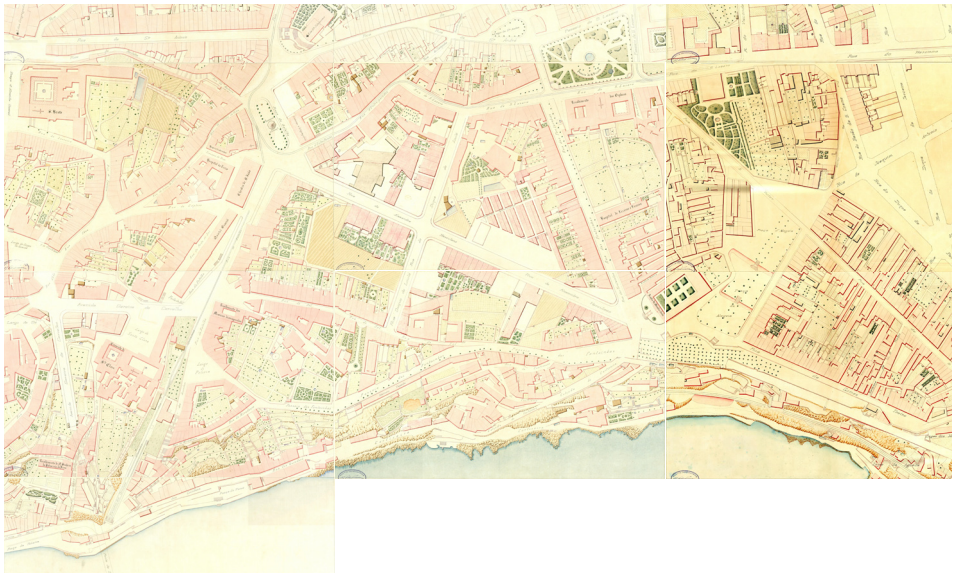
O levantamento geral da cidade do Porto executado com o auxilio de Teles Ferreira no ano de 1982 revela, de entre as cartografias antigas da cidade do Porto que se conhecem, uma interpretação mais detalhada sobre o território. As cartografias, os planos da cidade, são registos preciosos da cidade, fundamentais para corrigir assimetrias de um crescimento desregrado. A sua leitura torna-se muito interessante.

Tendo isso em consideração, elaboramos um desenho que combina o *"Projecto de arruamentos do Bairro da Sé"* do ano de 1883-1893 com a *"Planta da Cidade do Porto levantada por Augusto Gerardo Teles Ferreira à escala 1/500" (folhas 279, 280, 281, 301 e 321)* do ano de 1892. A intenção de tomar o problema da transformação da cidade a partir do espaço vivido, leva a que se adopte uma leitura da sobreposição dos diferentes tempos do espaço de habitar. Cruzamos algumas cartografias de todas as que recolhemos e, apartir delas, desenvolvemos uma leitura para aquele lugar. O interesse não é exaltar o passado, o seu valor não se encontra no seu acontecimento cronológico, ele aponta, antes, para a capacidade de acolher, de reencontrar, os princípios que importam para pensar (o Codeçal), os Guindais e as Fontaínhas, no espaço presente.

Apresentamos um conjunto de cartografias que suscitam os seguintes temas: Entre o Largo de Santa Clara e o Largo da Polícia em direcção ao Miradouro das Fontaínhas; uma nova relação com a Praça da Batalha; entre a Praça da Batalha e o Largo de Santo Ildefonso; do Passeio ao Miradouro das Fontaínhas; muros, plataformas e Jardins na encosta sobre o Douro.



[A]



[B]

3. (Codeçal), Guindais e Fontaínhas



Legenda:

1. Igreja de Santo Ildefonso
2. Largo de Santo Ildefonso
3. Praça da Batalha
4. Capela de Nossa Senhora da Batalha
5. Teatro de São João
6. Real Casa Pia
7. Rua da Batalha
8. Porta do Sol
9. Capela de Santo António do Penedo
10. Largo de Santa Clara
11. Convento de Santa Clara
12. Escadas do Codeçal
13. Igreja e Recolhimento de Nossa Senhora do Patrocínio
14. Capela da Lada
15. Ponte Pênsil
16. Cais dos Guindais
17. Rua dos Guindais
18. Escadas dos Guindais
19. Largo do Corpo da Guarda
20. Passeio das Fontaínhas
21. Miradouro das Fontaínhas
22. Rua de Alexandre Herculano
23. Rampa da Corticeira
24. Sé da Cidade

i16.
Desenho elaborado a partir do *"Projecto de arruamentos do Bairro da Sé"*, **1883-1893**; [A]
e da "*Planta da Cidade do Porto levantada sob direcção de Augusto Gerardo Teles Ferreira à escala 1/500."* Folhas 279, 280, 281, 301 e 321, **1892**. [B]

Entre o Largo de Santa Clara e o Largo da Polícia em direcção ao Miradouro das Fontaínhas

O Convento de Santa Clara no Porto foi mandado construir sob ordem real de D. João I no ano de 1416 de forma a acomodar as freiras clarissas que residiam em Torrão, Entre-os-Rios. O novo mosteiro implantou-se num lugar privilegiado da cidade, não só pela protecção oferecida pela muralha, nem pela proximidade aos acessos, mas por ser um lugar praticamente isolado dentro da cidade, localizado a uma cota inferior à Sé, beneficiando o controlo da vida das religiosas. Além disso, o isolamento do local favorecia a vocação contemplativa da Ordem de Santa Clara, já que o funcionamento do convento se regulamentava em função da clausura. A Ordem acreditava que o modo de vida em clausura seria a condição necessária para garantir a "pureza da alma"[1] e, com vista a alcança-la, o melhor meio seria a limitação do contacto das religiosas com "pessoas estranhas"[2]. Tendo em consideração estes princípios, o convento fechava-se à proximidade do mundo exterior, à excepção da utilização das torres da muralha trecentista como mirantes que "servem de alívio, e recreação das Relligiozas, quando a Madre Abbadeça lhes dá licença para hirem a elles, pelo grande golpe de vista de que gozão do Rio Douro, Mar, Terra em distancia de muiras legoas"[3]. O convento de Santa Clara continha no interior da sua cerca um conjunto de patamares e tanques cuja nota de ruralidade é evidente na descrição do 1.º Tomo de 1611:

> *"(...) e dentro desta cerqua* [a do convento] *fica o dito mosteiro igreja dormitórios hortas castras pumares árvores de fruto sem ele* [o muro] *casas de serventia e recolhimento dos cappelains e comfessore outras pertenças e pátios e serventias entradas e saídas tudo declarado no auto deste conhecimento dentro do qoal serca vay cair agoa em*

1 FERNANDES, Maria Eugénia. *O Mosteiro de Santa Clara no Porto em meados do séculso XVIII (1730-80),* 1992, p30.

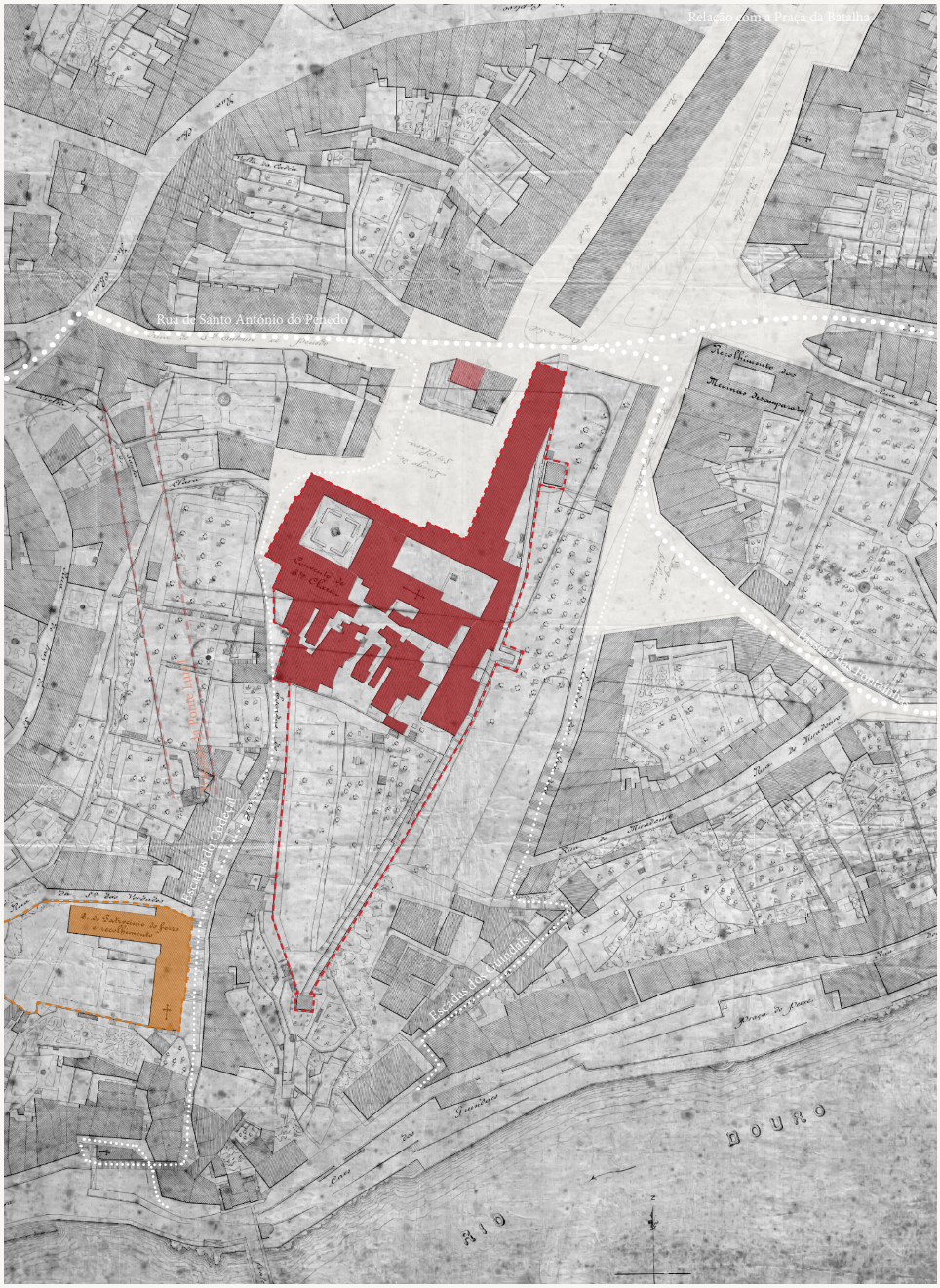
2 *idem, p. 67.*

3 *idem.*

3. (Codeçal), Guindais e Fontaínhas

i17.
"Projecto de Arruamentos do Bairro da Sé". (excerto), **1883**.

Capela de Santo António do Penedo
Convento de Santa Clara
Recolhimento Nossa Senhora do Patrocínio e Santa Maria Madalena
Percursos Principais
Percursos Secundários



> *tanques que nella estaõ de que se serve e uza o dito convento que he a que cem dos* cazais da Povoa de Sima (...)"[4]

É cada vez mais evidente o recurso a patamares, muros e plataformas como resposta aos desafios que o solo granítico coloca. Estes patamares, jardins ou espaços de cultivo, tornaram-se uma das características peculiares do lugar, condicionando, tanto no Codeçal, quando nos Guindais e na Corticeira, a tipologia do edificado. O espaço interior do convento de Santa Clara, segundo conseguimos apurar pela descrição do Tombo de 1611 e pela análise da cartografia antiga, seria organizado para o recolhimento, a oração e a vida comunitária das clarissas.

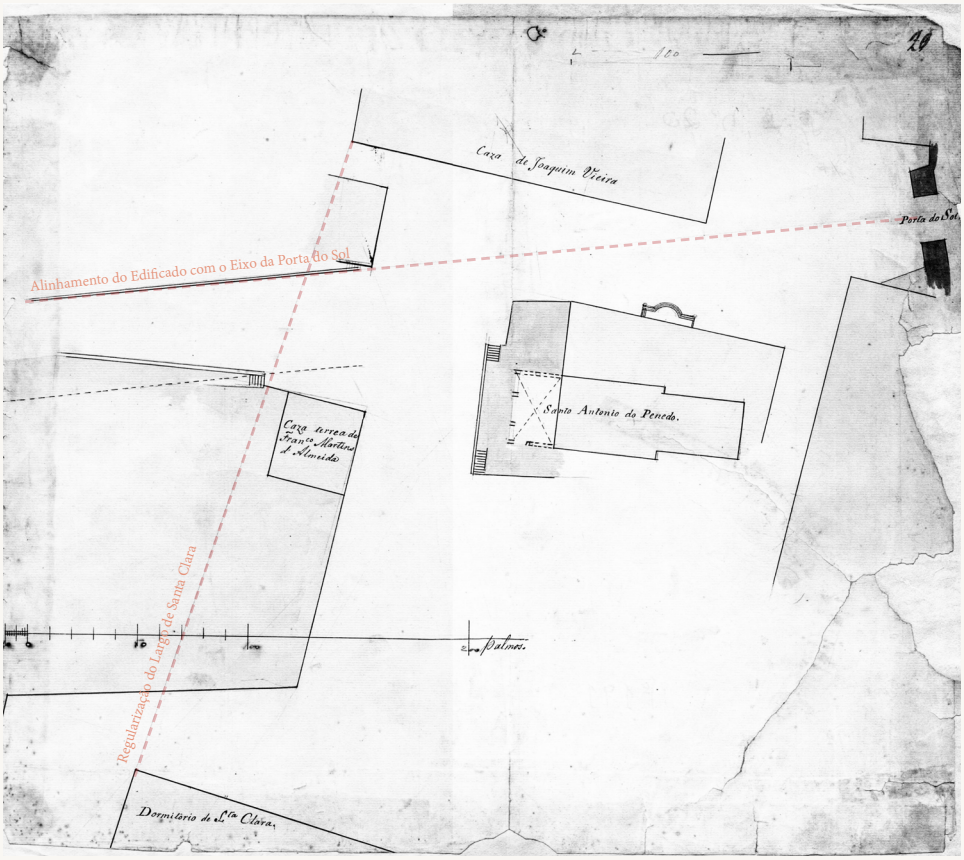
No Largo de Santa Clara implantava-se a capela de Santo António do Penedo. Esta Capela rematava a rua com o mesmo nome que, perpendicular à Rua Chã das Eiras, seguia em direcção à Porta do Sol. A *i18* e *i19* estudam a abertura de uma nova rua, a que hoje é a avenida Saraiva de Carvalho.

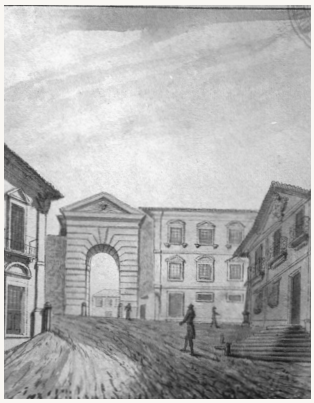
Num terreno anexo às escadas do Codeçal, a uma cota inferior a Santa Clara, foi construído, no século XVII, o Recolhimento de Nossa Senhora do Patrocínio e Santa Maria Madalena. A construção do edifício motivou uma vistoria sobre o Codeçal, que ditou o alargamento da rua transversal às escadas de forma a ficar com 18 palmos, cerca de 4 metros. A história do desenho da construção do edifício reforça o que temos vindo a defender enquanto característica particular da encosta. A construção do edifício teve início no paredão voltado para o rio, onde ficariam os alicerces do mesmo. No entanto, as recolhidas consideraram que a melhor localização para o edifício seria junto à Rua da Nossa Senhora das Verdades, a uma cota superior, aproveitando o declive do terreno para o cultivo de hortas e pomares. A fachada do edifício, "prefeita em obras d'architectura", caracteriza, hoje, parte das Escadas do Codeçal, porém, a abertura do túnel da Rua do Infante D. Henrique provocou um desmoronamento parcial do recolhimento, estando aquele espaço, na nossa opinião, sem

4 A.D.P. Fundo Monártico, *Convento de Santa Clara do Porto.* Tombo I.º - 1611, fls. 10v-11v in ALVES, Natália. Subsídio para o estudo Artístico do Convento de Santa Clara do Porto nos princípios do século XVIII.

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas

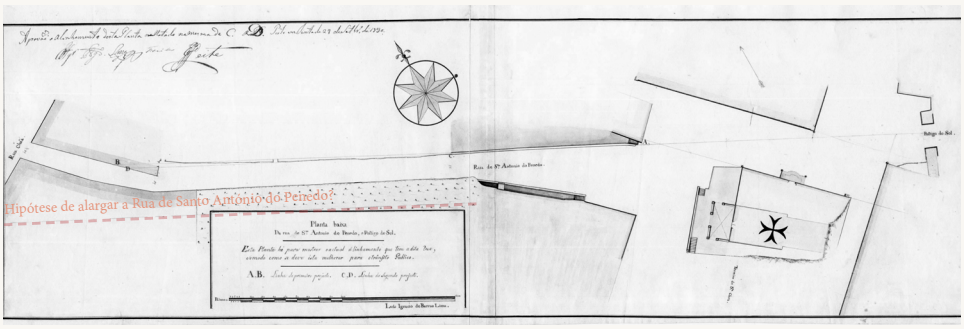
i18.
"Largo de Santa Clara com a localização da Capela de Santo António do Penedo".
c.**1800**.



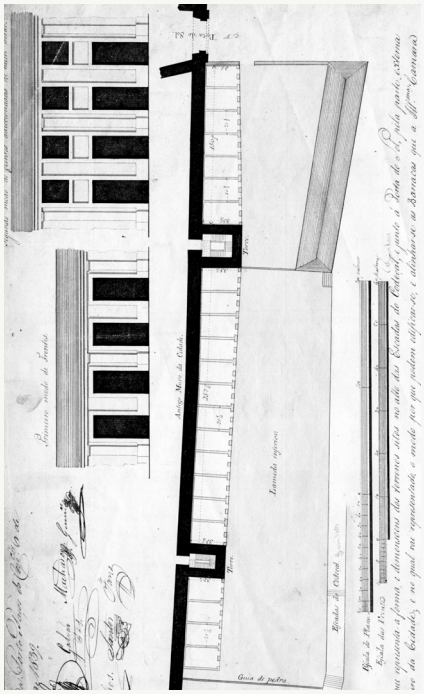


i18.[a] *"Porta do Sol da Rua de Santo António do Penedo".* Edifícios do Porto em 1833, Joaquim Vilanova

i19.
"Planta Baixa da Rua de Santo António do Penedo, e Postigo do Sol".
Ignacio de Barros Lima, **1830**.







um remate digno do lugar dado o seu valor local. O final das Escadas do Codeçal vê-se em ruína, escorado a um entalhe da encosta, que culmina num entroncamento de acessos ruidosos: entre o túnel, a Avenida Gustavo Eiffel e o tabuleiro inferior da ponte Luís I, entre a Ribeira, o Codeçal e os Guindais.

A muralha trecentista separou, através do Postigo do Carvalho (ou de Santo António do Penedo), o Largo de Santa Clara e o Largo da Polícia, um lugar de convergência de caminhos locais que, apesar de pequenos nos meios e nas distâncias, seriam importantes e assíduos ao funcionamento da cidade. Relação que cresceu em importância quando muito dos espaços funcionais se transferiram para o exterior, tal como o matadouro, os aloques e pelames que se instalaram nas Fontaínhas. A substituição do Postigo de Santo António do Penedo pela Porta do Sol veio reforçar a importância deste acesso à cidade.

i20.
"Antigo Mirante de Santa Clara e Ruína da Porta do Sol".
Fotografia da Colecção Dr. Pedro Vitorino, **1884**.

i21.
"Plano que representa a forma e dimensões dos terrenos sito no alto das Escadas dos [Guindaes], e junto à Porta do Sol pela parte externa do Muro da Cidade; (...)".
Livro de Plantas - Junta de Obras Públicas
1839.

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas



i22.
"Antigo Mirante de Santa Clara e Rua Augusto Rosa".
Domingos de Alvão, **s.d.**.

Uma nova relação com a Praça da Batalha

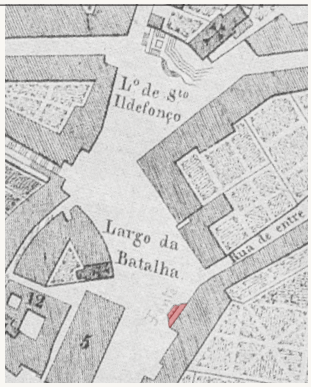
No alinhamento dos terrenos deixados livres pelo derrube da muralha construíram-se edifícios importantes para a cidade, nomeadamente o Teatro de São João, reforçando o gosto pelos espaços de lazer na cidade portuense. A abertura da Rua Nova da Batalha e da Rua Alexandre Herculano permitiram uma relação directa com o Passeio e Miradouro das Fontaínhas.

Tomamos nota que o primeiro edifício do Teatro de São João foi mandado construir, em 1794, por Francisco de Almada e Mendonça, como o projecto do arquitecto italiano Vicente Mazzoneschi. Já no século XX, após o teatro ter sofrido um incêndio, deu lugar à sua recuperação e estudo sobre a Praça da Batalha com projecto do arquitecto Marques da Silva.



i23.
Teodoro de Sousa Maldonado?, **17?.**

Capela de Nossa Senhora da Batalha
Eixos Geométricos dominantes da Praça
Percurso Principal
Percursos Secundários
Troço da Muralha *trecentista*



Na *"Planta Topographica da Cidade do Porto"* de Joaquim da Costa Lima do ano de 1839 está representada a **Fonte da Batalha**. Note-se ainda que o lugar da Batalha é designado como Largo antes de ser Praça.

i24.
"Projecto de Arruamentos do Bairro da Sé". (excerto), **1883**.



Capela de Nossa Senhora da Batalha

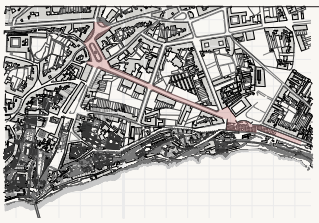
Teatro de São João

Relação visual com a Capela de Nossa Senhora da Batalha

Percurso Principal

Percursos Secundários

Geometria da Rua Nova da Batalha (actual Rua Alexandre Herculano)



A Rua Nova da Batalha articula a Praça da Batalha com o Miradouro das Fontaínhas, dois espaços-públicos relevantes para a cidade do Porto.

Entre a Praça da Batalha e o Largo de Santo Ildefonso

Com a observação atenta na Planta Medieval do Porto da autoria de Luís Aguiar Branco, bem como a cartografia antiga, é possível identificar o Cimo da Vila como um ponto de articulação entre a confluência de percursos exteriores à cerca trecentista e um caminho interior que estabelecia o contacto com a Sé pela Porta da Nossa Senhora da Vandoma. É verificável também o contraste entre a densidade de edificações junto aos percursos de acesso à cidade e o vale cultivado pontuado por esparsas edificações. Não nos surpreende que a Porta do Cimo da Vila (ou Porta da Batalha) tivesse sido uma das mais movimentadas à data de 1789, como descreve Agostinho Rebelo da Costa, por ser o atravessamento entre o interior e o exterior.

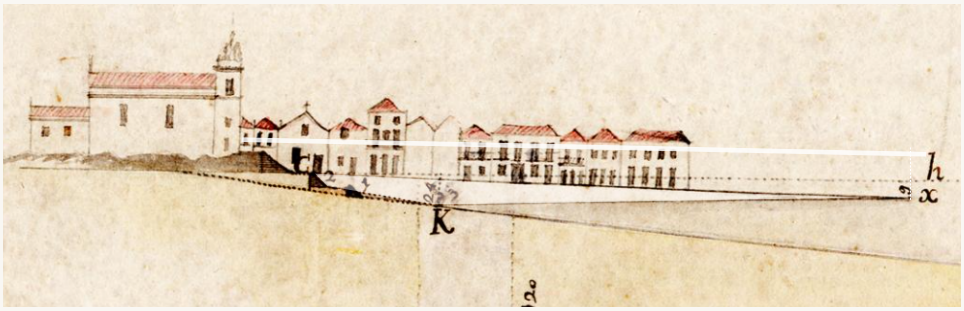
Junto a esta torre quadrada mais alta do que o pano murado trinta pés localizava-se o largo de Santo Ildefonso e o largo da Batalha, mediados pela Capela de Nossa Senhora da Batalha. Esta capela, de provável fundação quinhentista, foi classificada por Agostinho Rebelo da Costa como a terceira capela principal da Cidade do Porto, cuja organização espacial obrigava o seu contorno por parte das pessoas que pretendiam entrar na cidade.

O lugar da Batalha seria "um vulgar lugarejo rústico com estreitos caminhos de acesso ao mesmo, com os seus campos de cultivo e respectivos muros em redor, ramadas, arvoredos e até com um ribeiro a serpentear pelo seu leito"[5]. Contiguamente ao lugar da Batalha - que foi rossio, campo, largo, praça - localiza-se o largo de Santo Ildefonso que, embora tenha uma forma urbana reduzida, funcionou como um importante entroncamento de vias, desde logo pela ligação quer ao Campo de Mija-Velhas (actual 24 de Agosto) por onde passava a Estrada-do-Pão, importante via de distribuição de pão à cidade vindo de Valongo.

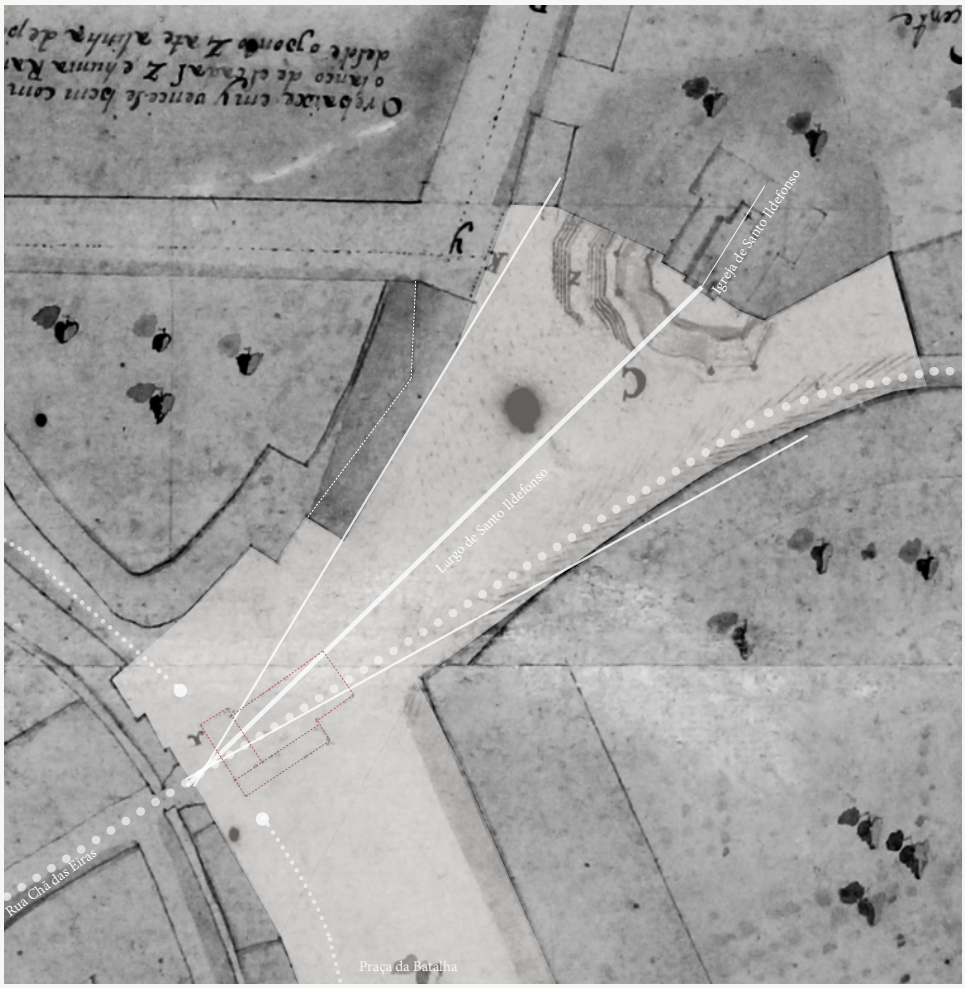
5 PINTO, Jorge Ricardo. *O Porto Oriental no final do século XIX. Um retrato urbano*. Porto: Edições Afrontamennto, 208, p.38.

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas

i25.
"Perfil da Rua Nova de Santo António"
(excerto).
Teodoro de Sousa Maldonado, **1793**.



i26.
"Projecto para a abertura da Rua Nova de Santo António, entre as Igrejas dos Congregados e de Santo Ildefonso"
(excerto).
Teodoro de Sousa Maldonado, **1793**.



Capela de Nossa Senhora da Batalha

Relação visual com a Igreja de Santo Ildefonso

Percurso Principal

Percursos Secundários

Do Passeio ao Miradouro das Fontaínhas

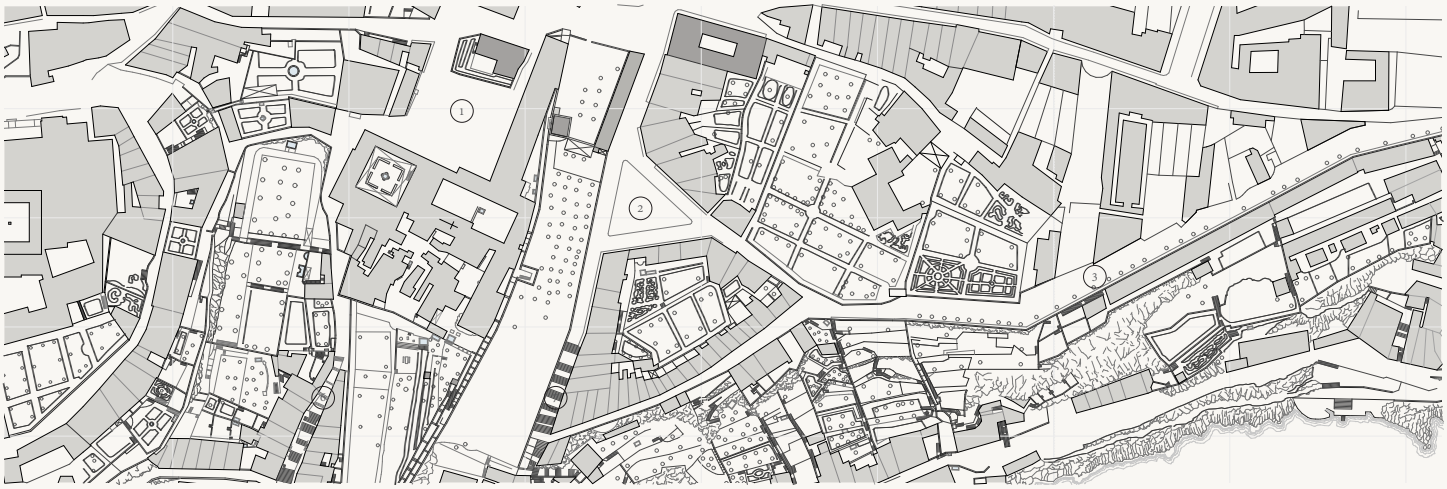
O Passeio das Fontaínhas seguia pelo Largo da Polícia em direcção ao Miradouro das Fontaínhas, com vocação de Passeio Público e miradouro sobre o rio, estrategicamente posicionado sob o ponto de vista cénico e dispunha de um conjunto de árvores alinhadas que sombreavam um amplos espaço servido por uma fonte e por tanques para lavar a roupa. A "Planta geométrica da Alameda das Fontaínhas" indica a recolocação dos quatro tanques num terreno a uma cota inferior, no lugar onde se localizam actualmente.

O Miradouro, um espaço público de excepção na cidade, seria fechado em relação ao Passeio das Fontaínhas e prolongava-se para nascente, a uma cota superior à linha férrea. Findo o passeio, junto ao muro da linha férrea, encontrava-se um jardim de infância e um caminho, que, avançando a linha, traz-nos a lembrança do filme de Manoel de Oliveira, Aniki Bóbó.

i27.
"Planta geometrica da Alameda das Fontaínhas, q. fica fronteira, e mais sobranceira ao Rio Douro; e serve de recreio e passeio público dos moradores da cidade do Porto".
Visconde de Balsemão, **c1800**, AHMP.

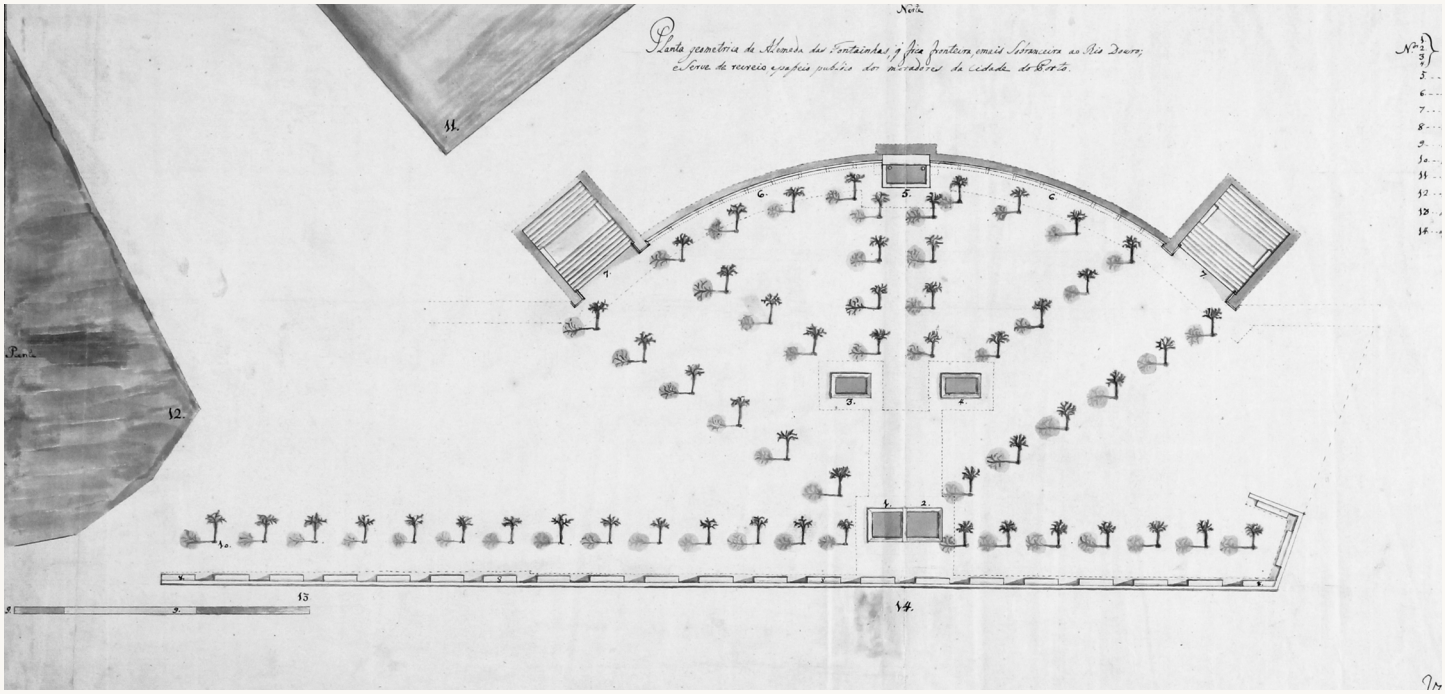
i28. legenda

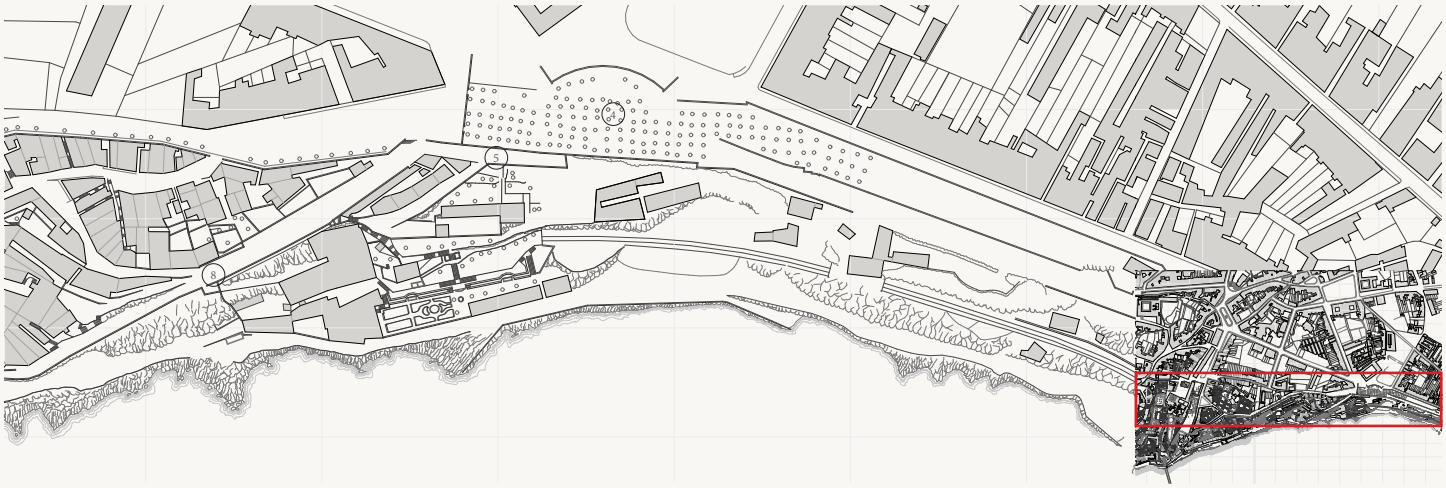
1. Largo de Santa Clara
2. Largo da Polícia
3. Passeio das Fontaínhas
4. Miradouro das Fontaínhas
5. Tanques das Fontaínhas
6. Escadas do Codeçal
7. Escadas dos Guindais
8. Rampa da Corticeira

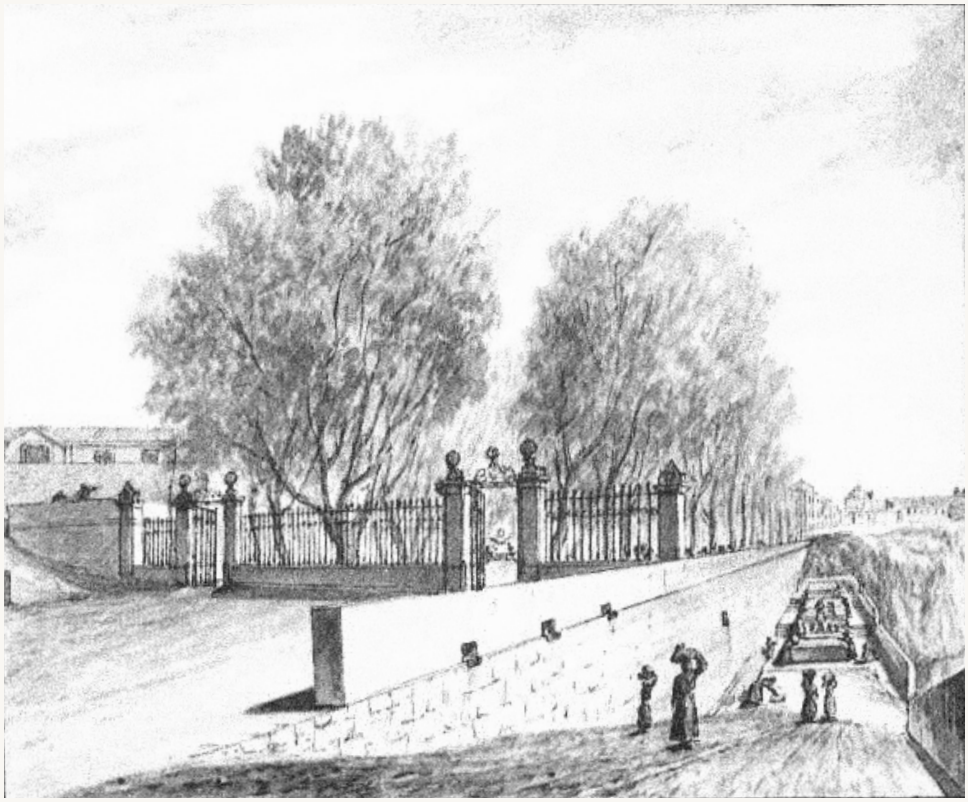


i28.
Planta desenhada sobre o "Projecto de arruamentos do Bairro da Sé" e "Planta da Cidade do Porto levantada sob direcção de Augusto Gerardo Teles Ferreira".

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas





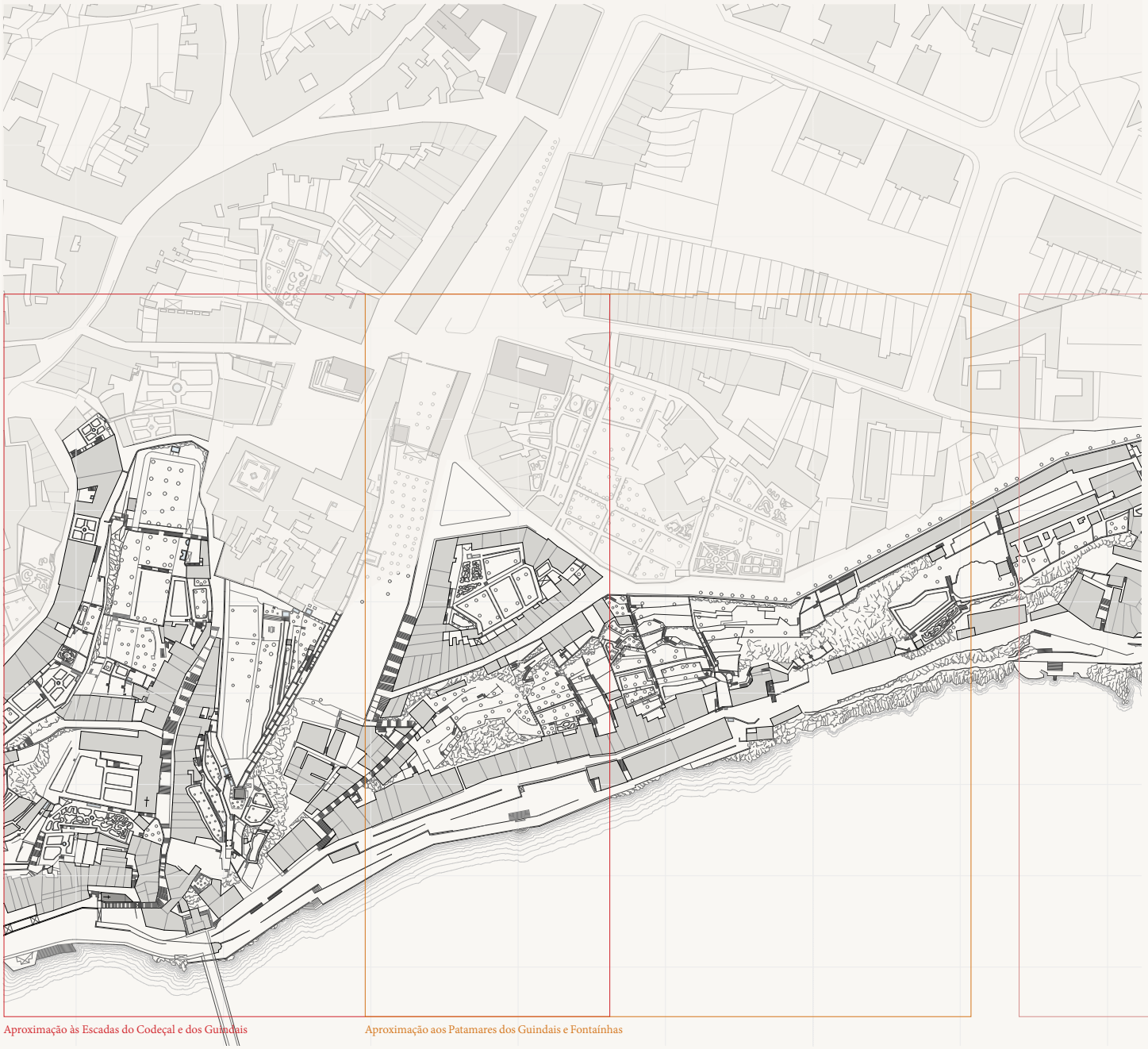


i29.
Passeio e Lavadouro das Fontaínhas
Edifícios do Porto em 1833, Joaquim Vilanova.

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas

i30.
Lavadouro das Fontaínhas
Autor desconhecido





i31.
Planta desenhada sobre o "Projecto de arruamentos do Bairro da Sé" e "Planta da Cidade do Porto levantada sob direcção de Augusto Gerardo Teles Ferreira".

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas



Aproximação à Rampa da Corticeira e Estrada Marginal



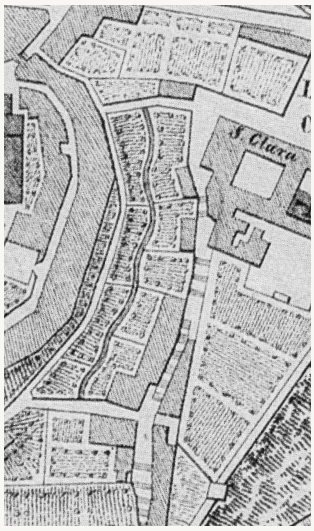
Aproximação às Escadas do Codeçal e dos Guindais

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas

i32.
Aproximação às Escadas do Codeçal e dos Guindais

Muros, Plataformas e Jardins na Encosta sobre o Douro

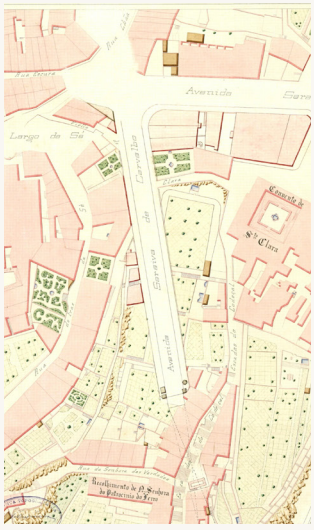
1. O Acesso às Escadas do Codeçal



[1]

Do Largo de Santa Clara passamos para as Escadas do Codeçal. O seu acesso é realizado de forma íngreme entre o Muro do Convento de Santa Clara e o muro dos terrenos vizinhos. Neste pedaço do percurso é possível aceder a um conjunto de escadas que controlam o vencem o desnível do vale e chegam até a uma propriedade localizada na Rua do Redemoinho. A *Planta Topográfica da Cidade do Porto* do ano de 1839 [1] mostra a existência de uma linha de água neste local com zonas de cultivo ao seu redor. Foi neste vale que a ponte Luís I assentou os seus pilares [2], rompendo com os patamares, e, em parte, com as habitações do Codeçal, tornando-o, espacialmente, curioso.

2. A chegada aos degraus e o acesso às habitações


[2]

Antes de chegarmos aos degraus das Escadas do Codeçal o pequeno largo indica-nos um acesso secundários, conduzindo-nos a um conjunto de patamares que se agarram à *muralha trecentista* com vista sobre o Douro.

3. O Acesso às Escadas dos Guindais

Do Largo da Polícia acedemos às Escadas dos Guindais. Um conjunto de edificações demarcam o sentido da rua; a poente temos um terreno que, desde a época da Junta de Obras Públicas desejou ser Público. Neste terrenos, junto à muralha foi construído o Elevador dos Guindais, permitindo uma transição rápida e descansada entre cotas.



Aproximação aos Patamares dos Guindais e Fontaínhas

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas

i33.
Aproximação aos patamares dos Guindais e das Fontaínhas

4. A chegada à Baixa da Cidade

Para chegar ao rio pelas Escadas do Codeçal é necessário contornar a Capela da Lada. O culminar das Escadas do Codeçal, junto rio, sofreu, ao longo do tempo, diversas transformações, desde a orientação da escada, ao contorno da Capela da Lada. Com a abertura do Túnel Infante Dom Henrique, o lanço final da escadas sofreu uma alteração na orientação.

5. Os patamares na encosta

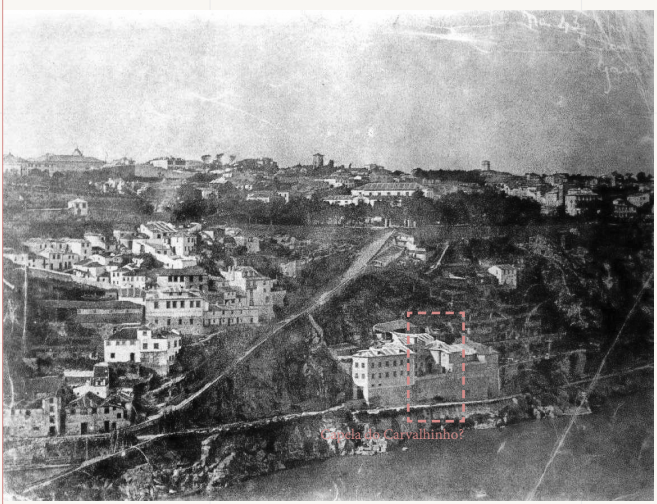
O terreno fragoso da encosta exigiu que o homem encontrasse um sistema construtivo de forma a controlar o solo. A gravura de Manuel Marques de Aguilar do ano de 1791 demonstra que a escarpa dos Guindais foi controlada por um conjunto de muros e plataforma a cotas variadas que, por ventura, serviriam para pequenas hortas ou jardins. A Cartografia antiga também representa essa preocupação no controlo do solo, porém, sem rigor.

O "Projecto de Arruamento do Bairro da Sé" e com a "Planta da Cidade" levantada por Teles Ferreira no ano de 1892 permite sustentar que, de facto, a escarpa foi alterada por estas plataforma e pelo edificado que, com o tempo e com a introdução da indústria a na parte oriental da cidade, principalmente a Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho. A pequena indústria doméstica que se instala na encosta começou a adquirir uma importância significativa na vida da cidade. De forma semelhante, a residência operária instalou-se junto das fábricas, daí o número considerável de bairros operários na encosta.

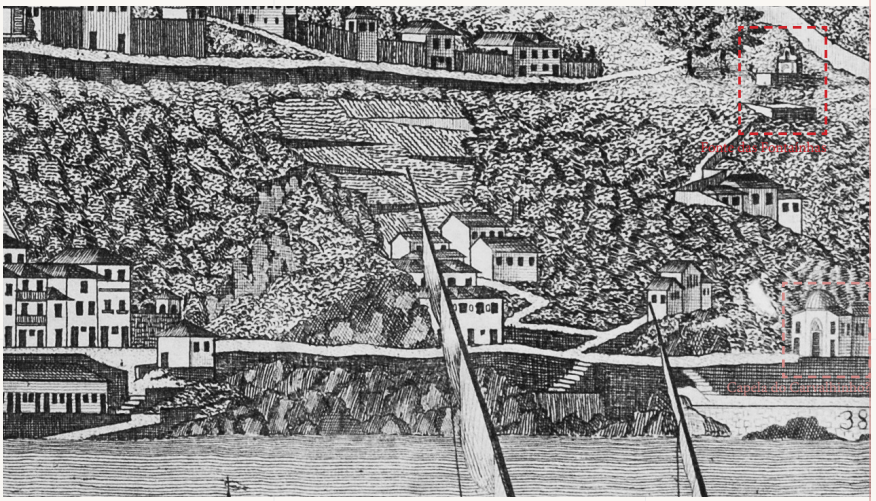
6. Os muros limítrofes, o gosto pelos jardins e espaços de lazer

Já abordamos a questão do gosto pelos espaços arborizados e pela questão do espaço de lazer com vista sobre o rio Douro em termos de espaço-público. Esta vontade de construir




Ermida do Calvalhinho?

[1]


Igreja dos Grilos
Convento de Santa Clara
38

[2]

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas

i34.
Aproximação à Rampa da Corticeira e Estrada Margina

para viver bem também passa para o espaço doméstico. A gravura de Manuel de Aguilar representa um muro junto ao passeio das Fontaínhas recortado, esse muro pertence a um conjunto de propriedades sobre o Douro. Se tivermos em consideração que, actualmente, para chegar às Fontaínhas a partir do antigo Largo da Polícia, temos de atravessar um estacionamento, o interior de uma antiga propriedade, vemos em ruína um muro de pedra com recortes semelhantes; espaços para sentar e aproveitar a vista sobre o rio. Além disso é considerável o número de tanques e fontes nessas propriedades, especialmente junto ao Codeçal e no interior de Santa Clara.

No espaço do lado esquerdo da Rampa da Corticeira onde hoje se localiza a estrutura da Ponte do Infante, também é perceptível um conjunto de propriedades com um desenho do jardim cuidado. Como é o caso da propriedade onde se supõe que fosse a Fábrica do Carvalhinho.

Se compararmos a foto de William Flower [1], de cerca de 1800, com a gravura de Manuel de Aguilar [2], que denomina o espaço como Capela do Senhor do Carvalhinho. Além disso, o "Plano da Cidade do Porto", demonstra a existência de duas capelas junto à Corticeira, uma delas existe hoje em ruína.

Com a construção da Marginal, o contacto com o rio tornou-se menos evidente. Os pequenos espaços de permanência junto ao rio deram lugar a uma passeio de grandes dimensões que frequentemente vemos com pescadores.



[3]



i35.
"Oporto from Fontainhas".
Robert Batty (des.) e Thomas Jeavons (grav.), **1829**. AHMP

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas

i36.
Ponte D. Luiz 1.º
Editor Alberto Ferreira, c. 1900.





i37.
Rampa da Corticeira, Aniki Bóbó
Filme de Manoel de Oliveira **1942**.

(Codeçal), Guindais e Fontaínhas

3.1. Problematização e demarcação de uma atitude

Para um lugar de situação particular como é a escarpa dos Guindais e das Fontaínhas em relação ao núcleo urbano do Porto, alguns assuntos parecem-nos centrais para questionar o panorama actual de intervenção na encosta portuense.

> *"Esta minha cidade do Porto tem um solo levado dos diabos. Acidentado, granito que durante séculos repeliu planos apressados. O casario galga morros e abre praças, onde pode: estreitos vales ou plataformas inclinadas, como nenhum manual poderia propor.*
>
> *As muralhas precipitam-se a conter o tecido deslizante; só um Bispo ou uma Paróquia metodicamente enriquecida (ou de súbito contemplada por algum novo rico) erguem arquitecturas autónomas, soltas das rochas e das casas estreitas, em implacável geometria, dissolvendo-se em esculturas redondas, regressando à Natureza petrificada. As encostas exigem muros de pedra penosamente ajustada, plataformas abraçadas à lógica essencial da paisagem, Douro acima, a criar o vinho que depois alimenta a cidade, o vinho que paga os jardins do interior dos quarteirões, dos grandes quintais sobre o rio, com árvores de gravura setecentista, palmeiras, camélias de muitas cores, buxo, pomares, roseiras, cores escandalosamente frescas contra as fachadas austeras.*
>
> *Os grandes trabalhos do século XIX enfrentam todas as resistências: a da Natureza e a Outra (as máquinas não mudam de repente mentes e mãos). Sobre o rio, os grandes muros de retenção, em cantaria lavrada (ameaçados muros) reforçam as linhas da paisagem, ou transformam-na reintegrando, sobrepõem superfícies colossais, juntam monumentos, morros e terraços ao que resta das muralhas, reforçam o cinzento que o céu confirma, escavam túneis, abrindo novas perspectivas.* (...)
>
> *E aí vêm pela encosta os viadutos, poisam as patas pouco delicadas sobre muros e quintais, destroem casas, nem suficientemente livres nem prudentes (poderiam voar, sobrepor-se, transformar; apenas se fazem brutais, roçam a estrutura cristalina de Eiffel, definitivamente despovoam as margens de Aniki Bóbó).*
>
> *Terras antigas transformadas, detritos, pedras quebradas e velhos jornais e trapos cobrem os terraços, esmagam as vinhas. Caem camélias entre notícias sensacionais, e também as vermelhas, dispersam-se (...)*
>
> *Avançam as gruas, os camiões trazem terras das fundações de Matosinhos e da Maia, há lixeiras sem condições nas encostas do Douro, espalham-se detritos vegetais.*
>
> *Nascerá um jardim? Transpõem-se jardins, de onde nascem estruturas cinzentas?*
>
> *Atravesso a ponte. Levanta-se do rio uma humidade densíssima. A cidade faz-se véu*

> *cinzento, como numa aguarela de António Cruz. Irrompe a Torre dos Clérigos, contra a penumbra quase iluminada do céu, poalha doirada. E os Grilos. E o quadrado do amado Palácio de Nasoni, branco, como um buraco ao contrário, ou talvez o cubo do Teatro São João (nada do anel exagerado dos prédios de rendimento para lá do Marquês, ou dos que invadem os sítios tranquilos).*
>
> *Flutuam os fantasmas do que era preciso, e o apetite de acrescentar — não assim.*
>
> *Pouco importa. Esta minha cidade tem um solo levado dos diabos. E um nevoeiro onde nenhum Sebastião penetra."*[1]

O discurso de Siza sintetiza o que até então retratamos acerca da encosta portuense, tornando evidente os desafios que o solo granítico aponta à construção. Tanto à construção do casario (comum) que *"galga morros e abre praças"* adaptando-se à dificuldade do meio *"como nenhum manual poderia propor"*, quanto à construção singular do interior murado, *"arquitecturas autónomas, soltas das rochas e das casas estreitas, em implacável geometria, dissolvendo-se em esculturas redondas, regressando à Natureza petrificada"*[2].

O encontro da arquitectura com a Natureza acontece pelo controlo do solo com plataformas e muros de *"pedra penosamente ajustada"*, mantendo a lógica essencial da paisagem duriense. São estas plataformas e muros, hoje ameaçados, agentes que permitiram a construção da identidade do território, encontrando na experiência de habitar o seu estado de graça. Os jardins e os quintais sobre o rio descritos por Siza faz-nos imaginar um cenário de felicidade. Uma memória bucólica, que ainda hoje surge quando percorremos os recantos da encosta, com plenitude nas vistas dos jardins abandonados.

Ao longo do tempo, os muros e as plataformas reforçaram as linhas da paisagem e garantiram, pela continuidade de um sistema construtivo, a sua unidade. A encosta portuense é o resultado de uma arquitectura de grandes linhas onde o natural deu lugar ao artificial[3], através de geometrias que procuraram descobrir o que se encontrava disponível e acessível

---

1 SIZA VIEIRA, Álvaro. *Porto*, in SIZA VIEIRA, Álvaro. *01.Textos*. Porto: Civilização ed., 2009, p. 201.

2 *Ibidem.*

3 Aqui artificial dever ser lido como artefacto construído.

para construir. Por conseguinte, o sentido que atribuímos à paisagem não surge, ou pelo menos não surge só, segundo uma imagem mental e cultural projectada de um mundo exterior; surge, sobretudo, como espaço organizado segundo intenções, necessidades e afectos dos habitantes, um conjunto de relações reciprocas entre a pessoa e o espaço, definindo um *"meio de vida"*[4]. Compreender a participação da pessoa na organização do espaço é-nos útil, não pela afinação do conceito de paisagem, mas no seguimento do que escrevemos nos apontamentos anteriores: tornar inteligível um lugar que, hoje, é difícil apreender no seu desígnio original, uma vez que a maioria das formas construídas - muros, percursos, casas e pátios - foram demolidas ou encontram-se degradadas, cobertas por uma aparente silvestre vegetação. O arquitecto deverá ser sensível e consciente em relação ao pré-existente e ao contexto onde o novo se insere, particularmente quando se tratam de lugares fragmentários, carentes de consistência e de precisão, quando *"vem pela encosta os viadutos, poisam as patas pouco delicadas sobre muros e quintais, destroem casas nem suficientemente livres nem prudentes (poderiam voar, sobrepor-se; apenas se fazem brutais, roçam a estrutura cristalina de Eiffel, definitivamente despovoam as margens de Aniki Bobó"*[5].

Não se trata da conservação forçada de um ambiente, *"a protecção como sintomaticamente se diz"*[6] de um contexto. Trata-se, antes, de compreender realmente o que significa transformar a cidade. A propósito da *cidade que temos*, Siza escreveu:

> *"Hitler escreveu que para destruir um povo, para nele apagar a consciência de si próprio, basta destruir os seus monumentos, o meio físico a partir do qual ele se identifica.* [...] *Na cidade que temos, de forma insensível, ou quase, para muitos lentamente, mas continuamente e em processo de aceleração, o ambiente como o qual nos identificamos é destruído, como se fosse essa a condição de o transformar.*
>
> *A transformação da cidade é fenómeno natural e prova de vitalidade se de acordo com*

4 BESSE, Jean-Marc. *Estar na paisagem, habitar, caminhar*. in CARDOSO, Isabel Lopes. *Paisagem e Património: aproximações pluridisciplinares*. Porto: Dafne Editora, 2013, p.35.

5 SIZA VIEIRA, Álvaro. *Porto*, in SIZA VIEIRA, Álvaro. *Op. cit.*, p. 201.

6 SIZA VIEIRA, Álvaro. *A cidade que temos*, in SIZA VIEIRA, Álvaro. *01.Textos*. Porto: Civilização ed., 2009, pp. 19-20.

> *as suas necessidades, ou seja, com as necessidades colectivas do cidadão.*
>
> *E uma das necessidades colectivas consiste na vivência quotidiana dos resíduos da história de que é feita a cidade, contributo fundamental à consciência da história e do devir."*[7]

Num apontamento anterior Zumthor confronta-se com a dificuldade da referência directa à forma da arquitectura da memória[8]. É com essa mesma dificuldade que Siza se confronta: a memória de um contexto. Não pretendemos formular uma proposta de pensamento assente na reconstrução sistemática e mimética da cidade, pelo contrário, defendemos a proposta de um desenho claro, capaz de representar o complexo contexto contemporâneo, sem a necessidade da existência de uma abrupta ruptura com o *"o meio físico a partir do qual [o povo] se identifica"*[9]; defendemos que a transformação da cidade deverá partir de intervenções silenciosas capazes de criar novas memórias face aos *"resíduos da história de que é feita a cidade"*[10]. Acreditamos, pois, no projecto que é simultaneamente conservador e inovador, um projecto simples *" que destrói qualquer nevrose do futuro, e restitui ao passado* (...) *não uma sobrevivência, que é a forma hipócrita do esquecimento, mas uma nova vida que é a forma nobre da memória"*[11].

A arquitectura contemporânea deveria chamar de novo a si a noção de continuidade e de circunstância, na perspectiva de criar novas memórias e de contribuir para a fixação de referências colectivas que prevaleçam sobre a transformação da cidade. A arquitectura da cidade tem valor enquanto representação do sistema de vida, dos hábitos, da organização social e das aspirações da pessoa. Como tal, a arquitectura da encosta portuense deveria reencontrar-se nos muros, nas plataformas e nos percursos entre elas, que a caracterizou no tempo, ganhar, como nos sugere Rudofsky[12], a consciência para um *saber-fazer*, a sabedoria acumulada na experiência de gerações.

---

7 *Ibidem.*

8 Consultar 1.3. Elaboração de duas linhas de pensamento, p. 13.

9 *Ibidem.*

10 *Ibidem.*

11 SILVA, Madalena Pinto. *Forma e Circunstância: a praça na cidade contemporânea.* Porto: FAUP, 2009. Dissertação de Doutoramento, p. 17.

12 Consultar 1.2. Lugar de Habitar, p. 06.

Reconhecer a *"vivência quotidiana"* enquanto uma *"necessidade colectiva"*, parece-nos interessante incluir enquanto reflexão numa metodologia de projecto: trazer o comum para o disciplinar. Fazêmo-lo, aqui, através da demarcação de uma atitude perante aquilo que consideramos ser um campo necessário a ter em conta no momento de fazer projecto. Esta atitude, no nosso entender, implica, entre outras coisas, aceitar e reconhecer no projecto que a cidade - para que possa ter vitalidade - tenha de ser submetida ao controlo de vários agentes e admitir que isso possa, eventualmente, colocar em confronto diferentes entendimentos sobre ela: as diferentes categorias do espaço da cidade, que abordaremos adiante, podem ter de se compreender na sua individualidade para que no todo a pessoa encontre o seu espaço de acolhimento.

Távora diz-nos que o problema da composição do projecto é um problema de cultura, de formação moral e intelectual.[13] Diz-nos também que a organização do espaço é uma responsabilidade *"de que nenhum homem pode eximir-se"*[14], pelo que a arquitectura deverá assumir princípios de colaboração[15], isto é, agir em conjunto para defender uma mesma intenção ou um mesmo sonho.[16]

Este apontamento é um esforço de começar a interiorizar estas preocupações com a intenção de as ir tornando presentes no nosso âmbito pessoal e disciplinar de projecto. Após uma breve introdução das nossas inquietações num primeiro apontamento, após procedermos à tentativa da leitura das transformações na encosta que, apesar de simbólicas, são uma tentativa honesta de identificar os processos de transformação através da leitura das entrelinhas da cartografia antiga, propomos-nos agora a apresentar quais os procedimentos que tomamos para conhecer (o Codeçal), os Guindais e as Fontaínhas enquanto arquitecto-habitante.

---

13 "Yo llevo ya 50 años como profesor y cada vez estoy más convencido de que el problema de la composició y del proyecto es un problema de cultura, de formación moral e intelectual." TÁVORA, Fernando. *Nulla dies sine linea. Fragmentos de una conversación con Fernando Távora*. 1998, entrevista por Carlos Marti Aris.

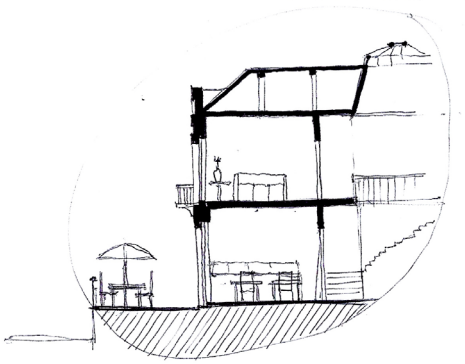
14 TÁVORA, Fernando. *Op. cit.*, p. 12.

15 "A nossa época (...) tem sido avessa à colaboração, o que acontece em todas aquelas cujos homens se ignoram mutuamente, donde resulta que as suas obras constituem apenas uma soma e nunca integração; a 'barbárie do especialismo' como chama Ortega y Gassett a um dos mais característicos fenómenos do nosso tempo não é, em verdade, propícia à colaboração mas apenas a uma pura e simples participação e desta outra coisa não pode resultar que não seja uma pura e simples ocupação do espaço e nunca a sua organização". *Ibidem*, pp. 20-21.

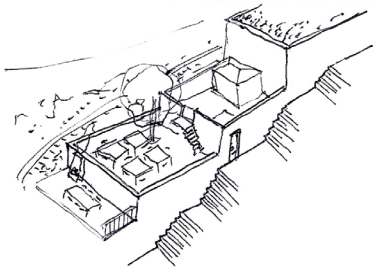
16 "Mas, se é fatal a participação de todos os homens na organização do espaço, tal participação só conduzirá à harmonia na medida em que ela se transforme em colaboração e colaborar significa agir em comum, com uma mesma intenção, com um mesmo sonho". *Ibidem*, p. 12.



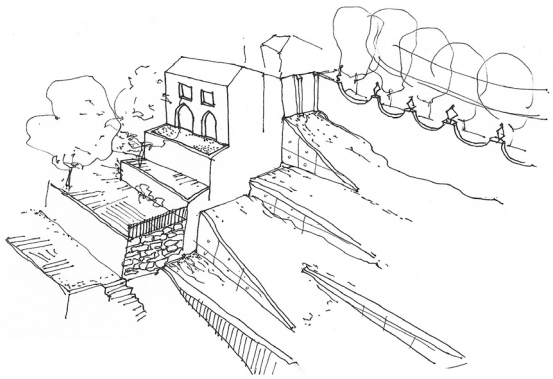
O **ARQUITECTO-HABITANTE** MOVIMENTA-SE NO ESPAÇO, SONHA, E VIVE O LUGAR.



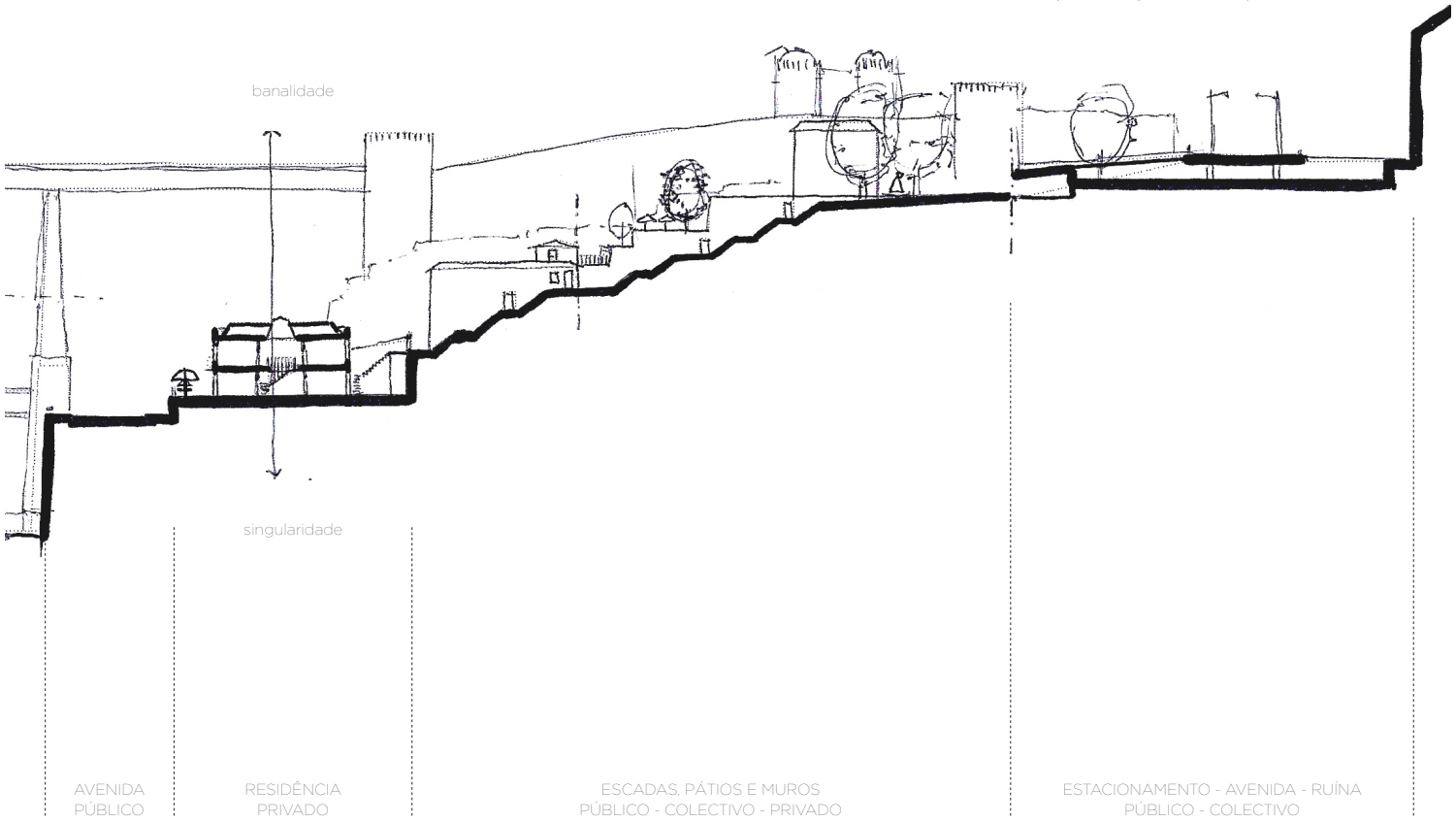
PÚBLICO E PRIVADO
EXTERIOR - INTERIOR



USOS DO ESPAÇO
FAMILIARIDADE DO CAFÉ GUINDALENSE



MEMÓRIA - LEMBRANÇA
PATAMARES CULTIVADOS - MUROS (INCULTOS) DE CONTENÇÃO DE TERRAS



i37.
O Arquitecto-habitante percorre o espaço, cria uma narrativa, e assim, apreende o lugar de habitar, as suas manifestações, questionando-o.
Primeiros desenhos realizados para questionar o lugar.

3.2. Continuidade e Circunstância

Em *Da organização do Espaço* Fernando Távora procura expor as inquietações sobre a condição do homem enquanto organizador do espaço e preconiza as consequências inerentes à insensibilidade como que se cuida e se age sobre esses mesmos assuntos, num discurso que caminha no sentido de esclarecer a posição do arquitecto perante o acto de *"projectar, planear, desenhar"*[17].

A leitura a partir de Távora permite colocar em evidência o significado de *circunstância*, de forma a nos aproximar dos factores que estão na origem de qualquer forma. Segundo a definição de Távora, a circunstância reúne um conjunto de factores que envolvem o homem, sendo o homem o criador de muitos desses factores, e aos que este cria acrescentam-se os que naturalmente resultam do seu próprio ser. Portanto, a organização do espaço, *"contra o que o homem por vezes pensa"*[18], não é conseguida em *"regime de liberdade total"*[19], mas é condicionada por esse conjunto de factores que o envolvem. Portanto, o espaço é condicionado na sua organização e, uma vez organizado, torna-se condicionante em organizações futuras. O conjunto dos factores que constituem circunstância da organização do espaço, ou das formas que o organizam, não se esgotam nas formas condicionantes, isto é, nas que pré-existem, sejam elas naturais ou artificiais; estes factores compreendem temas bastante diversificados, como por exemplo o pensamento científico, a religião, a política, a sensibilidade, a economia, sendo difícil distinguir a importância de uns sobre os outras, porém, estão na base de compreensão de qualquer forma.

Pensamos, assim, que o enquadramento das formas na sua circunstância é capaz de fornecer elementos para uma melhor compreensão do espaço organizado, de forma a nos afastar de um conhecimento vago e distante. Para compreender melhor de que se trata a circunstância e de que forma influencia a organização do espaço, Távora cita, para exemplo, o projecto de uma estrada:

> *"(...) projecta-se uma estrada, manifestação de organização do espaço e factor de movimento, e em que é que se pensa unicamente?*
>
> *No seu comprido perfil longitudinal e na pequenez dos seus perfis transversais; todo o resto, todo o sistema de relações, quer paisagísticas, quer urbanísticas, quer económicas*

17 TÁVORA, Fernando. *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP publicações, 2008, p. 75.

18 *Ibidem*, p. 22-24.

19 *Ibidem*.

> *e outras que o fenómeno implica, é esquecido como se fosse possível abstrair esse acontecimento de todo o espaço e de toda a circunstância que o envolve. É uma limitação cómoda mas grave, que resulta de uma visão parcial, não apenas do espaço organizado mas do ponto de vista de um conjunto de factores - circunstância - de que não está desligado* (...)."[20]

O projecto de arquitectura, à semelhança do exemplo que nos apresenta Távora, não deverá ser realizado sem a consciência e a sensibilidade dos factores que caracterizam o lugar, ou seja, sem a consciência da *circunstância do lugar*. Do mesmo modo que o projecto não se pode desligar da circunstância que o envolve, também não se pode abstrair de todo o *"sistema de relações"*[21] que subentendemos no início desta dissertação: a relação entre forma e espaço revela que o espaço é, inevitavelmente, contínuo.[22]

O que significa dizer que o espaço é contínuo? Távora equaciona como uma das dimensões do espaço o tempo. Esse tempo, como vimos anteriormente, compreende o movimento da pessoa no espaço. Se considerarmos que o espaço é forma, e que entre forma e espaço existe sempre uma relação, consideramos também que, através do tempo-movimento, é praticamente impossível sair de um espaço sem entrar em outro. Portanto, um quarto, uma janela, um pátio, uma praça, uma rua, até à paisagem, não se tratam de pedaços de espaços isolados, mas sim de um conjunto[23]. Então, à semelhança da circunstância, a forma também é construída nas relações que estabelece com essa continuidade da qual faz parte.

Aldo van Eyck, em *The Child, The City And The Artist: an essay on architecture*, aborda o tema da continuidade do espaço através da complementaridade entre casa-cidade:

> "O que quer que signifique espaço e tempo, lugar e ocasião significam mais. (...) O homem é capaz de penetrar o material que organiza de forma rígida entre um homem

---

20 *Ibidem*, pp. 22-24.

21 *Ibidem*, pp. 22-24.

22 "Mas, porque o espaço é contínuo e o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi. (...) E estas duas características do espaço - continuidade e irreversibilidade - uma consequência da outra (...)" *Ibidem*, p. 19.

23 "(...) a arquitectura não termina em ponto algum, vai do objecto ao espaço e, por consequência, à relação entre os espaços, até ao encontro com a Natureza." SIZA, Álvaro, *Imaginar a Evidência*,1.ªed.. Lisboa: Edições 70, 2013, pp. 31-32.

> e outro? Entre o que está aqui e o que está lá, entre este e o momento seguinte? Está habilitado a encontrar o lugar certo para a ocasião certa? Não - então comecemos com isto: dar as boas-vindas a cada porta, e a expressão de cada janela. Fazer de cada lugar, um conjunto de lugares, de cada casa a cada cidade, porque uma casa é uma pequena cidade, e a cidade uma grande casa."[24]

Pensar a cidade-casa, ou a casa-cidade, como um conjunto de lugares necessariamente relacionados entre si, formando um todo[25], suscitou-nos, de imediato, um certo entusiasmo. De que forma podemos abordar o projecto de arquitectura nesse paradoxo de uma casa ser cidade, e de uma cidade ser casa?

Anteriormente ilustramos que a intimidade da casa é uma necessidade incontornável para a construção da identidade, tal como é a comunicação, as contaminações a que essa identidade se presta. No nosso entender, Aldo van Eyck introduz uma dimensão humana para compreender o que a cidade é, de facto, como arquitectura. A tarefa do arquitecto consubstancia-se a dar ao espaço essa dimensão humana; encontrar, no projecto, o conforto das "boas-vindas", o acolhimento da casa no qual tem início a experiência de habitar.

Neste sentido, utilizamos o movimento para compreender (o Codeçal), os Guindais e as Fontaínhas, ou seja, tornamo-nos arquitecto-habitante. Percorremos o espaço e procuramos encontrar, na sua continuidade, o que constitui a circunstância da sua organização. A nossa inquietação move-se em torno da questão: De que forma é que o *novo* é capaz de se adaptar à circunstância do lugar, respeitando-o, e mantendo a coerência do *todo*?

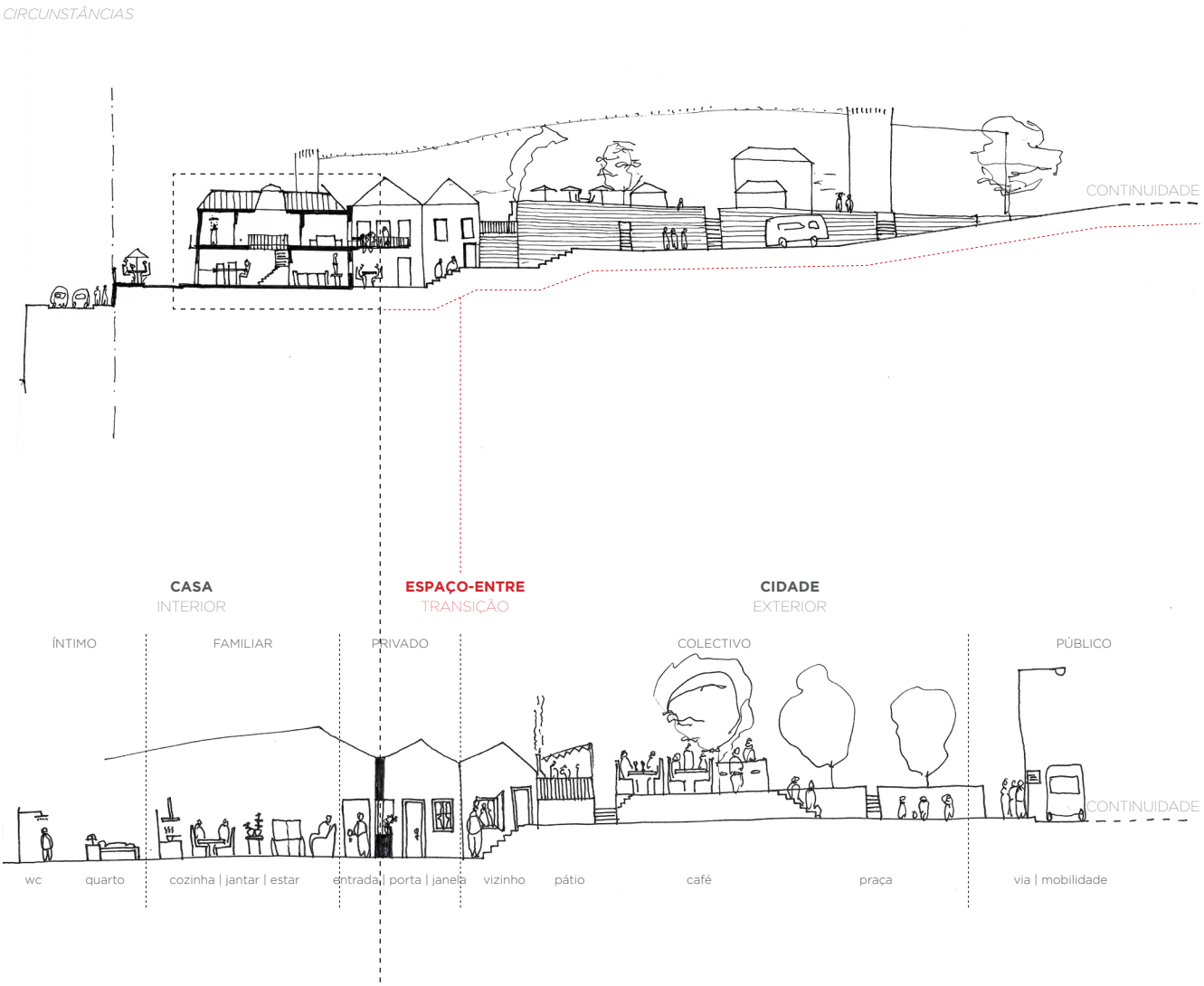
Esta questão convida-nos a reflectir sobre a importância para uma arquitectura contextual ao abrigo das necessidades e afectos do homem: a concretização poética entre as formas naturais e as formas artificiais pelo manejo da construção autêntica; aquela capaz de estabelecer o equilíbrio entre o nosso ser físico, mental e espiritual, que, por si só, consegue garantir o pensamento e a acção sensata.

---

24 "Whatever space and time mean, place and occasion mean more. (...) Is the man able to penetrate the material he organizes into hard shape between one man and another?, between what is here and there, between this and a following moment? Is he able to find the right place for the right occasion? No - so start with this: make a welcome of each door and a countenance of each window. Make of each place, a bunch of place of each house a each city, for a house is a tiny city, a city a huge house." EYCK, Aldo van. *The Child, The city and the Artist: an essay of architecture*. s.l.: Sun, 1962, p. 50.

25 "When I speak of house or city as a bunch of places, I also imply that you cannot leave a real place without entering another - if it´s a real 'bunch'. Departure must mena entry" EYCK, Aldo van. *Op. Cit*, p. 56.

MANIFESTAÇÕES DA EXPERIÊNCIA DE HABITAR



i38.
Manifestações de *Continuidade* e de *Circunstância* no Espaço Organizado.

3.3. O espaço-entre

Aldo Rossi em *A Arquitectura da Cidade* apresenta a teoria das permanências[26] de Marcel Poète e de Pierre Lavedan, justamente por se fundamentarem numa leitura contínua da cidade e da arquitectura, subentendendo, segundo o autor, uma teoria geral dos factos urbanos. No segundo apontamento tratamos de verificar uma série de relações baseadas na transformação da cidade, no entanto, fizemo-lo de acordo o tempo que experimentamos, ou seja, com o presente. A consciência sobre o tempo das transformações que incidem sobre o território, a permanência dos elementos que asseguram a unidade na expressão urbana, assim como a continuidade do lugar no espaço e no tempo sugere-nos duas linhas de pensamento que se complementam, sobre as quais o trabalho se debruça. A análise da cidade implica compreender a oposição entre a cidade material e entre a memória que se cria da própria cidade, ou seja, reconhecer a construção que supera e transcende a própria materialidade dos espaços na relação estabelecida entre a pessoa e o meio em esta habita, pois, "o elemento colectivo e o privado, sociedade e indivíduo, contrapõem-se e confundem-se na cidade"[27].

Entre as permanências - relacionados com o que Rossi chama de *elementos primários*, isto é, não só com os monumentos, mas também com os pontos de referência da dinâmica urbana, e entre as *áreas-residência*, o lugar onde se praticam os hábitos quotidianos, sendo na habitação o seu fluir, aceitamos que pensar o projecto de arquitectura *na* e *para* a cidade implica, além de de reconhecer os espaço que rompem a estrutura da cidade, mas preservam dimensões de uma estrutura relacional, as manifestações da experiência de habitar.

Desenvolvemos um esquema que pretende questionar que de se tratam essas manifestações da experiência de habitar, uma tentativa de construção de uma métrica que nos facilitará as observações no apontamento seguinte. Começamos por perceber a vivência das Escadas dos Guindais e compreendemos que todos os espaços conversam entre si, não entendemos, à partida as diferentes categorizações do espaço. (e é assim que deveria ser o espaço na

---

26 "(...) devemos ter presente também que a diferença passado e futuro, do ponto de vista da teoria do conhecimento, consiste precisamente no facto de que o passado é, em parte, experimentado agora e que, do ponto de vista da ciência urbana, pode ser esse o significado a dar às permanências: elas são um passado que ainda experimentamos." ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. 2001, p. 49.

27 "(...) l'elemento collettivo e quello privato, società e individui si contrappongono e si confondono nella città." ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. 2001, p. 11.

cidade). Então sentimos a necessidade de fazer um outro desenho que sintetizasse o nosso pensamento acerca do espaço.

Falamos da casa enquanto interior e da cidade enquanto exterior. Na casa são desenvolvidos valores que permitem que a pessoa construa a sua identidade: o íntimo (eu e as coisas) , o familiar (espaços de reunião). Na cidade, à semelhança da casa, são desenvolvidos valores de comunicação, as contaminações a que a identidade se presta, o colectivo (espaços de proximidade) e o público (espaços de mobilidade). Na relação entre os espaços existe uma outra categoria que nos parece interessante e que retrata bem o que os Guindais é, o **espaço-entre**. Um espaço de transição entre a casa e a cidade, que apela à recuperação de uma "sabedoria instintiva" no controla da relação entre os espaços, capaz de criar uma sensação de continuidade entre as diferentes categorias de organização do espaços.

O espaço-entre, enquanto espaço de transição, deveria encontrar nos seus fundamentos, no desejo de continuidade, razões para um redimensionamento.



i39.
Espaço de Transição. Bairro no Monte do Seminário

4. Cartografias de Habitar

4.1. Percorrer a continuidade, avaliar a circunstância

As nossas intenções para a escrita deste apontamento distinguem-se da indução de uma exploração onírica; pretendemos cartografar, fazer um mapa do lugar com as peças que o compõem, as materiais e as subjectivas, nas suas múltiplas sobreposições, nos seus arranjos e rearranjos. A planta que utilizamos, previamente editada, é a base que temos vindos a utilizar para explorar o sentido histórico da escarpa dos Guindais e das Fontaínhas, um tabuleiro a partir do qual se especulam as intensidades dos seus espaços.

A agora proposta de uma escrita que adopta os meios da cartografia, aberta e disponível para receber modificações, permite outras leituras que serão também múltiplas e singularizáveis, são percursos que se realizaram ao longo dos anos num lugar inconstante, que, como qualquer lugar de facto, é sempre susceptível a variações, à invenção de novos caminhos. Evocaremos o caminhar como maneira de habitar o mundo, um certo modo de pertencer ao lugar e desenvolver o que Jean-Marc Besse denomina de *"geografia afectiva"*[1]. Segundo o autor a geografia afectiva propõe habitar o mundo pelo nosso corpo tornando-se, assim, numa geografia *"de sensibilidade e de sentimento"*[2], *"de proximidade e de contacto com o mundo e com o espaço."*[3]

A construção desta escrita pretende criar uma orientação, esboçar um instrumento mapeador, simultaneamente sensível e preciso, capaz de medir distâncias pouco visíveis, capaz de medir os espaços singulares na cidade (como são os Guindais e as Fontaínhas) para neles encontrar o valor da disponibilidade do seu suporte; encontrar o que neste lugar do Codeçal, dos Guindais e das Fontaínhas é válido enquanto proposta de arquitectura. Esta escrita não pretende se restringir aos afectos do lugar, aos seus valores de intimidade e de comunicação, ela procura, sobretudo, conseguir apurar desses valores o que é susceptível de integrar no discurso da disciplina de pensar, desenhar e projectar a cidade através dos princípios que elencamos anteriormente: a espacialidade, a continuidade e a circunstância.[4]

---

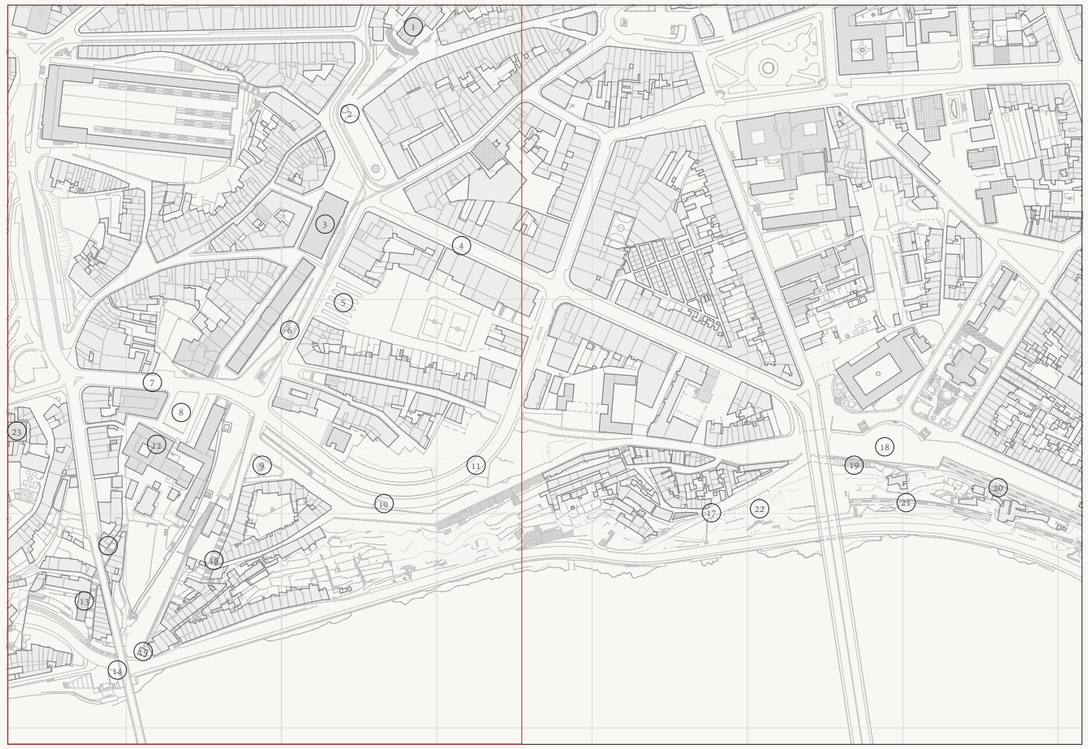
1 BESSE, Jean Marc. *Estar na Paisagem, Habitar, Caminhar*. 2013, p. 38.

2 Ibidem.

3 Ibidem.

4 Consultar a propósito o apontamento 1 e 3.

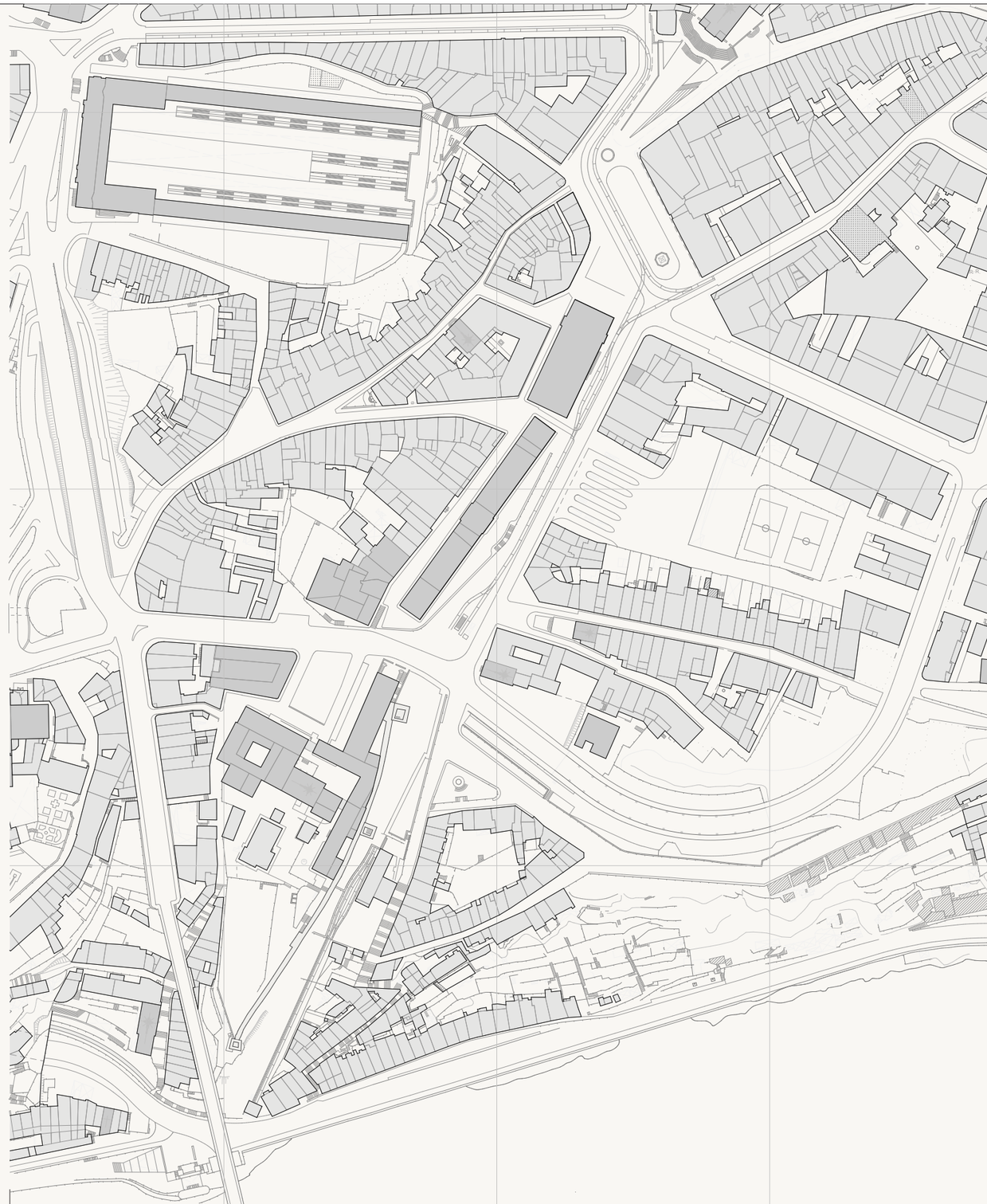
4.2. O que diz a ruína?



Legenda:

1. Igreja de Santo Ildefonso
2. Praça da Batalha
3. Teatro de São João
4. Avenida Alexandre Herculano
5. Antiga Estação de Autocarros da Batalha
6. Rua de Augusto Rosa
7. Avenida Saraiva de Carvalho
8. Largo 1.º de Dezembro
9. Largo Actor Dias
10. Estacionamento das Fontaínhas
11. Avenida Duques de Loulé
12. Igreja de Santa Clara
13. Igreja e Recolhimento de Nossa Senhora do Patrocínio
14. Avenida Gustavo Eiffel
15. Elevador dos Guindais
16. Escadas dos Guindais
17. Rampa da Corticeira
18. Miradouro das Fontaínhas
19. Lavadouro das Fontaínhas
20. Linha Férrea
21. Linha Férrea desactivada | Ramal da Alfândega
22. Ruína
23. Sé da Cidade

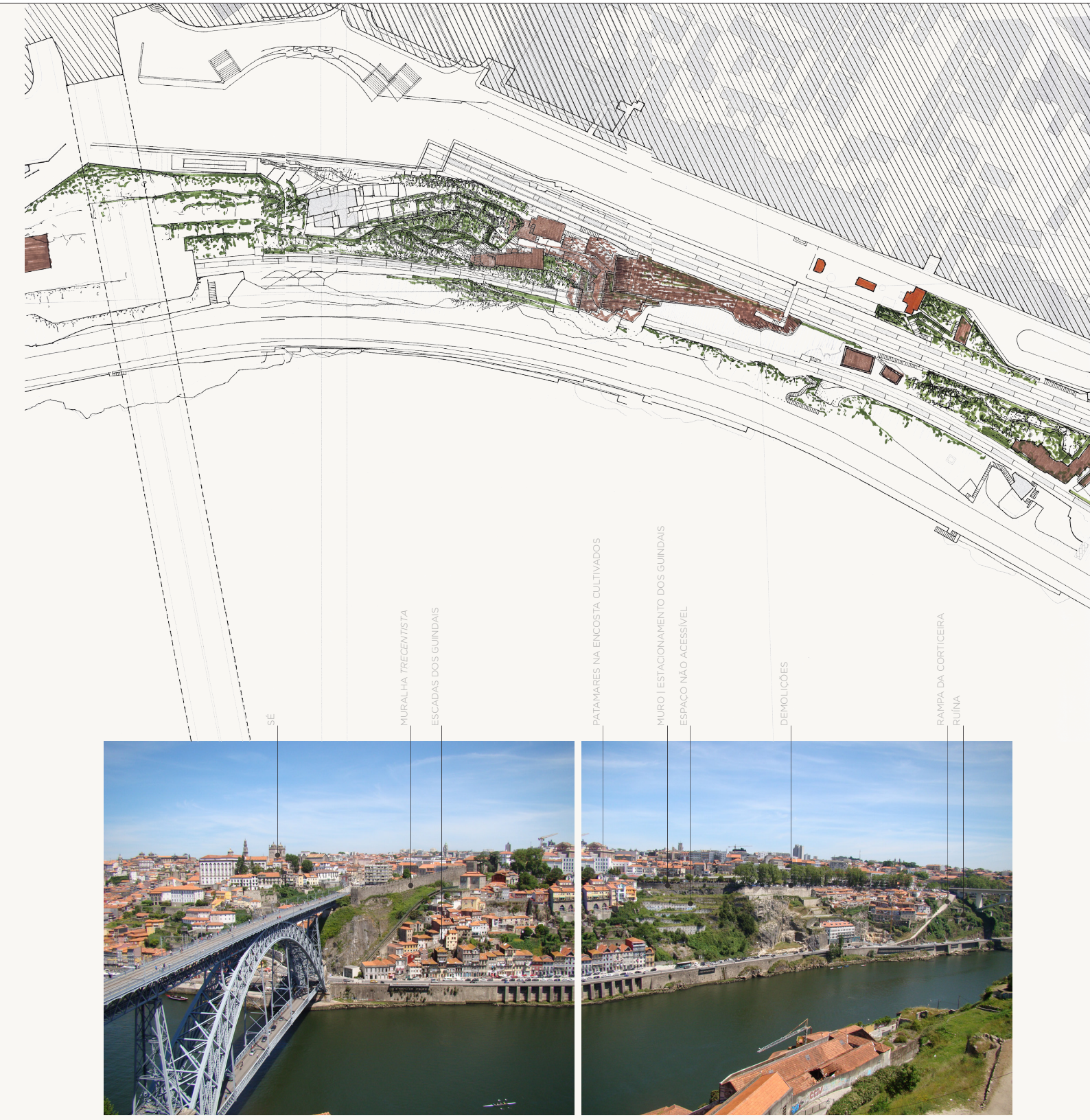
i40.
Desenho elaborado a partir da Cartografia do Porto do ano de 2001.





i41.
Desenho elaborado a partir da Cartografia do ano de 2001 do Porto. Pretende compreender os usos e funções do espaço.

4.2. O que diz a ruína?



i42.
Vista do Mosteiro da Serra do Pilar sobre a Escarpa dos Guindais e das Fontaínhas. **2015**



1.Escadas do Codeçal



i43.

Escadas do Codeçal

Iniciamos o nosso percurso pelas Escadas do Codeçal. Descemos a partir do largo 1.º de Dezembro em direcção à Marginal. Após uma descida íngreme, um tanto dificultosa, chegamos aos degraus do Codeçal, já não há automóveis. Suscitou-nos, desde logo, a curiosidade pelo percurso que se fazia anexo ao muro de Santa Clara[i43]. Um pequeno vão relembra-nos um percurso que visitamos na Cartografia antiga [p01.] que conduzia a um conjunto de patamares . Actualmente esse patamares já não existem na sua totalidade, nem como espaço de cultivo ou recreação, mas como depósito de detritos. Descobrimos mais, este percurso suscitou um certa curiosidade em relação às traseiras de um conjunto de habitações não devolutas, que guardam o

4.2. O que diz a ruína?



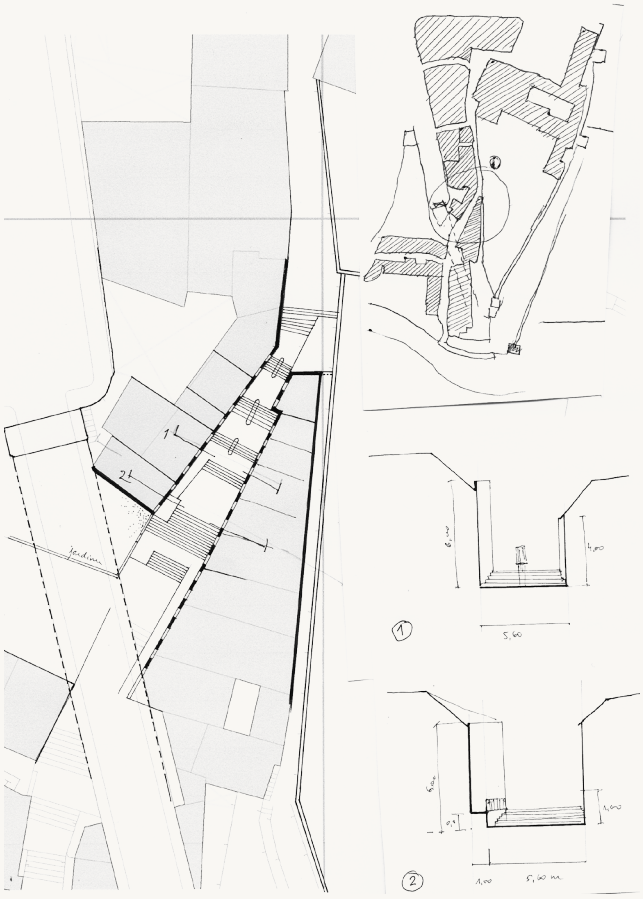
p01.



i44.

gosto pelo jardim, escondem, dentro da cidade, uma pequena vinha [i44]. Este "jardim" é um filtro que domestica a frente das escadas, instala-se no dentro também.

Seguimos o nosso percurso pelas Escadas do Codeçal, e interessa-nos escrever sobre o acesso às habitações. O acesso é realizado de duas formas distintas: ou é feito a partir dos patamares da escada, ou, da escada, sobressaem umas plataformas como se se tratassem de corredores, com cerca de um metro de largura, pelos quais é feito o acesso à habitação. Uma ligação entre o interior e o exterior não imediata; nesta travessia entre o dentro e o fora, os corredores funcionam como espaços de transição, onde a luz muda até ao chegar a casa e perder-se na sua intimidade. Estes espaços de descompressão que, simultaneamente, resolvem



i45.



i46.

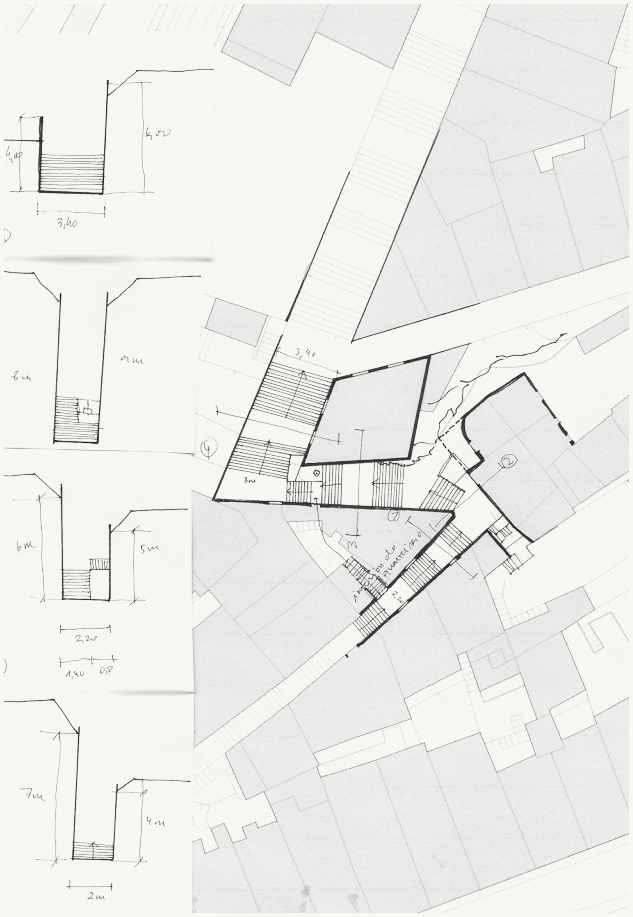
o pé-direito da habitação. Estas passagem tem a função que o pátio tem em outros projectos. Estas pausas, que, de certa forma, desmaterializam a casa, criam uma sensação de continuidade entre a intimidade da casa e a complexidade do exterior. Por sua vez, a solução dos acessos à habitação tem também uma continuidade com o uso dos materiais. O granito tosco do pavimento sobe os muros, o lajeado que delimita o eixo das escadas e por onde se faz a recolha de águas pluviais, distingue estes espaços de transição com a "rua". Apesar de se encontrarem em estado degradado, as habitações demonstram algum cuidado no desenho das suas fachadas. Não falamos do fachada do Recolhimento do Ferro, um edifício singular, mas sim da qualidade do desenho das fachadas das habitações, anónimas, no tecido urbano. Há um ritmo marcado pelos vãos em cantaria de pedra de granito. Os patamares entre degraus, de generosas

4.2. O que diz a ruína?



i47.

dimensões, são apropriados pelos seus habitantes. É onde as crianças jogam à bola, é onde se vê estendais [i47] que unem as fachadas limítrofes das escadas. Há conversas entre as vizinhas enquanto procedem à lida doméstica, lavam a roupa, varrem o chão. Seguimos o nosso caminho e, estranhamente, somos interrompidos no percurso, parece que chegamos ao fim de uma realidade familiar, sentimo-nos verdadeiramente em casa. Aqui, como Aldo van Eyck defendeu, uma cidade tem a capacidade de ser casa, de propiciar ao habitante, mesmo que de passagem, o conforto do acolhimento da casa. Este lugar dá-nos as boas vindas. Não chegamos à marginal com o mesmo sentimento. Uma escadaria íngreme, com cerca de 2,20 metros de largura, faz-nos querer regressar ao início do percurso. Faremos, agora, o percurso contrário, da marginal subimos as Escadas dos Guindais.



i48.



i49.

Escadas dos Guindais

Seguimos o nosso percurso do Codeçal pela Marginal e subimos para as Escadas dos Guindais [i48]. Um recorte na sequência dos edifício marca a entrada para as escadas, com cerca 2,75 metros de largura. Passamos por uma esplanada de apoio ao café Clube Desportivo e cCltural dos Guindais. Achamos curiosa a forma como se acede a este pequeno e popular café. Se no Codeçal vimos um cuidado especial com a transição entre o interior e exterior, o mesmo não acontece com no início dos Guindais. Um vão alto sobre um conjunto de 5 degraus, sem patamar, dificulta o seu acesso. No entanoto, o ambiente familiar do Codeçal é reforçado nos Guindais. Um rosto desconhecido aos habitantes que permanecem na esplanada improvisada do

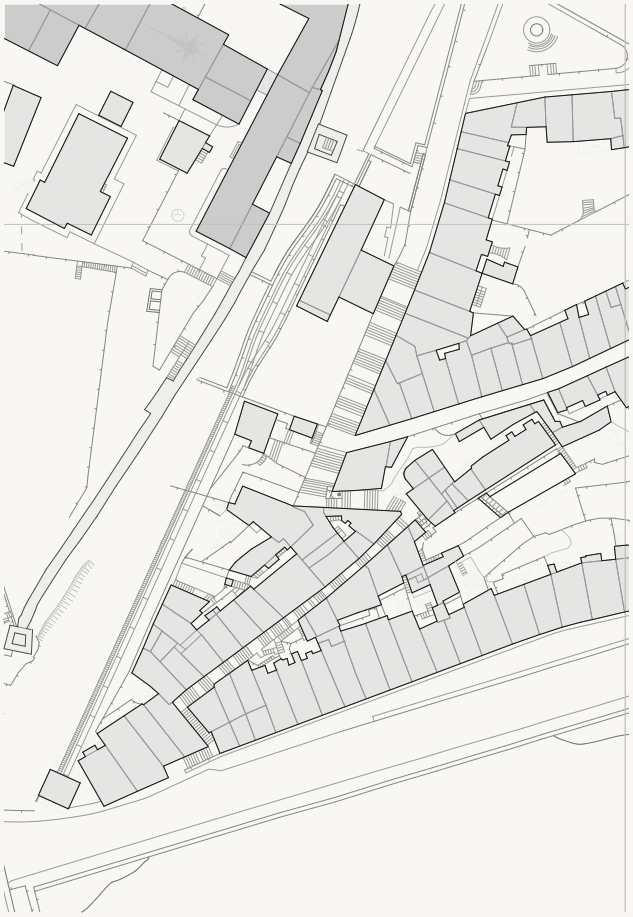
4.2. O que diz a ruína?

i50.
Vista da Ponte Luís I sobre as Escadas dos Guindais e a Avenida Gustavo Eiffel.
2016





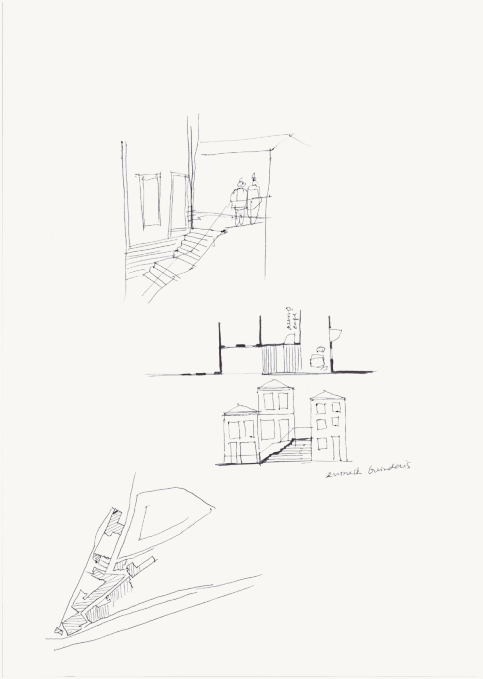
i51.



i52.

café leva-os a questionar se somos turistas. Seguimos a nossa árdua subida pelos Guindais e fomo-nos deparando com dispositivos improvisados que pretendem resguardar a entrada na habitação, ora um pequeno muro com cerca de 80 centímetros e altura, ora uns vasos. Pontualmente cruzamos com uma senhora a limpar o espaço público. descontente com as poeiras que as obras provocam; uma outra senhora faz uma pausa num dos patamares, cansada de subir rotineiramente os degraus dos Guindais. No topo da primeira linha de degraus existe um patamar de maior dimensão com uma forte num dos seus vértices. Neste patamar, desligado do restante percurso, podemos aceder ao interior do quarteirão de uma 'ilha' e aos patamares, alguns cultivados, sobre o Douro. Através da comparação entre a Cartografia Antiga [i51] com a cartografia actual [i52] podemos ressalvar três pontos. Um primeiro relativo

4.2. O que diz a ruína?



i53.



i54.

à construção da Avenida Gustavo Eiffel sobre o Cais dos Guindais. A construção da avenida tornou menos evidente a proximidade da cidade ao rio, no entanto, encontramos frequentemente pescadores ao longo da marginal. Além disso, a Rua dos Guindais encontra-se a uma cota superior ao rio. Apesar de ser utilizada como estacionamento e utilizada provisoriamente pelas esplanadas dos cafés, cremos que seja um elemento importante na dinamização da Marginal.

Continuando o nosso percurso pelos Guindais, chegamos até ao café Guindalense, com um acesso também peculiar. Atravessamos um muros e chegamos a um conjunto de plataformas sobre o Douro. Este lugar é cada vez mais procurado por jovens enquanto espaço lúdico. O ambiente doméstico, à semelhança do Codeçal, tem também aqui uma forte presença.



i55.



i56.

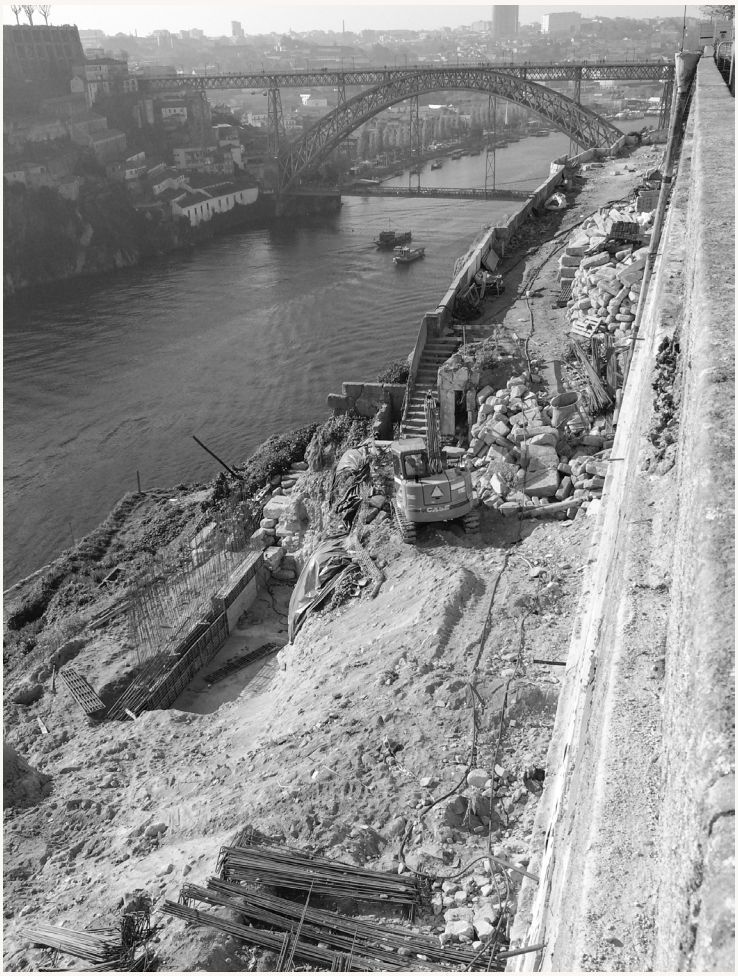
Findo o percurso pelas Escadas dos Guindas chegamos ao Largo Actor Dias, procuramos a ligação ao Miradouro das Fontaínhas pelo antigo Passeio das Fontaínhas, mas não o encontramos. A rua é abruptamente rematada por um muro sem qualquer cuidado paisagístico ou arquitectónico, uma barreia. Voltamos e subimos um degraus com um certo receio. A diferença de cotas ainda é considerável; aqui já não há famílias com as quais podemos conversar. Seguimos por um estacionamento, entre detritos, compreendemos um muro com um desenho particular sobre o qual falamos no apontamento 2.

O Bairro da Tapada foi demolido [i58] para a consolidação da escarpa. A empreitada de mais de 1 000 000 de euros deu lugar a um vazio, a uma ruína. A ligação entre o Codeçal, os Guindais e as Fontaínhas é cada vez menos evidente. O bem viver, o gosto pelos espaços arborizados de lazer, parece esquecido no tempo. Também a construção da Ponte do Infante deu lugar à ruína. Os lavadouros das Fontaínhas ficam instalados entre os seus pilares, cada vez menos utilizados. A encosta oriental portuense está praticamente desabitada. Os muros e as plataformas de que nos fala Siza enquadram-se entre essas ruínas. Não exaltamos o modo de viver do passado. Mas sim a degradação de um Património Cultural e Arquitectónico. Apelamos, por isso, à consciência para as características deste lugar. O que é, o que foi e o que pretende ser.

4.2. O que diz a ruína?



i58.



i59.
Vista sobre a escarpa das Fontaínhas. Demolições do Bairro da Tapada. 2015

4.2. O que diz a ruína?

A ruína é apenas um símbolo que nos lembra o presente onde reconhecemos o passado. Uma consciência sobre o que foi aquele lugar. A volta à sua construção desperta em nós o lugar da memória, através da lembrança, para nos situarmos no mundo. Recuperar no presente a história do lugar, o modo da sua transformação, permite a reconstrução de um quadro de referências capazes de informar o projecto para o Codeçal, os Guindais e as Fontaínhas. A arquitectura é, ou deveria ser, agente da construção dos quadros de vida nos quais os habitantes se reencontram. A vocação da arquitectura para o suporte da memória que nos chega através de Zumthor e de Rossi, para o reconhecimento de um presente a partir dos sinais do passado é condição permanente do exercício da profissão. Tal condição implica que qualquer projecto de arquitectura seja uma disposição para a memória, sempre uma reabilitação, nas palavras de Távora, devolvendo ao lugar uma identidade.

Na aparente ruína em que se encontra a encosta portuense descobrem-se as marcas de presença humana. Ao contrário do que retrata a Carta de Condicionantes do Plano Director Municipal do Porto, vemos pequenos abrigos que tentam sobreviver a partir do que sobra, recorrendo aos meios mais elementares de construção. A especulação sobre os princípios de habitar, o abrigo básico que se ensaiou numa compatibilidade entre o instinto animal e obra divina, é a oportunidade para reconsiderar uma aventura de habitar, pensar numa novo modo de construir, e, assim, pertencer ao espaço, expondo o essencial como necessidade.

As necessidades básicas de habitar a cidade não se restringem às necessidades constantes do corpo, funções fisiológicas e higienistas, que implicam a dotação física de estruturas específicas, mas outras não menos importantes estão presentes no habitar: a possibilidade de apropriação e de expansão, a presença da natureza, a possibilidade de reunião social. Alison e Peter Smithon enumeram as necessidades básicas que se devem ter em consideração na actividade profissional de construir, particularmente na arquitectura: *"o pedaço de chão, a vista para o céu, a privacidade, a presença da natureza"*.[1]

---

1 *"a lind of symbolis 'Habitat', in wich are found, the basic human needs - a piece of groun, a view of the sky, privacity, the presence of nature and animals."* SMITHSON, Alice e Peter. *Charged Void, Architecture*. p. 138.



i60.
Vista do miradouro de Santa Clara sobre os pátios do Codeçal. Fotografia de Domingos de Alvão



i61.
Vista do miradouro de Santa Clara sobre os pátios do Codeçal abandonados. 2016.

Não podemos negar a recorrente secundarização ao acesso das necessidades elementares da construção do território próprio na cidade, o acesso a tais elementos não possui a imperatividade, inclusive regulamentar, como a de outros suportes funcionais, a rede de infra-estruturas (a água, a luz, as redes de comunicação). Será que estes quatro elementos deveriam fazer parte de um regulamento mais amplo e consciente? Será que estas necessidades são garantidas nas casas e nos espaços públicos das nossas cidades? Ou será que existem outros valores capazes de compensar a sua falta?

Os agentes que se apresentam como indispensáveis para a satisfação das necessidades de habitar não valem por si, não se trata de uma simples incorporação do elemento; são antes elementos da construção da consistência da cidade que a integram em intensidades diferentes e variáveis.

> *"Neste sentido o trabalho dos arquitectos de providenciar um contexto para o indivíduo se realizar e o trabalho dos artistas de dar sinais e imagens das fases desta realização encontram-se num único acto, cheio dessas inconsistências e aparente irrelevâncias de cada momentos, mas cheio de vida."*[2]

Na procura pelo essencial, os Smithsons, experimentam não o que o futuro da arquitectura, mas o que ela sempre foi, o habitar cheio de inconsistência e aparentes irrelevâncias, mas cheia de vida. O arquitecto apenas produz o suporte para a realização da vida, e esta será a questão central da arquitectura: *"Que seja assim o arquitecto - homem entre os homens - organizador do espaço - criador de felicidade."*[3]

Esta questão central é uma problematização das questões essenciais da arquitectura, que se compromete a trabalhar sobre a cidade, lugar de habitar. Se, por um lado, o propósito

---

2 *"In this way the architect's work of providing a context for the individual to realize himself in, and the artist's work of giving signs and imagens to the stages of this realization, meet in a single act ful of those inconsistencies and apparent irrelecances of every moment."* SMITHSON, Alice e Peter. *Changing the art of inhabitation*. p. 109.

3 TÁVORA, Fernando. *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP publicações, 2008, p. 75.

do arquitecto é a produção dos espaços capazes a abrigar o ser no mundo, por outro lado, também tem o papel de não-construtor, de reconhecer o território do outro, o homem que precisa de se compreender no espaço, de se movimentar, de criar os próprios hábitos, descobrir a sua identidade e de se comunicar. O processo de construção e organização do espaço nunca é alheio ao habitante, trata-se da construção da própria identidade, uma ocupação material, um processo sensorial de assimilação e repercussão constante. A recuperação de hábitos, a invenção de novos, a evocação de memórias ou a criação de novas, toda essa corrente de vida não é diferente nas manifestações de habitar a cidade

Medir a actividade profissional de dispor o espaço para que se dê essa construção da pessoa, para que se reserve ao habitante incluir-se na cidade, integra as competências primárias do arquitecto consciente. O filósofo Ortega y Gassett diz: "Não sabemos o que acontece e isso é precisamente o que acontece". Procurar as características nos Guindais e nas Fontaínhas capazes de sustentar elos de ligação e de continuidade dos vários tempos de transformação da cidade permite, ao arquitecto, ter uma consciente diferente em relação ao projecto de arquitectura para a cidade. Ao projectar o lugar de habitar tendo presente os valores que a análise cartográfica nos sugeriu, permite alcançar uma plenitude no habitar, viver bem, habitar completamente.

O arquitecto, e a arquitectura, tem um papel importante: constituir uma demonstração efectiva da arte de viver, principalmente nas relações, manifestações de habitar presentes segundo uma hierarquia que visitamos no apontamento 3. (Codeçal), Guindais e Fontaínhas: o espaço íntimo, familiar, privado, colectivo e público. O objecto do projecto para a cidade deverá ser o de produzir tempo, continuidade, de estabelecer a forma dos seus espaços públicos e de fornecer um contexto para o habitar.

4.3. Construção da disponibilidade: *Entre o possível e o necessário*

> *"Mas quando esse esforço de manutenção não é aparente, quando o saudável cheiro a cera de uma casa, por outro lado bem ventilada, se mistura com o perfume das flores do jardim e quando nós - visitantes irresponsavelmente pouco atentos aos momentos de felicidade - nos sentimos felizes, esquecendo as nossas angústias de nómadas bárbaros, então a única medalha possível é a da gratidão, do silencioso aplauso; um momento de paragem, olhando em volta, mergulhando na atmosfera doirada de um interior de Outono ao fim do dia"*[4]

Mais do que nos seus textos, Álvaro Siza deixa-nos na sua obra construída sugestões de disponibilidade para a "autêntica casa", do mesmo modo será dizer, para uma autêntica cidade; obras de arquitectura bem conscientes do necessário com que se irão compôr.

Procuramos nos recortes dos Guindais os vectores de disponibilidade para o devir do lugar: a generosidade com que se volta para o pátio e que prolonga o interior a partir da frente dos vãos para a "atmosfera doirada", o aperto do percurso pelo qual se acede à entrada das habitações; compõe-se numa presença silenciosa da matéria construída que acompanha constantemente o anseio de paragem. A estes componentes de disponibilidade, que o arquitecto empresta à cidade, soma-se uma infinidade de generosidades, que são fruto de uma mesma consistência da obra que se apresenta à pessoa como hospitalidade.

Os eventuais previlégios que encontramos nas circunstância de produção da casa-cidade: um pedaço de terra, a possibilidade de participação do habitante nos desígnios da construção, não podem ser condição única da possibilidade de construir "autênticas casas". Num contexto de grande potencial, mas de pouca generosidade, deverão ser (re)inventadas formas de ampliação da disponibilidade do edificado para a construção de casas autênticas.

Muita da disponibilidade da casa-cidade é definida pelos objectos de ocupação, e o arquitecto como mediador do habitante e do mercado pode ser o instalador privilegiado dessa disponibilidade para a autêntica casa. Durante a mudança ou do melhoramento, ele pode emprestar à intalação valores de racionalidade e de eficiência, mas também expressivos,

---

4 SIZA VIEIRA, Álvaro. *Viver uma casa*, in SIZA VIEIRA, Álvaro. *01.Textos*. Porto: Civilização ed., 2009, pp. ?.

propondo arranjos mais conscientes, assumindo um papel de incorporador de agentes para a realização da identidade do lugar.

O problema que se coloca aqui é o de permitir a disponibilidade para a realização do habitar quando a proposta de arquitectura para a cidade-casa não é próxima ou configurada com a participação do habitante, mas exterior. Para que essa disponibilidade seja concretizada é importante o arquitecto ter uma consciência da circunstância do lugar, o que é possível e necessário fazer, pois:

> *"Para ele [arquitecto], projectar, planear, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma, a forma correcta que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter cida, vai constituir circuntância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la tão intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem."*[5]

5 TÁVORA, Fernando. *Op. Cit*., p. 74.

5. Desenho, Projecto e Transformação da Cidade

(uma nota final)

> *"A arquitectura da cidade é maioritariamente uma arquitectura de repetição e de continuidade, sujeita a um ritmo quase sempre lento. Talvez por isso surja a tentação, tantas vezes presentes nos nossos dias, de procurar a todo custo a singularidade no que é parte de um tecido contínuo, construindo uma banalidade decorrente de ilusórias e paradoxalmente repetidas originalidades. E contudo, é a qualidade desse tecido imerso e imenso que torna possível a emergência do edifício particular protagonista e intérprete de um desejo ou necessidade que a cidade invoca e assume como símbolo.*
>
> *Compete ao arquitecto atender a tudo o que revela a natureza humana: a procura de estabilidade, mas também desejo, exigência, revolta e identificação. Sob esse impulso podem coexistir persistência de referências e desejo de inovação: possibilidades de invenção."*[1]

As mecânicas produtivas do mercado imobiliário laçaram-se num processo autónomo e burocrático de repetição de modelos. Hoje a grande fatia da produção de habitação é afecta a um sistema económico fortemente liberalizado, o que assume a uniformização e a homogeneidade como príncipio de rentabilidade de um investimento e não com uma eficácia funcional, produzindo indiferenciadamente em qualquer parte do mundo.

A casa, e, por consequência, a cidade, é compreendida pela especulação imobiliária como um produto, chegando ao habitante através de diversas formas de aquisição. Alheias aos processos de assimilação do lugar, ou da satisfação das necessidades que o lugar convoca, a produção da habitação permanece ligada aos desígnios do mercado habitacional. O Codeçal, os Guindais e as Fontaínhas, enquanto lugar de excepção na cidade; onde, além de se sobreporem diferentes tempos na sua transormação, é dotada de uma identidade muito particular na cidade do Porto, merece especial atenção. As relações de vizinhança estão ainda bem presentes no lugar, e a apropriação do lugar pelo habitante é necessária e possível para que o mesmo se realiza. Nos Guindais e nas Fontaínhas não existe a necessidade da "emergência do edifício particular", mas é urgente compreender as "necessidades que a cidade invoca e assume como símbolo", a "qualidade desse tecido imerso e imenso".

---

1 SIZA VIEIRA, Álvaro. *Porquê um arquitecto e porquê eu?*, in SIZA VIEIRA, Álvaro. *01.Textos*. Porto: Civilização ed., 2009, pp. 297-298.

Ao invés disso, o arquitecto permanece resignado às forças do mercado: é quase obrigado a cumprir objectivos de procura e de oferta; colocar mais um quarto para um hóspede num edifício cujo projecto não se adequa à tipologia pré-existente, que não pretende fazer cidade. A necessidade de superar a insuficiência de uma produção de edificado indiferenciada e alienante torna-se uma questão vital para a prática de arquitectura actual. O reconhecimento da imprevisibilidade da especulação imobiliária, da mutação constante das suas prioridades, encontra o eco num modo de construir imediato, muita vez insensível ao lugar onde se insere. Trata-se de um processo que não será auto-suficiente para a cidade, precisa de uma outra estratégia; ele só se completa sobre uma outra forma de construir — a da permanência — que preserva o seu valor nos espaços-entre. A dinâmica entre uma arquitectura de proximidade e de permanência permite tomar em consideração dois sentidos de potencial expansão de intervenção do arquitecto sobre o espaço de habitar.

Um primeiro sentido trata da reconsideração dos processos de construção da cidade através da continuidade na experiência de habitar que será o suporte à realização da cidade-casa. O reconhecimento da condição singular do habitante e da necessidade de reformar a sua cidade em resposta directa às suas necessidades, implica que o espaço construído se constitua disponível para receber os diferentes modos de apropriação do espaço, o que vimos como manifetações da experiência de habitar.

Em *Cartografias de Habitar* procuramos elencar algumas das circunstâncias da Escarpa dos Guindais e das fontaínhas que potenciam a disponibilidade dos espaços construídos que se propõem a receber o habitar. A singularidade das escadas, o percurso que se faz sem o automóvel, permite que as actividades domésticas tomem lugar ao sabor da afinidade entre a pessoa e os ambientes que se vão compondo no espaço. A aproximação do arquitecto ao espaço vivido exige que este conheça bem a circunstância do lugar, a disciplina deixa de ser de produção estrita do intelecto, para se tornar uma prática para encontrar a oportunidade de fomentar a identidade.

Um segundo sentido de expansão da arquitectura e do arquitecto coloca-se no entendimento das transformações do lugar no tempo, o manuseio do existentes face à possibilidade de construir o novo, "desejo de inovação: e possibilidades de invenção". A ideia de continuidade em arquitectura pretende-se com essa leitura no lugar, compreendendo a sua essência. No caso da encosta portuense, mais do que da escarpa dos Guindais e das Fontaínhas, o recurso

a um sistema construtivo de muros e plataformas na tentativa de dominar o solo granítico constitui uma das características essenciais da paisagem. Os espaços de cultivo, o reconhecimento do meio aproxima-nos da questão de Heidegger sobre o habitar-construir.

A aproximação do arquitecto ao trabalho sobre o existente (material e imaterial) e ao contacto com o habitante representam valores que ultrapassam a dimensão pública-privada da cidade. A possibilidade de aproximar o espaço da cidade à satisfação do bem-viver, devolver à cidade estes lugares num contexto particular da cidade, marginalizados nas suas (des)intervenções, poderá constituir-se como indutora de um bem-viver colectivo, a oportunidade, de interligar os espaços públicos, devolver à cidade a relação entre o espaço doméstico e o espaço de lazer.

*

Interrompido a nossa leitura sobre o desenho, projecto e transformação da cidade tendo como objecto de estudo os Guindais e as Fontaínhas, fazemos um balanço provisório.

O entusiasmo com que levamos a cabo a dissertação depressa se revelou exigente e de um amplo estudo. As ambições da sua elaboração, o tempo e a circunstância da elaboração não permitiu mais do que fazer da dissertação um enunciado para tão ambicioso projecto. O carácter exploratório que atribuímos aos apontamentos que toma um vasto campo por explorar (o Codeçal, os Guindais e as Fontaínhas) como ponto de partida para a construção de um instrumento de pensar o papel da arquitectura na cidade, encontra aqui um estado bruto que, aos olhos de um rigor disciplinar, poderá parecer demasiado frágil.

Gostaríamos de ter tomado uma nota mais completa do espaço que visitamos, das leituras que fizemos em pequenos esboços e, infelizmente, não conseguimos expor plenamente em tempo útil. Ficou muito para contar dos recantos do Codeçal, da sua relação com o espaço público e espaço doméstico, as conversas ocasionais com os moradores, dos patamares de Santa Clara, as alterações que a ponte Luís I introduziu no local; nos Guindais, os interstícios urbanos, os pequenos vãos que dão acesso a escadarias-corredores por onde se acedem a habitações; na corticeira e a sua relação com a ruína e com a ponte do Infante. E, por fim, como é que poderiamos pôr todos estes espaços a conversar. Como é que uma articulação entre eles, associado a um sistema construtivos característico da encosta

duriense validaria um sentido de projecto para a cidade. Mais do que isso, faltou aprofundar uma questão essencial para a experiência de habitar, o espaço-entre. Pensá-lo como um espaço onde culminam as diferentes manifestações do habitar, e, através dele, através dos desejos e afectos dos habitantes do Codeçal, das Fontaínhas e dos Guindais, mais do que a especulações imobiliária, podemos pensar o papel da arquitectura e do arquitecto para fazer cidade enquanto demonstração eloquente da arte de viver.

Bibliografia

ALVES, Joaquim Jaime. *A Arquitectura da Água. Chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997.

ALVES, Joaquim Jaime. *Aspectos da actividade arquitectónica no porto na segunda metade do século XVII*. in *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto: FLUP, série II, vol. 2, 1985, pp. 251-272.

ALVES, Joaquim Jaime. *Formas urbanas do Porto setecentista: a praça intramuros*. in *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto: FLUP, série II, vol. 14, 1997, pp. 685-700.

ALVES, Joaquim Jaime. *O convento de Santo António da cidade e a arquitectura no Porto na segunda metade do século XVIII*. in Bibliotheca portucalensis: colectânea de Estudos. Porto: BPMP, 2.ª série, n.º 7, 1992, pp. 65-106.

ALVES, Joaquim Jaime. *O Porto na Época dos Almadas: Arquitectura. Obras públicas.* Porto: Edição de Autor, vol. 1 e 2, 1990.

ALVES, Joaquim Jaime. *Os teatros do Porto na segunda metade do século XVIII*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1994.

ALVES, Natália Marinho Ferreira. *Subsídio para o estudo Artístico do Convento deSanta Clara do Porto nos princípios do século XVIII*. In Revista da Faculdade de Letras, disponível para consulta em: <URL: https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a22_1/apache_media/1C19BI22QGQ6HHJYB2UXG58GYMMMC7.pdf>, consultado em Fevereiro 2017.

ANDRADE, Monteiro. *Plantas Antigas da Cidade : século XVIII e primeira metade do século XIX*. Porto: Câmara Municipal, 1943.

ARAÚJO, Ilídio de. *Jardins, Parques e Quintas de Recreio no Aro do Porto.* Porto, 1979.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço.* 3.ª ed. São Paulo: Martim Fontes, 1998.

BARATA, Francisco. *Transformações e Permanência na Habitação Portuense: as formas da casa na forma da cidade.* 2.ª ed. Porto: FAUP publicações, 1999.

BASTO, Artur de Magalhães [et. al.]. *História da Cidade do Porto*. Porto: Portucalense,

1962-65.

BASTO, Artur de Magalhães. *O recolhimento do ferro*. Porto: Marâmus, 1943.

BASTOS, Carlos. *Nova Monografia do Pôrto.* Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1938.

BESSE, Jean-Marc. *Estar na paisagem, habitar, caminhar*. in CARDOSO, Isabel Lopes. *Paisagem e Património. Aproximações pluridisciplinares*. Porto: Dafne Editora, 2013.

BRAGA, Maria Helena Gil. *A planta da cidade do Porto no século XIX: cartografia e urbanismo*. Porto, C. C., 2011.

CAMPOS, Ezequiel de. *Prólogo ao plano da cidade do Porto*. Porto: Empresa Industrial Gráfica, 1932.

CORDEIRO, José Manuel Lopes. *A indústria Portuense na Época da Exposição Internacional de 1865*. in *Porto 1865. Uma exposição*. Comissariado da Exposição Mundial de Lisboa, 1994.

CORTESÃO, Jaime. *Portugal: a Terra e o Homem.* Lisboa: Artis, 1966.

COSTA, Agostinho Rebelo da. *Descrição topográfica e histórica da Cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001.

COSTA, Alexandre Alves. *Textos Datados*. Coimbra: Edarq, 2007.

CRUZ, António. *O Pôrto Seiscentista: subsídios para a sua história*. Porto: Câmara Municipal, Gabinete da História da Cidade, 1943.

CRUZ, António. *Uma cidade em evolução (O Porto nos primórdios de setecentos).* Porto: Faculdade de Letras, 1974.

FERNANDES, Maria Eugénia. *O Mosteiro de Santa Clara no Porto em meados do século XVIII (1730-80).* Porto: Arquivo Histórico, 1992. Dissertação de Mestrado em História Moderna.

FERNANDES, José Alberto Rio. O rio e a cidade: percursos no tempo e nas margens do Douro. in O Tripeiro. Porto: Associação Comercial do Porto. 7.ª série, ano 18, n.º 10, 1999, pp. 290-295.

FERNANDES, José Alberto Rio; PINTO, Jorge Ricardo. A marginal do Porto, da ponte D. Luís I ao Freixo. in O Tripeiro. Porto: Associação Comercial do Porto. 7.ª série, ano 23, n.º 9, 2004, pp. 268-271.

FERRÃO, Bernardo José. *Projecto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadas: 1758/1813. Uma contribuição para o estudo da cidade Pombalina*. Porto: FAUP publicações, 1989.

FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita. Pós-modernidade na Arquitectura Portuguesa Anos 60-Anos 80*. Coimbra: FCTUC, 2009, Dissertação de Doutoramento.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas. *Toponímia Portuense*. Matosinhos, Contemporânea Editora.

GARRETT, Antão de Almeida. *Aqueductos, Fontes e Chafarizes do velho Porto.* in *Boletim Cultural*. XXIV (1-2), 1961, pp.107-203.

GUIDONI, Enrico. *La città Europea: formazione e significato dal IV all'XI secolo.* Milão: Electa [Cop. 1978].

HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar*. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: <URL: http://www.prourb.fau.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>.

LEAL, Augusto Pinho. Portugal Antigo e Moderno. Lisboa: s.e., 1990.

LOOS, Adolf. *Adolf Loos: escritos*. Edição a cuidado de Adolf Opel e Josep Quetglas, tradução de Alberto Estévez [et. al.]. Madrid: El Croquis, 1993, Vol. 2 (1910-1932).

MACHADO, António de Sousa. *As origens da cidade do Porto*. s.l.: Edição de Autor, 1980.

MACHADO, Carlos Manuel de Castro Cabral. *Anonimato e Banalidade: arquitectura popular e erudita na segunda metade do século XX em Portugal*. Porto: FAUP, 2006, 2. vol., Dissertação de Doutoramento.

MACHADO, António de Sousa. *As Origens da Cidade do Porto: o problema de Portucale*. 2.ª ed. [s.l.]: Edição de Autor, 1980.

MAGALHÃES, Maria Madalena Alegro de. *A indústria do Porto na primeira metade do século XIX*. in *Revista da Faculdade de Letras*. Geografia. I. série, (4). Porto, 1988, pp. 111-155.

MANDROUX. Marie Thérèse. *Quatro fases da urbanização do Porto do século XVIII*. Porto: Câmara Municipal, 1985.

MONESTIROLI, Antonio. *La arquitectura de la realidad.* Barcelona: Ediciones del Serbal, 1993.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. 2.ª

ed.: São Paulo: Martim Fontes, 1982.

NONELL, Anni Günther. *Porto, 1763/1852: a construção da cidade entre o despotismo e o liberalismo*. 1.ª ed. Porto: FAUP publicações, 2002.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Habiter: vers une architecture figurative*. Milão: Electa, 1985.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: Spirit of place. Towards a Phenomenology of Architecture*. 1.ª ed. New York: Rizzoli, 1980.

OLIVEIRA, J. M. Pereira de. *Directrizes viárias do desenvolvimento urbano do Porto*. 1973. [Artigo disponível para consulta em: <URL: *http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6518.pdf*>, consultado em Junho de 2016.]

OLIVEIRA, J. M. Pereira de. *O espaço urbano do Porto: condições naturais e desenvolvimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1984.

OLIVEIRA, Marta Maria Peters Arriscado de. *Arquitectura Portuguesa do tempo dos descobrimentos: assento de prática e conselho cerca de 1500*. Porto: FAUP, 2004, 3 vol, Dissertação de Doutoramento.

PINTO, Jorge Ricardo. *O Porto Oriental no final do século XIX: crescimento e transformação urbana (1875-1900)*. Porto: Edição de Autor, 2005.

PINTO, Jorge Ricardo. *Pena Ventosa, o morro primordial*. In *O Tripeiro*. 7.ª série, n.º 11, 2014, pp. 328-330.

PORTO, Arquivo Histórico da Câmara Municipal. *Álbum de Cartografia Portuense: alguns exemplares anteriores à carta de 1892*. Porto: Câmara Municipal, 1992.

RAMOS, Luís A. de Oliveira. *História do Porto*. Porto: Dafne Editora, 1994.

REAL, Manuel Luis. *Uma cartografia exemplar: o Porto em 1892*. Porto: A. H. P., 1992.

REIS, Henrique Duarte e Souza. *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Porto: BPMP, 1984.

RYKWERT, Joseph. *La casa de Adán en el paraíso*. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

ROSSI, Aldo. *L'architettura della città*. 3.ª ed. Milão: Città Studio Edizioni.

ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Cosmos, 2001, tradução de José Chartes Monteiro.

RUDOFSKY, Bernard. *Architecture Without Architects. A short introduction of a non-pedigreed architecture*. 3.ª ed. Albuquerque: University of New Mexico, 1995.

SILVA, Francisco Ribeiro da. *O Porto e o seu termo 1580-1640: Os homens, as instituições e o poder*. Porto: Edição de Autor, 1985. Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SILVA, Madalena Pinto da. *Forma e Circunstância: A praça na cidade portuguesa contemporânea.* Porto: Edição de Autor, 2009. [Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arqiutectura da Universidade do Porto].

SIZA VIEIRA, Álvaro. *Imaginar a Evidência*. 2.ª ed. Lisboa: Edições 70, 2013.

SIZA VIEIRA, Álvaro. *01. textos.* Porto: Civilização ed, 2009.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Diferencias: topografia de la arquitectura contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

TAVARES, Rui. *Carta topographica da cidade do Porto que foi mandada levantar na escala 1/500 por ordem de...* Porto: Câmara Municipal, 1992.

TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*. 8.ª ed. Porto: FAUP publicações, 2008.

TÁVORA, Fernando. *Nulla dies sine linea. Fragmentos de una conversásion con Fernando Távora*, 1998, entrevista por Carlos Marti Aris para a revista DPA.

VAN EYCK, Aldo. *The Child, the City and the Artist: an essay on architecture*. s.l.: Sun, 1962.

MORIN, Edgar. *O Caminho para o futuro da humanidade*. in Fronteira do Pensamento: Porto Alegra, 2011. Disponível para consulta em: <URL: https://www.youtube.com/watch?v=mFB9VcaclU&t=519s>, consultado em Novembro 2016.